U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

# A Cela: arquitectura do (pré)conceito - reclusão | colectividade

Filipa Russell Alves

**M**

**2017**

U.PORTO

**Filipa Russell Alves**. A Cela: arquitectur
reclusão | colectividade

**A Cela: arquitectura do (pré)conceito**
**reclusão | colectividade**

Filipa Oliveira Russell Cerqueira Alves

FACULDADE DE ARQUITECTURA

**M**.FAUP **2017**

# A Cela: arquitectura do (pré)conceito
## reclusão | colectividade

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

FAUP

2017

ORIENTADOR: PROFESSORA DOUTORA ANA SOFIA PEREIRA DA SILVA

FILIPA OLIVEIRA RUSSELL CERQUEIRA ALVES

*aos meus avós*

A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
As citações apresentadas no corpo de texto foram transcritas na língua de origem das fontes consultadas, salvo quando especificado.

# agradecimentos


À minha mãe, por tudo... (se começasse a enunciar o porquê não me chegariam as páginas) - pelo mundo, e mais ainda!

À minha irmã, minha metade, pelos conselhos e horas intermináveis que me dispensa. Por me aturar e ler como ninguém.

Ao meu pai, pelo carinho, atenção e esforço de adaptar as suas vivências à minha especialidade. Por compreender que arquitectura é mais que rabiscos num papel.

Ao Pedro Nuno, segundo maior crítico do meu trabalho. Pela constante tentativa de estar e de me encaminhar no que só ele sabe me faz feliz.

Aos meus avós maternos, pelo esforço de acompanhar, pela companhia constante, pelo acreditar de avó e avô, que ultrapassa as barreiras do razoável. Sobretudo, pelo mimo.

Aos meus avós paternos, que - onde estejam - espero que recebam este carinho.

À minha orientadora, a Professora Doutora Ana Sofia Pereira da Silva, pela infindável paciência e compreensão. Por me aturar nas dúvidas infinitas e questões transcendentais. Acima de tudo, por acreditar em mim.

Ao Tó, companheiro de noitadas, saco de boxe, e ajuda profissional de maquetas. Pelas opiniões sinceras e aprendizagem incessante.

Às minhas Filipas, Rocha e Melo, amigas do coração, longe da arquitectura, mas sempre prontas a uma palavra amiga; uma infinita presença, apesar da distância.

À Maria Inês, amiga incansável. Pelo apoio incondicional e compreensão sem fim.

Ao Luís, à Inês, à Marta, pela amizade impagável.

Aos amigos do Porto, principalmente ao Jorge, mais que família; ao Daniel, tão humilde como brilhante; e à Alexandra, coração docinho de amiga.

Aos Professores que me acompanharam neste percurso, por me ensinarem que o verdadeiro objectivo é efectivamente aprender a pensar.

À Irmã Lurdes, gratidão pela influência positiva, base do que um dia me tornarei.

Uma menção ainda à minha companhia diária - tanto no curso como na dissertação - a D. Emilia e os meus gatos, esses sim, que me aturam irremediavelmente.

A todos os que me acompanharam ao longo dos seis anos deste percurso intenso, mas que injustamente não pude mencionar pela escassez do papel: às palavras amigas e abraços fortes; espero que saibam a importância que tiveram.

# resumo

A presente dissertação tem como objectivo a redefinição do actual conceito de cela através de um pensamento arquitectónico e inclusivo, baseado no estudo da organização do espaço celular em inter-relação com o que o envolve e simultaneamente caracteriza.

O preconceito associado a este arcaico e redutor pré-conceito leva a uma definição desprovida de qualquer tipo de análise ou padronização no que ao carácter da reclusão diz respeito, bem como à relação do espaço com o indivíduo, com os outros e com o meio onde se insere.

Através de um inicial questionamento de celas ligadas ao imaginário comum, parte-se para o estudo das suas características enquanto dependentes de estruturas colectivas e vigilantes.

Originalmente ligadas apenas a contextos religiosos ou punitivos, relacionam--se então também - e alterando a sua pré-definição -, à saúde (física|mental) e à residência alternativa; lugares onde o habitar exclui a componente doméstica, em busca do isolamento pretendido - pelo próprio ou por outrém.

A dissertação suporta-se em bibliografia de referência para contextualizar o leitor, numa primeira fase, acerca da origem destes contextos reclusionários; e simultaneamente partir para um questionamento apoiado também na análise de aspectos particulares das unidades celulares. Por fim, através da apresentação de casos de estudo concretos, é possível por um lado, comprovar o anteriormente analisado; e por outro, compreender de modo concreto a abrangência destas celas e urgência de reajuste da sua redefinição - esta sim, assumindo a sua complexidade e inter-disciplinaridade.

# palavras-chave

cela, reclusão, colectividade, vigilância, apropriação, limite, abstracção, identidade

# abstract

This thesis has the goal to redefine the current concept of cell through an architectural and inclusive thinking, based on the study of the cellular space's organization in interrelation with what involves it and simultaneously characterizes it.

The preconception associated with this archaic and reductive pre-concept leads to a definition deprived of any kind of analysis or standardization in what concerns the reclusion's character, as well as the space's relation with the individual, with others and with the place where it's located.

Through an initial questioning of cells linked to the common imaginary, one begins to study its characteristics as dependent of collective and vigilant structures.

Originally linked only to religious or punitive contexts, they are also related - and changing their pre-definition -, to health (physical|mental) and to alternative residence; places where the act of inhabit excludes the domestic component, in the search of the desired isolation - by the own or by another.

The thesis is supported in reference bibliography to contextualize the reader, primarily, about the origin of these reclusionary contexts; and simultaneously proceed to a questioning also supported in the analysis of particular aspects of the cellular units. Finally, through the presentation of concrete case studies, it's possible on one hand, to prove the previously analyzed; and on the other hand, to understand concretely the scope of these cells and the urgency to readjust their redefinition - this, assuming its complexity and inter-disciplinarity,

# keywords

cell, reclusion, collective, vigilance, apropriation, limit, abstraction, identity

# objecto de estudo e metodologia

## objecto de estudo

Parta-se das (in)definições de cela abaixo. Apropriemo-nos destas.

*diminuto quarto de dormir; alcova, recâmara || nos conventos, aposento de um religioso || nas penitenciárias e estabelecimentos afins, compartimento de prisioneiro(s) || qualquer cómodo de reduzidas dimensões || pequena casa; casinhola || casa no campo, cujo(s) habitante(s) cuidava(m) da lavoura das terras de um mosteiro || casa em que se recolhiam mulheres para seguir uma vida pia e penitente || câmara principal dos templos clássicos, aonde somente os sacerdotes tinham acesso || toda a estrutura central de um templo clássico; nave || alvéolo ('cavidade da colmeia')* [1]

[1] *in* Instituto António Houaiss da Língua Portuguesa - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005, p. 1911.

Etimologicamente, cela, do latim *cella,ae, 'lugar em que se guarda alguma coisa, despensa, adega, celeiro, pequeno compartimento, casinha'* [2], objecto de estudo da presente dissertação, deriva do conceito de célula, alvéolo, cubículo ou pequeno quarto. De acordo com esta redutora explicitação do conceito, esta é imediatamente caracterizada pela sua função - dormir -, pelas suas dimensões mínimas ou pelo seu ocupante - o religioso ou o presidiário.

[2] *çela* ou *cella* no século XIV, *çellazinho* no século XV, de acordo com: Instituto António Houaiss da Língua Portuguesa; *in* Ibid.

A definição de cela denuncia a discrepância do conceito, saltando rapidamente entre caracterizações plausíveis de se excluírem mutuamente e nunca referindo a reclusão como essencial à sua definição. O recurso simultâneo e irreflectido a termos como quarto, aposento, casa ou câmara - associados a diferentes características, nomeadamente no que às dimensões, funções e complexas dinâmicas respeita -, releva a urgência da sua redefinição e actualização.

Partindo da ideia pré-concebida de cela como espaço do máximo isolamento - tome-se como exemplo o caso do eremitério -, procura-se proceder a uma interpretação das suas características e questionamento da sua viabilidade; passando para contextos de inclusão de celas em equipamentos colectivos, tema que apresenta maior destaque no desenvolvimento da presente dissertação, pelas complexas relações que estabelece, internamente, com os programas que envolvem as celas, e entre si.

*A cela (...) acomoda-se perfeitamente com a vida comunitária, que lhe oferece habitualmente um contraponto, um equilíbrio. Mas será suficiente?* [3]

[3] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 321.

A ideia de reclusão implica à partida o favorecimento da individualidade, pelo que usualmente se classifica cela apenas no constrangimento espacial do seu perímetro, ou seja, enquanto espaço individual, porém esta pode também ser plural - sendo ocupada por mais que um indivíduo. Paradoxalmente, a unidade de reclusão assume-se quanto mais colectiva se apresenta *à priori*, ou seja, a cela

não é encarada apenas como o espaço de reclusão fechado individual, mas sim na relação que o colectivo apresenta com esta unidade.

*A engenhosidade do retiro, do esconderijo, é inimaginável, tanto mais que a pressão da colectividade se torna mais forte: estar numa caserna, num hospital, num internato, numa prisão, é uma obsessão. (...) A multidão impele ao retiro.*[4]

A recorrente análise do todo e das partes obriga a uma intencional abstracção inicial no carácter do programa escolhido, pelo que a cela é também comparada em programas que extrapolam amplamente o carácter religioso ou punitivo - a que a corrente definição se associa -, como equipamentos de cuidados de saúde e residências alternativas. Assim sendo, os temas representam diferentes tipologias que apresentam em comum as dinâmicas criadas pela vivência da cela e dos seus espaços complementares.

Apesar de o quarto na casa poder remontar a uma ideia de reclusão, intimidade e semelhança organizacional relativamente à cela, apenas alternativas à residência tradicional são exploradas enquanto materialização do espaço celular, pela ausência das componentes familiar e doméstica. Na sua presença, os totais anonimato e isolamento não são possíveis; a sociabilidade além de imposta é frequentemente requerida; a subsistência tem de ser garantida pelo próprio ou envolver uma dimensão comum e familiar; bem como, o quarto não se associa directamente a limites temporais ou de apropriação, a não ser impostos pelo próprio.

As celas dependentes de um conjunto de espaços colectivos regulados regem-se pela categoria onde se inserem, pelo carácter da reclusão e pela temporalidade. Estes factores influenciam o seu desenho, diferente consoante o tempo e as sobreposições das condições da reclusão requeridas- voluntária|imposta; máximo isolamento|contacto com a sociabilidade.

Quatro categorias são então exploradas - associadas à religião (Le Corbusier, convento de *La Tourette*, Eveux-sur-Arbresle, França, 1957-1960; punição (John Haviland, *Eastern State Penitentiary*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1821); saúde, física (Alvar Aalto, sanatório de tuberculose, Paimio, Finlândia, 1928, 1929-1933) ou mental (José Maria Nepomuceno, pavilhão de segurança do hospital Miguel Bombarda, Lisboa, Portugal, 1896); e residências alternativas, das quais o hotel (Frank Lloyd Wright, hotel Imperial, Tóquio, Japão, 1914, 1915-1922), a residência (Louis Kahn, residência de estudantes, *Erdman Hall dormitories*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1960-1964), ou ainda o orfanato (Aldo Van Eyck, orfanato municipal, Amesterdão, Holanda, 1955-1957, 1958-1960).

O estudo dos seus elementos constituintes revela-se da maior importância na compreensão total da cela, dando aso ao aprofundamento da análise da sua relação com o próprio, com a comunidade e com o lugar onde se insere; e levantando questões fulcrais ao seu entendimento como o carácter da reclusão, a identidade|anonimato, a presença do outro, a transição para o equipamento, a presença do limite ou a luz|cor.

[4] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 73.



## metodologia

*a nossa particular preocupação é que a análise deste discurso arquitectónico não seja suficiente em si mesma para explicar o surgimento de formas específicas, a derivação de tipologias e a completa concatenação de uma genealogia espacial. E a razão para isto é que o discuso só se faz sentir dentro de um "contexto"* [5]

Considerando a arquitectura na sua interdisciplinaridade, o método utilizado para a elaboração da presente dissertação consiste numa constante aproximação a outras áreas e apropriação do conhecimento para a arquitectura, informando-a. Através do recurso a bibliografia de referência para a construção do tema, bem como monografias de arquitectos - particularmente os destacados na escolha dos casos de estudo -, cria-se uma lógica complementar entre exemplos de arquitectura e o entendimento do espaço no seu todo, em relação directa com o indivíduo.

A (re)definição de um actualizado conceito de cela não tem a ver apenas com questões epistemológicas, mas da produção de conhecimento duplo, adequado aos dias de hoje, relacionando-se com um modo crescente de habitar o espaço - intimamente relacionado com a presença flagrante da tecnologia -, o isolamento na colectividade.

*deves aprender a desconfiar das palavras se não quiseres viver como um idiota. Eu hesitaria utilizar o termo janela, quando ela não dá para o exterior. Uma porta que dá para um pátio interior ou para um jardim rodeado de muros e fechado por portas vigiadas, não é certamente uma porta.*[6]

Na impossibilidade de visitar pessoalmente todas as obras analisadas - pela distância ou encerramento ao público de muitos destes espaços -, expandiu-se o leque da pesquisa de modo a obter um conhecimento espacial o mais informado possível em todas as vertentes - imagem, desenho, texto. Frequentemente se assiste no decorrer da dissertação ao recurso a imagens menos divulgadas ao público, exactamente pela pesquisa plural e tentativa de fuga ao cânone que a caracteriza.

O desenho das celas - fulcral à dissertação, pelo levantamento de problemáticas específicas associadas a um melhor entendimento espacial -, revelou-se de complexa execução pela ausência de informação direccionada ao espaço individual. Deste modo, resulta da sobreposição do maior número de elementos, tentando produzir uma aproximação à cela o mais precisa possível. Informado por desenhos do autor - usualmente plantas|cortes|alçados gerais do equipamento - que permitem manter a proporção espacial -; monografias; fotografias - que possibilitam o cálculo de  medidas por aproximação -; e outros elementos gráficos encontrados, como levantamentos; foi possível um acrescento sucessivo de camadas que se foram completando até ao desenho final. [7]

[5] *in* TEYSSOT, Georges - *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios - Arquitectura e Urbanismo*. Coimbra: Edições 70 e e|d|arq, 2010, p. 39.

[6] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 148.

[7] instrução ao leitor relativa ao desenho das celas:
precisamente pela complexidade associada ao desenho do espaço celular, a cor atribuída à linha apresenta um significado próprio.
A linha a preto tem um carácter mais definitivo, baseando-se frequentemente em desenhos, ou do seu cruzamento com levantamentos encontrados;
a linha a verde representa a obtenção de medidas por aproximação, nomeadamente através de fotografias;
por fim, a linha a azul é apenas uma indicação métrica que vai surgindo em algum dos elementos encontrados com cariz mais definitivo, como no decorrer do texto ou nos elementos gráficos rigorosos.

# sumário


**um.**
**apresentação, a cela: discrepância do conceito**
0. problema: preconceito e pré-conceito 19

**dois.**
**a cela no equipamento colectivo**
1. a célula dependente 31
I. o sentido do próprio 43
reclusão máxima: a cama, a mesa, o oratório
quarto - cela, memória e identidade: o armário, o espelho
jaula - cela, singular e|ou plural: o gradeamento, o biombo, a cortina
II. o lugar na comunidade 57
transição: a porta, o corredor
III. o contacto com o mundo 63
limite | vão: da janela, da clarabóia; a varanda, o pátio
(a cortina, o gradeamento, o estore; a porta, o muro)

**três.**
**abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo**
1. religião 71
(Le Corbusier, convento de *La Tourette*, Eveux-sur-Arbresle, França, 1957-1960)
2. punição 83
(John Haviland, *Eastern State Penitentiary*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1821)
3. saúde 95
física:
(Alvar Aalto, sanatório de tuberculose, Paimio, Finlândia, 1928, 1929-1933)
mental:
(José Maria Nepomuceno, pavilhão de segurança do hospital Miguel Bombarda, Lisboa, Portugal, 1896)
4. residência alternativa 115
(Frank Lloyd Wright, hotel Imperial, Tóquio, Japão, 1914, 1915-1922)
(Louis Kahn, residência de estudantes, *Erdman Hall dormitories*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1960-1964)
(Aldo Van Eyck, orfanato municipal, Amesterdão, Holanda, 1955-1957, 1958-1960)

**quatro.**
**considerações finais**
. do (pré)conceito à redefinição 151
. anexo: quadro - síntese 163

**cinco.**
**referências bibliográficas**
1. livros 167
2. outras fontes relevantes 171
3. créditos iconográficos 175

# um.
# apresentação,
# a cela: discrepância do conceito

# 0.
# problema: preconceito e pré-conceito

A reclusão e a sua necessidade inerente ao ser humano reflecte-se e caracteriza-se simultaneamente pelos espaços que ocupa.

Inerentemente ligada ao íntimo individual - espaço de máxima privacidade e interioridade -, associa-se rapidamente ao quarto, na lógica doméstica quotidiana, apenas se revelando totalmente materializada na cela.
A ausência da domesticidade em contextos celulares reforça consequentemente outro tipo de mecanismos de vigilância e controlo - anónimos - que apenas regulam comportamentos desviantes, permitindo e exacerbando o carácter isolado da cela.

A sua semelhança com o diariamente habitado e hiper-questionado quarto - isolamento pessoal - contraposta com a sua total descontextualização em tipologias distintas do contexto familiar e associada a factores passíveis de influir na sua definição - mas que pelo contrário, são sistematicamente anulados, como o cariz voluntário ou imposto da reclusão -; levam à procura de pontos de convergência que justifiquem uma alteração do conceito decorrente de uma intuição espacial.

Em que contextos existe? De que depende? Quem a ocupa? O que a caracteriza? O que contém?

A arquitectura do (pré)conceito relaciona-se directamente com o desmontar desta confusa e compartimentada interpretação da tipologia da cela, envolta em preconceitos, tornando possível a transformação deste arcaico pré-conceito numa abrangente e actual compreensão.

Relacionado de modo redutor a contextos de exclusão ou especificidade social, acaba por passar para segundo plano no pensamento do espaço, apesar de eventualmente constituir em determinado momento, parte activa na vida do indivíduo, nomeadamente associado a questões urgentes ou emergentes.

Através de uma assumida abstracção programática que pretende descolar a cela apenas de contextos relacionados com o senso comum, o objectivo é explorar temas coincidentes na sua organização espacial individual e em relação com a comunidade onde se inserem, tendo em conta factores cruciais como a vigilância, o limite ou a apropriação.

*A 'cella' designa, em primeiro lugar, o alojamento de um solitário, eremita ou recluso* [1]

Na tentativa de desmistificar este conceito arquitectónico, amplamente propagado enquanto uno e inequívoco, importa analisar inicialmente o modo

[1] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 88.

como a reclusão se manifesta na sua forma mais extremada, assumindo uma autossuficiência passível de questionamento. Desmonte-se o pré-conceito.

Impondo-se pela sua independência, a cela autossuficiente deve, em teoria, constituir por si, um objecto arquitectónico capaz de conciliar todas as funções básicas do habitar. Aqui, a fuga e a reclusão estão presentes, porém, o aparente isolamento, em busca de um contacto mais aprofundado consigo ou com a natureza, levanta muitas dúvidas no que diz respeito não tanto a uma vertente moral - passível de conciliar com esta alienação do espaço social -, mas à concretização funcional da arquitectura enquanto capacitadora de dinâmicas intrínsecas ao quotidiano. Até que ponto se considera a autossuficiência? Quais são os seus limites? Reflicta-se acerca das dinâmicas, possivelmente externas, necessárias à execução de algumas tarefas básicas.

Remontemos à vida eremítica em busca de algumas respostas às questões que aqui se levantam e na tentativa de explorar inicialmente o conceito de reclusão essencial à constituição da cela, dado esta ser antecedida exactamente por uma procura predominantemente solitária pela purificação e pelo sacrifício.

A sua origem, cristã, reporta ao século IV, com a migração dos monges para os desertos do Egipto, Síria, do Sinai e da Palestina, através da qual se retiravam para o elemento adverso ao Homem, na tentativa de realizar uma melhor correspondência com o definido por Peter Sloterdijk como o *absolutamente outro* [2], ou seja, Deus.

Como alternativa a uma sociedade predominantemente politeísta, optam por isolar-se, excluindo-se por convicção e comprovando a força da sua devoção, que, na sua óptica, os alimenta e permite a sua subsistência. Em função da criação de um novo mundo paralelo em directa comunicação com o divino, escapam para um local simultaneamente vazio e infértil à criação de tudo o que os relembra de onde fogem, ou seja, das tentações que os afastam do seu objectivo de purificação.

Este *esforço dos isolados e solitários pela correspondência com a unidade do celestial fundamento universal* [3], tem por base a desvirtuação e consequente anulação do mundo cognoscível, numa relação singular do Homem com Deus; tanto na *caverna árida* [4] do eremita, como na vida celular a que o monge se converte. Observe-se que apesar de ambos constituirem um isolamento ligado à religião com semelhante objectivo de reclusão, a relação com o social se manifesta de modo diferente.

*não quer então nem ser nem ter nada próprio; sobretudo, nem vontade nem mundo próprio.* [5]

O eremita procura, através da anulação do espaço, do despojamento de bens e de pessoas - objectos mundanos do pecado -, purificar-se. Ao excluir o mundo da tríade Homem-mundo-Deus, renuncia então às inquietações às quais as relações corpóreas o sujeitam, encarando o corpo como meio condutor para estados impuros. Em suma, o objectivo é evitar que o mundo interfira através do corpo na

[2] *in* SLOTERDIJK, Peter - *O Estranhamento do Mundo*. 1ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2008, p. 57.

[3] *in* Op. Cit., p. 56.

[4] *in* Op. Cit., p. 58.

[5] *in* Op. Cit., p. 63.



um. apresentação, a cela: discrepância do conceito

relação entre Deus e a alma, assim como Sloterdijk refere citando Agostinho.

Se por um lado a alma padece de uma necessidade de fuga do cognoscível, por outro, a procura pelo deserto implica uma reacção física de procura ou construção do abrigo. O corpo é sujeito a inúmeras privações - questionamento dos limites: isolamento, sono, fome, condições adversas - pela obtenção de um estado superior na relação divina, o que se manifesta frequentemente pelas condições de habitabilidade suportadas. Uma ínfima cavidade de pedra pode manifestar-se como a ideal materialização da reclusão, reforçando o máximo desprendimento da vida terrena.

O deserto - abertura total da alma - contrasta com a dimensão dos espaços de refúgio por vezes adoptados, levantando a questão da auto-imposição de limites e necessidade de espaço próprio - consequentemente associada à construção da cabana primitiva -, mesmo nestes contextos em que o desprendimento é o objectivo pretendido.

*Este é o caminho do eremita enquanto ele for deste mundo. Ele abandona uma ilha por outra ilha: são tantas as diferentes experiências espirituais por que ele passa quantas as ilhas, até que finalmente ele dirige os seus passos para a cidade cujos habitantes não viajam mais e onde cada um está preenchido com aquilo que tem.* [6]

O caso do eremita demonstra em simultâneo a génese da fuga do mundo e a sua alienação aliada à componente divina, no entanto, estas nem sempre se encontram interligadas. Parcialmente exploradas e desmistificadas, ainda que de um modo introdutório, algumas das argumentações associadas à corrente definição de cela coladas à sua origem - pré-conceito -, observem-se alguns dos preconceitos sociais traduzidos em contrastes e contradições espaciais.

Aprofundando a ideia de um asilo utópico - aqui sem a componente divina, mas mantendo a ideia de reclusão -, surgem os casos dos artistas, que fazem do retiro condição necessária à criação, anulando também o mundo para se focarem numa ligação mais directa com o trabalho intelectual que levam a cabo.

Tanto o eremita como o artista traduzem, para o senso comum, uma parte considerável da totalidade de intemporais ocupantes da cela, dita autossuficiente - juntamente com o louco, o monge, o presidiário e o sequestrado - cujo aspecto em comum *à priori* é a tentativa de anulação das componentes social e doméstica, que ao existirem consistiriam impedimento ao anonimato e isolamento visados.
Este pensamento - preconceito social - reflecte-se na bibliografia consultada e deixa antever, novamente, algumas contradições, nomeadamente no que diz respeito à autossuficiência a nível social ou ao carácter da reclusão.

Mais uma vez, e de modo mais evidente, questiona-se a autossuficiência destes retiros que deixam deduzir uma dependência de outros espaços, mesmo quando auto-infligidos - eremita e artista. Enquanto que o primeiro é alegadamente autossuficiente a nível social (paradoxo) e material, o segundo pode apenas anular|negar a componente social, encontrando-se dependente da colectividade.

[6] *in* SLOTERDIJK, Peter - *O Estranhamento do Mundo*. 1ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2008, p. 57.



1. frames de *Solutions* (1992), de Absalon.

Assim como os escritores tentavam recriar - dentro das suas limitações domésticas - as características icónicas de uma cela, também o artista israelita Absalon o manifestou no seu trabalho. Através do conteúdo multimédia de *Solutions* - de 1992, acima - e da construção de pequenas unidades de habitação para um ocupante, com cerca de 4 a 9 m², a localizar-se em espaços públicos de seis cidades - *cellulles,* 1993, abaixo -, ele reflecte acerca dos limites e dinâmicas do espaço individual.
Ajustadas espacialmente ao corpo de um só indivíduo - e mimetizando a utopia associada ao isolamento e rapidamente ligada à autossuficiência -, deveriam coadunar-se com uma vivência quotidiana regular e com a procura pelo esconderijo, contemplação e auto-reflexão; representando um pensamento sobre o espaço da cela, aqui associado a uma componente doméstica que o influencia.





2. fotografias de uma exposição de *cellulles* (1993) de Absalon - modelos em maqueta



3. fotografias de uma exposição de *cellulles* (1993) de Absalon - modelos à escala 1:1





Estes *reclusos semi-voluntários* [7] - parafraseando Michelle Perrot -, referem como essencial além da reclusão, o carácter anónimo da cela, de despojamento, ausência de identidade própria, comum ao que se tem observado - *uma cela nua, quatro paredes brancas, teriam a minha preferência* [8]. Note-se o trabalho do artista plástico Absalon a respeito da sua interpretação do espaço da cela - ver imagens. Kafka, Dominique Fernandez, Marcel Proust, Ernst Junger ou Emily Dickinson são alguns dos exemplos de escritores que se isolaram de diversas maneiras em busca da cela anónima. Sonham a exclusão destes retiros do espaço doméstico, porém, face à adversidade, tentam replicá-lo o máximo possível no interior de um compartimento das suas casas, encerrando-se, revestindo o quarto de cortiça, na tentativa de os aproximar ao seu impessoal espaço de eleição - *arranjei uma cela de eremita no sótão* [9].

*O meu sonho é a cela do monge, a prisão, o asilo, as quatro paredes caiadas, uma longa mesinha para escrever. Olhar para o céu através de um buraco feito na parede. Comer pouco, numa cavidade arranjada, se possível, na própria mesa.* [10]

Note-se ainda os casos de Jean-Pierre Raynaud ou Jeannot, mais complexos pela componente de saúde mental que implicam, mas que demonstram claramente esta necessidade de reclusão e as formas variadas em que esta se manifesta.
Jean Raynaud, artista plástico, *contra a luz intrusiva e ofensiva, contra o exterior, fonte de agressão e de morte, decide construir uma casa-búnquer que seria, ao mesmo tempo, o seu domicílio, o seu ateliê, a realização de um espaço mínimo e um manifesto. Suprime todas as aberturas, à excepção de uma seteira [fresta]. No centro de blockhaus arranja um quarto ladrilhado, de uma pureza absoluta, como o quarto de um queimado em primeiro grau num hospital, com uma cama muito sofisticada.* [11]
Jeannot, artista esquizofrénico, após o suicídio do pai e morte da mãe, que ele sepulta sob as escadas, *não sai mais do quarto e começa a gravar um texto no chão, à volta da sua cama.* [12] - explicitados nas páginas seguintes.

Além da distinção entre a possibilidade de autossuficiência material e social, ou apenas social; importa ainda ressalvar a oposição entre os casos em que esta é eleita ou imposta. Os exemplos dados até este momento, reflectem sempre uma escolha no que diz respeito ao retiro - apesar de se poder questionar se quando existe uma doença psiquiátrica, esta escolha é de facto eleita ou imposta - no entanto, de modo a proceder a uma análise mais aprofundada destes conceitos relativos à cela e ao isolamento, levantam-se outro tipo de questões.

Remontar a exemplos apresentados no contexto das celas dependentes da colectividade no presente capítulo - aparentemente oposto - tem como objectivo levantar a dúvida em relação a este carácter de autossuficiência, ou dos elementos que a caracterizam, nomeadamente o tempo.

Também, e apesar de se incluirem em equipamentos colectivos, se pode questionar se algumas das celas apresentadas em contextos como a religião, a punição ou a saúde, não se poderão tipificar enquanto autossuficientes, relativamente a uma limitação da componente social. Fala-se das celas em reclusão dos monges, das solitárias ou dos quartos de isolamento, onde apesar da subsistência ser garantida através de mecanismos exteriores à cela relacionados

[7] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 108.

[8] *in* Op. Cit., p. 98, *citando* Dominique Fernandez.

[9] *in* Op. Cit., p. 97, *citando* Ernst Junger.

[10] *in* Op. Cit., p. 98, *citando* François Coupry.

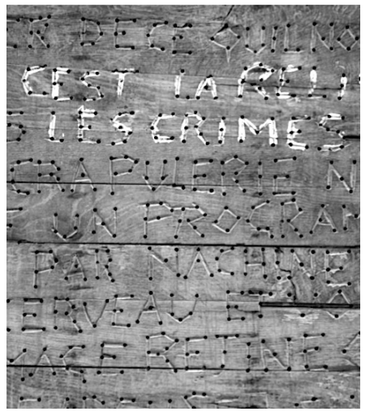
[11] *in* Op. Cit., p. 306.

[12] *in* Op. Cit., p. 307.

O quarto revestido a cortiça de Marcel Proust situava-se, no início do século XX, no número 102 da boulevard Haussman. Actualmente, encontra-se exposto no Museu Carnavalet, em Paris, algum mobiliário, que apesar de não o representar integralmente, reflecte a decoração dos três espaços habitados por Proust em Paris, após a morte da sua mãe, em 1905 (na imagem). O quarto mais intensamente vivido, experienciado e apropriado - até 1919 - foi o referenciado, revestido a cortiça, que demonstra o modo como este artista explora a interioridade, através da obra literária e manifestando-se consequentemente no espaço que habita. A necessidade de bloquear totalmente o mundo exterior reflecte-se no uso da cortiça enquanto barreira sonora e no constante encerramento através das persianas e cortinas de cetim azul, que faziam com que a única fonte constante de luz fosse um candeeiro verde. A mesa de trabalho acompanhou-o sistematicamente, tornando-se o objecto da máxima reclusão, dado o objectivo do retiro ser a escrita e ocupando consequentemente a maior parte do seu tempo.

Jeannot, esquizofrénico, como consequência à morte da mãe, em 1971 - enterrada a pedido do filho sob as escadas da cozinha de sua casa - move a sua cama para a sala de jantar, aumentando a proximidade, e inicia a gravação de controversos escritos no chão de carvalho do seu quarto. Estas oitenta linhas de conspiração religiosa que incluia Hitler, os Papas e a máquina, foi descoberta *post-mortem* - Jeannot morre à fome sete meses após a morte da sua mãe -, e em 1993, o soalho foi removido e protegido. Passa inicialmente por várias exposições de arte, enquanto arte acidental, nomeadamente na Biblioteca Nacional de França, mas após controversas reacções, é re-localizada no exterior do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Sainte Anne, em Paris, onde se mantém actualmente.

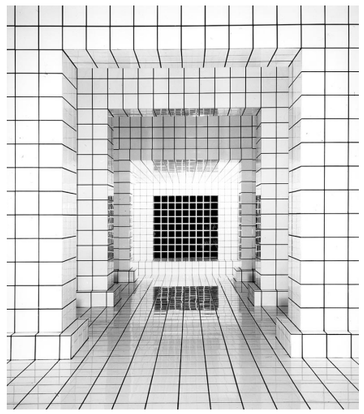


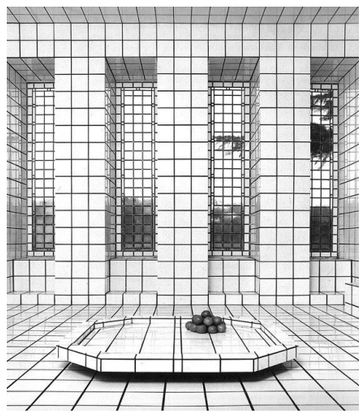


4. à esquerda, recriação do quarto de Marcel Proust exposto no Museu Carnavalet, em Paris;
5. à direita gravação de controversos escritos no chão de carvalho do seu quarto exposto no exterior do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Sainte Anne, em Paris

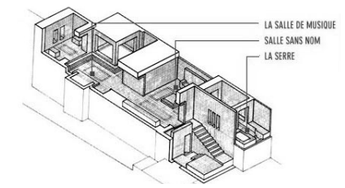


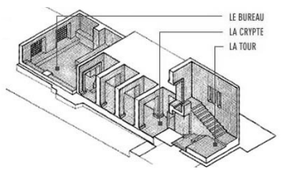











7. à direita, axonometria do *bunker* de Jean-Pierre Raynaud

O artista Jean-Pierre Raynaud inicia em 1969 um trabalho de exploração espacial e individual, através da aplicação da linguagem artística que o caracteriza - azulejo branco de 15 cm x 15 cm com junta preta - em casa própria a construir em La Celle Saint-Cloud, França. Insatisfeito com a convencional configuração do espaço de habitar, iniciou uma jornada de vinte e quatro anos, onde reinventa o espaço doméstico, adaptando-o e sobrepondo a obra e o indivíduo, de modo a prosseguir uma busca interior intensificada. Parede, chão, tecto e mobiliário fixo revestem--se de material com as mesmas características, como referido anteriormente, configurando uma grelha que invoca a memória do espaço de habitar através da utilização do azulejo e controlando a complexidade do espaço.
Este progressivo *bunker* de abrigo e protecção do mundo exterior, pintado em tons de camuflado militar e delimitado de arame farpado, foi habitado pelo próprio durante seis anos.
O carácter excepcional do espaço perdura em todas as fases da sua metamorfose e caracteriza o culminar destes anos de investigação. Esta *casa*, em que os diversos compartimentos se denominavam de acordo com conceitos originários de arquitecturas defensivas, foi demolida pelo próprio, dado considerar que esta não deveria permanecer estática, face às suas únicas características. A sua derradeira transformação, leva-a a assumir-se enquanto experiência permanente, ao ser distribuída - após a sua demolição - por cerca de mil contentores de aço, exibidos no CAPC, o Museu de Arte Contemporânea de Bordeaux.

6. na coluna à esquerda, fotografias do *bunker* de Jean-Pierre Raynaud e do próprio

directamente com lógicas colectivas, não existe sociabilidade. Neste aspecto, associar-se-iam directamente aos exemplos dos escritores ou doentes mentais que se isolavam nas próprias casas, excluindo toda e qualquer componente familiar ou doméstica que o conceito de casa possa levantar.

Apesar de em nenhum dos casos estarem presentes dinâmicas familiares, o contexto de extrapolação da unidade de habitação, pertence apenas a casos de contexto colectivo, sendo importante ressalvar a sua total ausência. A domesticidade existe mesmo quando a casa é habitada por um único elemento, pelo que é essencial notar como característica dos exemplos apresentados, esta ser completamente anulada ou subvertida.

O ocupante é reduzido à unidade e forçado a uma convivência íntima com o próprio, com a finalidade de purificar, corrigir, impedir o contágio ou curar. Nestas celas impostas - à excepção da religiosa -, a sociabilidade é reduzida a zero, tornando-as autossuficientes a este nível e passíveis de comparação com exemplos anteriores.

Num sentido mais lato, o encerramento imposto, provavelmente antes de remontar à cela ou ao quarto, ter-se-á inserido originalmente no conceito de jaula. Esta, caracteriza-se pelo seu máximo constrangimento e mínima escolha do ocupante, sendo imposta a quem a habita e verificando-se impossível a apropriação ou a criação de uma identidade própria. [13]

*el concepto contemporáneo de cárcel y la arquitectura de la celda carcelaria no coinciden exactamente con lo que venimos considerando una jaula, aunque tengan muchas cosas en común.* [14]

Apenas utilizada como exemplo, no sentido de relacionar com a arquitectura celular e reforçar o carácter impositivo e associal de alguns tipos de encerramento aparentemente autossuficientes, a jaula manifesta-se através dos seus limites físicos, perceptíveis a olho nu e altamente relacionados com o corpo do ocupante - *la vida en el interior de una jaula supone siempre una alienación de la existencia y una limitación impuesta al desarollo de las actividades propias de la vida. Un ser humano enjaulado es una criatura solitaria y privada de sus ritmos vitales, aunque como consecuencia de esta privación experimente una intensificación de ciertas experiencias sensoriales.* [15]

Maria Teresa Muñoz classifica-a como de *dimensión individual y nunca colectiva o social, ya que la jaula para los humanos siempre significa aislamiento* [16], assemelhando-se ao eremitério, apesar de apresentarem objectivos diametralmente distintos, relacionados com a vigilância e controlo do considerado fuga à norma no contexto em que se insere. O social surge apenas no sentido de visibilidade da jaula, inversamente aos exemplos anteriores: mínima interacção, porém máxima observação a partir do exterior, são algumas das suas características.

*Aprisionar é pôr-se precisamente na posição de ver sem ser visto, isto é, sem se arriscar a ser levado pelo ponto de vista do outro que tanto nos expulsava como nos incluía no mundo.* [17]

[13] a cela adapta-se espacial e formalmente a quem a habita reflectindo-o, apenas no sentido de adaptação, por exemplo, a espécies e finalidades - se alberga humano ou animal, com o objectivo de exibir, proteger ou castigar.

[14] *in* MUÑOZ, Maria Teresa - *Jaulas y trampas: escritos sobre arquitectura y arte 2000-201*2. Lampreave, 2013, p. 72.

[15] *in* Op. Cit., p. 71.

[16] *in* Op. Cit., p. 70 e 71.

[17] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 314.



um. apresentação, a cela: discrepância do conceito

Note-se os exemplos - ainda no seguimento de casos extremos -, dos fugitivos ou sequestrados, cujo espaço mínimo se poderá assemelhar às arquitecturas tratadas, porém, o carácter da reclusão é inversamente diferente, não sendo auto-infligida ou desejada.

O sequestro confina o indivíduo a um espaço a ele imposto, revestindo-se de um desejo de controlo e dominação. Aqui constata-se, de certo modo, uma contraposição à jaula. Apesar de ambos terem como objectivo garantir o isolamento através da visibilidade máxima, a jaula implica que esta seja ampla e plural, enquanto que o espaço do sequestrado tem tendência a ser mais retirado e escondido, permitindo apenas um acesso restrito - nomeadamente visual.

*Há uma lógica espacial do sequestro: o desejo de esconder implica o recurso a um espaço restrito, muitas vezes minúsculo, o mais estreito possível para ser dissimulado ao exterior.* [18]

Analisando de um ponto de vista espacial, considera-se que num primeiro momento e devido ao constante sentido de fuga, não existe apropriação espacial; porém, com a interferência do factor tempo, o indivíduo isolado do mundo acaba por se apropriar deste, se permitido. A reclusão é forçada e o sentido de fuga do mundo invertido nestes contextos onde a componente temporal influi tão veementemente.

A lacuna da dimensão social presente neste tipo de representações arquitectónicas manifesta a sua importância na definição e caracterização da cela, pelo que se pondera se esta só fará sentido na sua repetição. Os factores sociais internos e externos aos equipamentos de carácter colectivo de constituição celular, canalizam para uma amostra mais pequena, uma necessidade de reclusão, interessante na similitude e discrepância que apresenta do eremitério ou de alguns dos exemplos acima mencionados. Estes escapam do mundo, isolados em vazios que extrapolam o mundano, em lugares onde o social não tem espaço; os outros isolam-se duplamente - do mundo e no equipamento -, mantendo paradoxalmente a sociabilidade.

Inseridos num espaço colectivo, por sua vez pertencente a um mundo que todos os ocupantes do equipamento repelem, sentem necessidade de um retiro, uma busca individual no colectivo, em lugares paralelos a um lugar comum. Daí a necessidade do estudo destas, descritas por Michel Foucault, como heterotopias, contrapondo-as, e permitindo compreender a subversão do conceito aos dias de hoje.

[18] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 317.

**dois.**
**a cela no equipamento colectivo**

# 1.
# a célula dependente

Compreendendo que a cela autossuficiente é impassível de existir, sendo apenas isolada socialmente - e por vezes também de modo material -, mas nunca completamente autónoma; analisa-se a cela inserida em equipamentos colectivos, cujas dinâmicas importa compreender e que constitui o objecto de estudo do presente trabalho.

Note-se que, etimologicamente, cela se encontra invariavelmente relacionada com célula, conceito germinal ligado à biologia e que implica a necessidade de repetição e pertença a um conjunto.

Tendo em conta a análise de Michel Foucault acerca da existência e relevância das heterotopias, compreende-se a sua inclusão na construção da presente dissertação, na medida em que constituem *não-lugares*, estruturas localizáveis em que se invertem ou neutralizam as habituais relações e dinâmicas sociais e temporais - característica essencial dos equipamentos colectivos em análise, nomeadamente instalações de cariz religioso ou punitivo; unidades de cuidados de saúde - física ou mental -; ou residências alternativas.

Pode então assumir-se que estes constituem, *à priori*, heterotopias, lugares privilegiados no que diz respeito ao desenho de estruturas celulares, onde a descontinuidade temporal e espacial é característica, manifestando-se em dois grandes tipos, as heterotopias de crise - *il y a des lieux privilégiés, ou sacrés, ou interdits, réservés aux individus qui se trouvent, par rapport à la société, et au milieu humain à l'interieur duquel ils vivent, en état de crise.* [1] - e de desvio - *celle dans laquelle on place les individus dont le comportement est déviant par rapport à la moyenne ou la norma exigée. Ce sont les maisons de repos, les cliniques psychiatriques; ce sont, bien entendu aussi, les prisons, et il faudrait sans doute y joindre les maisons de retraite, qui sont en quelque sorte à la limite de l'hétérotopie de crise et de l'hétérotopie de déviation* [2].

Cada heterotopia tem um funcionamento preciso e implica a formatação de regras intrínsecas a cada um destes micro-organismos pertencentes ao território. Utilizando como exemplo as quatro categorias aqui definidas, verificamos que estas se inscrevem em circulos próprios de funcionamento, cujo único entrecruzamento será a reclusão, auto-imposta ou por fuga à norma social em vigor.

A essência monástica do cristianismo, o encarceramento punitivo e penitenciário, bem como a tentativa de impedir o contágio e controlar a propagação de doenças, são algumas das origens apontadas ao surgimento da cela, no seu actual e encerrado conceito (como parcialmente apontado por Michelle Perrot). A selecção das categorias associadas à religião, punição e saúde surgem então na

[1] *in* FOUCAULT, Michel - *Dits et écrits: 1954-1988 - tome IV: 1980-1988.* Paris: Éditions Gallimard, 1994, p. 756-757.

[2] *in* Op. Cit., p. 757.

tentativa de compreensão do essencial da arquitectura celular assim considerada pelo senso comum.

Saltando de uma ritmada arquitectura de reclusão auto-infligida, onde o factor social pode ou não ser totalmente anulado - religião; para uma condenação isolada e estagnada no tempo e espaço, em que o isolamento se relaciona mais com limites físicos, que com a perda total da sociabilidade - punição; os únicos factores em comum seriam de facto a imposição de ritmos laborais e quotidianos e a sociabilidade imposta, *à priori*.

A complexificação destas dinâmicas, distintas em muitos aspectos, surge com a integração de tópicos relacionados com a componente da saúde, física ou mental, interferindo no isolamento dos indivíduos e constituindo parte dos polémicos discursos teóricos acerca da arquitectura celular quando esta conduz, ou nesta se reflecte por exemplo, a loucura, pontualmente relacionada com o tempo de permanência.

*A cela – eis a chave de todas as terapias, moral, religiosa, higiénica, penal. Ela assegura uma função tripla: punição, defesa social, emenda.* [3]

O entendimento do espaço por si, pela sua forma e conteúdo, sugere a análise de outras categorias programáticas, à partida postas de parte. Estes lugares povoados por uma necessidade intrínseca de retiro e reclusão, em negação com o mundo, extrapolam os limites definidos pelas categorias mencionadas, assumindo também o seu carácter em formas alternativas de habitar, como as residências ou as unidades hoteleiras.

Nestas, os contrangimentos são distintos das anteriores, mas como visto acima, o mesmo ocorre entre as três categorias iniciais. No seu desenho apresentam muitas semelhanças, assim como no que diz respeito à dependência da colectividade e consequente imposição da sociabilidade, estas sim, comuns e transversais às quatro categorias.

Uma cela tem por base o cumprimento de determinadas funções básicas adjacentes ao acto de habitar. A satisfação de necessidades como dormir ou comer são dois exemplos ilustrativos do valor da cela enquanto objecto único, integrado num equipamento colectivo e dependente deste.
Enquanto que o sono é sempre garantido no perímetro circunscrito do espaço da célula, nota-se claramente uma disparidade no que se refere ao acto de comer. Este pode ser, por exemplo, um acto social (silencioso ou não - por força das regulamentações em vigor nos espaços institucionalizados), cumprido num espaço de colectividade inscrito neste tipo de equipamentos, nomeadamente no refeitório; ou o espaço da refeição pode ser ainda fundido com o de retiro, permitindo um maior isolamento, através de dispositivos e mecanismos arquitectónicos que beneficiem a ausência de contacto humano, em prol de uma serenidade e reclusão inquebráveis.

É possível obter esta percepção no interior de um mesmo equipamento onde se diferenciem uma cela comum de uma cela solitária, respectivamente; ou entre

[3] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quarto*s. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 337.





dois equipamentos inseridos na mesma categoria em que num primeiro exemplo, apesar de se preconizar o isolamento, o espaço de refeição seja partilhado, e num segundo, a arquitectura influa através da mediação do contacto social, anulando-o, mesmo no que diz respeito ao acto da refeição.

Estas diferentes configurações relativas à relação mais ou menos directa da cela com a colectividade, não estão intrinsecamente associadas ao programa que o respectivo edifício alberga, mas exclusivamente ao objectivo preconizado através da reclusão.

Associada à ideia de colectividade, está, apesar do aparente paradoxo, a ideia de reclusão. Esta só ganha verdadeiro significado quando, por contraponto, surge a componente social, à qual se pretende escapar. Aqui, afastando-se inicialmente do mundo, agregam-se a contextos onde a sociabilidade é imposta ou anulada; através de uma inicial exclusão, seguida de um isolamento relativamente à estrutura colectiva - dupla reclusão. Importa assim atentar no significado da palavra que caracteriza estes contextos celulares, a reclusão.

*acto ou efeito de encerrar, de prender || estado de preso; cativeiro, prisão, cárcere || afastamento voluntário do convívio social || modalidade de pena mais grave entre as penas privativas de liberdade* [4]

Como podemos constatar, esta pode caracterizar-se como voluntária - note-se o caso do convento, por exemplo -, ou imposta - note-se o exemplo do presidiário|recluso, palavra exactamente derivada de reclusão.

Curiosamente e associada ainda, por exemplo, a penas de reclusão, a sua origem etimológica remonta ao latim, da palavra *reclusío,ónis* cujo significado era curiosamente *acção de abrir* [5], *abertura* provavelmente relacionada com a origem da migração de monges para lugares desérticos.

*Nous avons l'impression que toute recherche droit venir s'alimenter à cet espace qui convoque l'essence de l'homme, surtout en ce qui concerne "l'habiter", qui demeure encore un des modes universels du rapport de l'homme à son être au monde.* [6]

A cela é origem de um conjunto de dinâmicas espaciais que resultam da sua interdependência em relação aos espaços que caracterizam a instituição onde se insere. Deste modo, e dizendo respeito a locais cuja função essencial é habitar - apesar de não ser essencialmente essa a razão primordial pela qual surgiram -, assiste-se a uma espécie de ampliação das relações quotidianas existentes na casa.
Tomando como exemplo as quatro categorias aqui designadas, observa-se que a génese do surgimento destas instituições se prende com uma resposta funcional decorrente de intenções específicas, relacionadas com questões tipológicas e programáticas.

As arquitecturas celulares religiosas respondem directamente a um desenvolvimento relacionado com a reclusão e retiro fomentados pelos antigos monges eremitas, tornando-se mais eficaz na sua interligação com contextos

[4] *in* Instituto António Houaiss da Língua Portuguesa - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005, p. 6869.

[5] *in* Ibid.

[6] *in* SALIGNON, Bernard - *Qu'Est-ce qu'habiter*?. Paris: Éditions de La Villette, 2010, p. 20.

colectivos de suporte a dinâmicas quotidianas. A oração e procura divina introspectiva aliam-se assim a um contexto que lhes garante a sustentabilidade e oferece suporte às dinâmicas habitacionais que a cela por si só não consegue garantir. A função que origina o tipo de equipamento em causa não se prende portanto ao habitar, mas sim ao orar, estando porém implícita a necessidade da sua garantia.

A arquitectura de cariz penitenciário, ligada a prisões ou internatos, refugia-se também no uso da cela, de acordo com a evolução das políticas penais e punitivas que manifestam a necessidade de uma maior eficiência. A passagem do espectáculo público do suplício enquanto elemento de correcção e exemplo, ao actual carácter vigilante e correctivo das instituições penitenciárias, mais privadas e introspectivas, influi directamente na alteração da sua implantação [7].

Novamente a cela funciona no interior de um delicado mecanismo habitacional independente da sociedade, e que por si só, deve garantir o funcionamento de todos os seus órgãos. A existência de espaços colectivos no interior destas instituições, mantém a sociabilidade, apesar de imposta e regulamentada, e garante a sua subsistência.

Na saúde, a necessidade de albergar um maior número de doentes de acordo com as especificidades patológicas apresentadas, em conjunto com a evolução das técnicas médicas, leva ao apuramento do desenho das estruturas ligadas aos cuidados de saúde, refugiando-se em implantações celulares mais abrangentes - hospitais - ou mais específicas, de acordo com uma rápida resposta a questões práticas como o contágio e a cura, e consequentemente questões mais ligadas ao exame ou à vigilância permanente - leprosarias, sanatórios; equipamentos psiquiátricos, respectivamente.

As residências alternativas aliam-se mais directamente, enquanto função primordial, ao habitar, introduzindo nestes contextos respostas a questões temporais (hotel), económicas e de proximidade (residência) e sociais (orfanato). É importante ressalvar que o vínculo da cela é dependente do programa onde se insere e varia de acordo com inúmeros factores, nomeadamente o grau de sociabilidade permitido.

De acordo com Bernard Salignon, a apropriação define em grande parte o processo de habitar, sendo distinguido à partida das dinâmicas fomentadas pela presença da cela. Apesar de nesta a ausência ou limitação à apropriação espacial apresentarem um papel fundamental ao carácter da reclusão, verifica-se uma extrapolação das dinâmicas quotidianas da unidade de habitação a este tipo de contextos colectivos onde a célula se encontra presente e rege a construção do espaço. Note-se a dependência de algumas celas face aos espaços colectivos de cariz complementar; assim como na unidade de habitação, do quarto face a áreas de reunião familiar.

*Será tambien el caso de las celdas de las cárceles que reproducen en mayor o menor medida los rasgos de una célula mínima de habitación.* [8]

[7] de acordo com FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013.

[8] *in* MUÑOZ, Maria Teresa - *Jaulas y trampas: escritos sobre arquitectura y arte 2000-201*2. Lampreave, 2013, p. 73.





Será então importante proceder a uma primária distinção entre cela e quarto, que permita uma compreensão mais imediata destes conceitos, a ser desenvolvida no decorrer da dissertação. Abstracção, autonomia, limite, identidade são algumas das características em que estes podem diferir.

*O quarto tem, por conseguinte, relações complexas com a cela. (...) Uma cela não é nem deve tornar-se um quarto. (...) Austera, será reduzida ao mínimo.* [9]

*Claro que uma cela não é um quarto, mas na sua austeridade de depuração, esboça algumas das suas características: a solidão, a separação, a disciplina, mas também o arranjo mínimo, a protecção, a autonomia, o retiro, a parte nocturna da vida e de si mesmo.* [10]

A dicotomia cela|quarto, não sendo tão linear como aparenta, levanta pertinentes questões nomeadamente em relação à componente identitária. A cela rege-se por constrangimentos ao nível da apropriação, quer por vontade da instituição onde se insere, quer pela vertente temporal. Esta é de algum modo permitida no espaço anónimo apresentado, porém, a ideologia e o tempo interferem como factor de definição, garantindo a sua abstracção: impessoal, ocupante após ocupante.
Cela implica assim alguma transitoriedade de ocupação, menos notável no quarto, onde a apropriação do espaço individual é apenas limitada por regulações domésticas e familiares.

Apesar das distinções ao nível das manifestações do poder, e apropriações e formas de uso do espaço, é de ressalvar a similitude das dinâmicas quotidianas que traduzem uma arquitectura de acções, de verbos; entre a unidade de habitação familiar e as formas e relações da arquitecura celular.

Metaforicamente, a cela corresponderia ao quarto, nesta casa que é o equipamento colectivo, no qual a sociabilidade - familiar ou imposta - vai tendo decurso em diferentes compartimentos ao longo do dia, conforme ritmos e rotinas -, dependendo do ocupante e da sua necessidade de retiro face à comunidade onde se insere.

As dinâmicas habitacionais presentes numa casa, são, como acima mencionado, identificáveis neste tipo de contextos colectivos - denote-se através da *Unité d'Habitation* de Le Corbusier, a in(ter)dependência do quarto face aos compartimentos de carácter colectivo, assim como acontece na cela face aos espaços comuns.

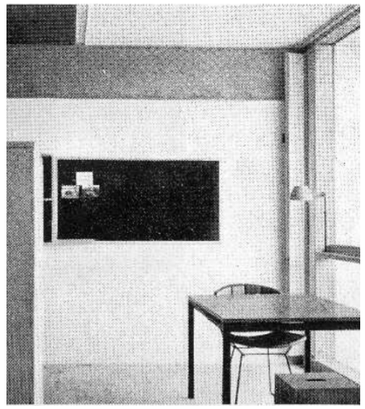
A célula da *Maison du Brésil* do mesmo autor, e o quarto de Marselha apresentam uma constituição em tudo semelhante. A entrada é pontuada por uma zona de banho com lavatório, afastada e separada do espaço de dormir por um móvel que realça a a privacidade e intimidade conferidas ao descanso - cama -, e por fim, a área de trabalho, impreterivelmente relacionada com a iluminação e ventilação exteriores, e acesso à varanda.

Apesar de a cela e o quarto poderem garantir as funções básicas ligadas à higiene

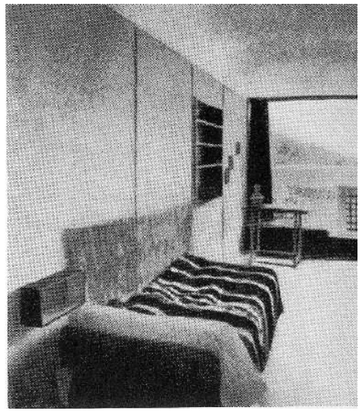
[9] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quarto*s. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 89.

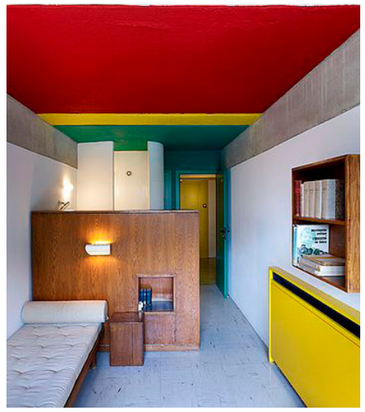
[10] *in* Ibid., p. 152.





área de trabalho
1. à esquerda na *Unité d'Habitation* de Marselha, de Le Corbusier (1946-1952);
4. à direita, *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris, do mesmo arquitecto (1957-1959)





área de descanso
2. à esquerda na *Unité d'Habitation* de Marselha, de Le Corbusier (1946-1952);
5. à direita *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris, do mesmo arquitecto (1957-1959)





área comum
3. à esquerda na *Unité d'Habitation* de Marselha, de Le Corbusier (1946-1952);
6. à direita *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris, do mesmo arquitecto (1957-1959)



dois. a cela no equipamento colectivo

pessoal, ao descanso e ao trabalho, ambos dependem de outros espaços para o garante da sua subsistência. As relações que, na casa, são estabelecidas com áreas de refeição e de estar, privilegiando a sociabilidade familiar; coadunam-se com as existentes em espaços de cariz colectivo - cafetaria, cozinha colectiva, biblioteca, salas de estudo, de música e atelier - onde a sociabilidade existe, apesar de imposta.

A comparação entre a unidade de habitação e a estrutura celular tem por base algumas noções imprescindíveis, denotando, apesar das suas semelhanças ao nível das articulações quotidianas, distinções como o relacionamento familiar e a sociabilidade imposta; a domesticidade e a colectividade; ou a individualização e a reclusão.

Nestas micro-comunidades, o controlo e a autoridade baseiam-se em noções familiares implícitas e surgem de modo natural, porém, no caso dos equipamentos colectivos, este tipo de relações de poder tem de necessariamente, ser regulamentado.

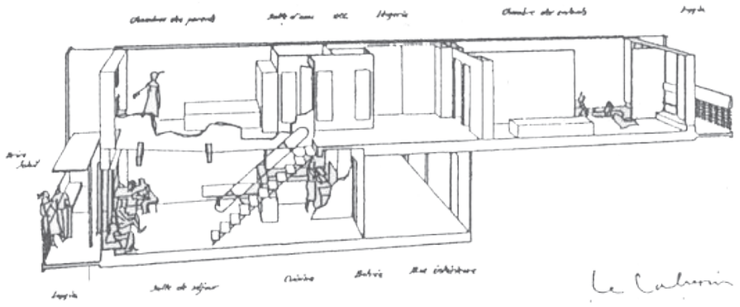
Perdendo-se a unidade de vizinhança, o controlo social é assim feito de outras formas, colmatando as lacunas diagnosticadas. Imperam assim, nestes programas colectivos que respondem às novas necessidades de vigilância das dinâmicas do habitar através de mecanismos arquitectónicos e espaciais, o anonimato, a norma; onde na unidade de habitação imperam ligações de proximidade.

A sociabilidade imposta, como contraponto à familiaridade da unidade habitacional, é uma característica fulcral deste tipo de equipamentos. Comum às quatro categorias estabelecidas, é condição essencial a muitos dos objectivos preconizados pela vida colectiva - note-se por exemplo o seu efeito na enfatização do carácter punitivo e regulador das penitenciárias.

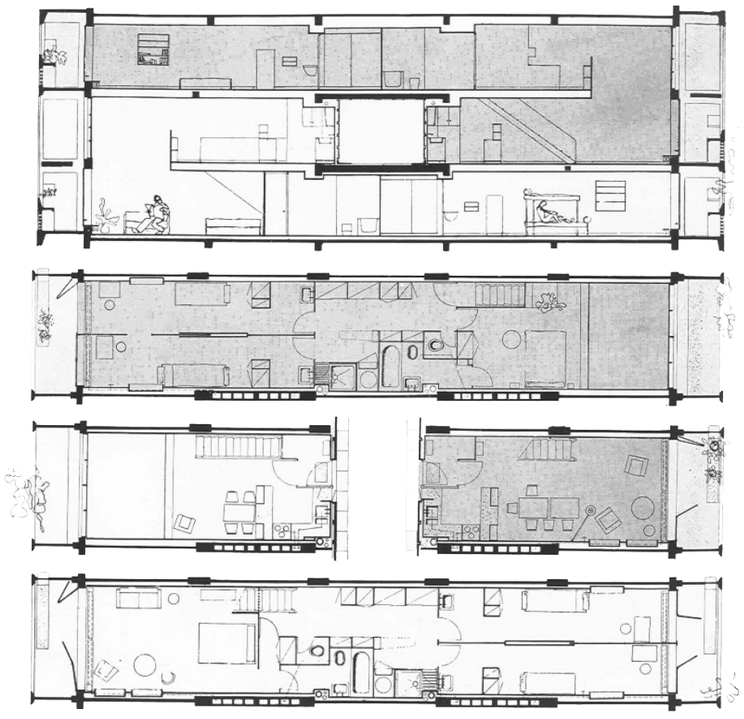
O espaço doméstico associa-se a contextos familiares e da esfera íntima e privada, enquanto que o espaço da colectividade se enuncia pelo seu carácter anónimo, funcional e passageiro. Enquanto que o primeiro sugere a apropriação por parte do núcleo familiar e o (re)conhecimento do espaço envolvente enquanto seu, no contexto colectivo, este tipo de espaços representa apenas a proveniência da sua subsistência e a satisfação de necessidades básicas às quais a cela autonomamente não fornece resposta.

A individualidade não põe em causa a experiência comum, podendo existir e ser preconizada na esfera social. Por outro lado, a reclusão, apesar de depender de contextos colectivos, acontece no domínio do íntimo e do privado, fugindo exactamente da constante vigilância de âmbito público onde a primeira toma lugar.

Tendo por base uma análise das características essenciais destes equipamentos colectivos face à necessidade de regulação da imposta sociabilidade - o controlo e a vigilância representando factores-chave na compreensão de arquitecturas de matriz celular -, considerem-se então, algumas das relações de poder que moldam a forma como as instituições são desenhadas.



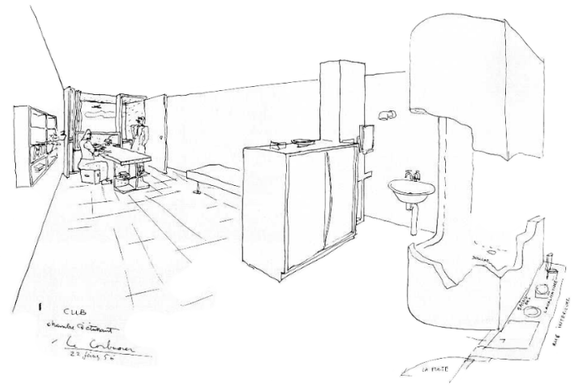
7. axonometria de um fogo da *Unité d'Habitation* de Marselha, de Le Corbusier (1946-1952)



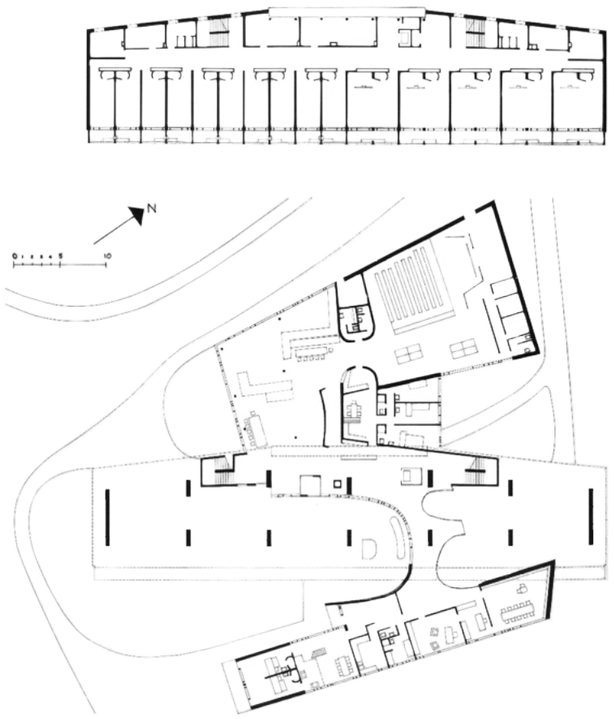
8. corte e planta de duas habitações da *Unité d'Habitation* de Marselha, de Le Corbusier (1946-1952)





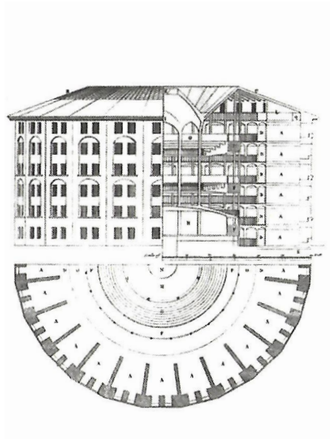


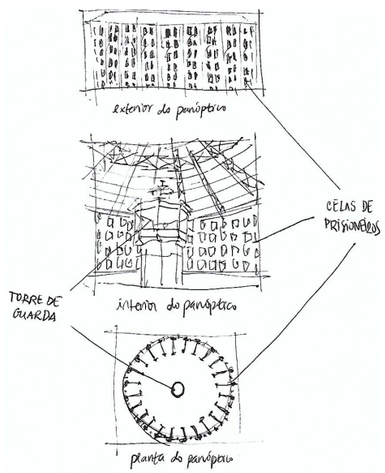
9. desenho da célula da *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris, de Le Corbusier (1957-1959)



10. planta relacional do espaço celular - áreas comuns da *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris, de Le Corbusier (1957-1959)

11. à esquerda, modelo panóptico proposto por Jeremy Bentham, alçado, corte e planta;
12. à direita, desenho do modelo, exemplo de exterior, interior e planta






Jeremy Bentham, com a sua casa de inspecção, conhecida por panóptico, traçou em 1787 um princípio arquitectónico transversal à tipologia programática dos equipamentos, englobando *cualquier tipo de establecimiento, en el que hayan de vigilarse personas de cualquier descripción* [11].

Apesar de particularizar - *penitenciarías, prisiones, casas de pobres, hogares para ciegos, albergues, fábricas, hospitales, asilos de pobres, manicomios, y escuelas* [12], -, este tipo de implantação apresenta um amplo leque de acção, pelo objectivo que manifesta, conjugando o pensamento arquitectónico com a máxima operatividade. Criam-se assim máquinas de vigilância e controlo dos corpos, aumentando a eficiência do sistema.

*na periferia, um edifício anelar; ao centro, uma torre; esta tem grandes janelas que se abrem sobre o lado interior do anel; o edifício periférico está dividido em celas, cada uma atravessando toda a espessura do edifício; têm duas janelas, uma para o interior, que corresponde às janelas da torre; a outra para o exterior, que permite que a luz atravesse totalmente a cela. Basta então colocar um vigia na torre central e, em cada cela, encerrar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um aluno.* [13]

O ideal de vigilância - *ver sem ser visto, essa posição panóptica do poder* [14] - é claramente privilegiado neste tipo de modelos. Em simultâneo, ocorre uma poupança de recursos no que diz respeito à aplicação do poder, multiplicando o número daqueles sobre quem é exercido e ampliando os seus efeitos. Economiza-se em material, pessoal e tempo, garantindo a eficácia através do carácter preventivo e automatização dos mecanismos aplicados pelo seu funcionamento contínuo.

[11] *in* BENTHAM, Jeremy - *Panóptico*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2011, p. 31.

[12] *in* Op. Cit.

[13] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 230.

[14] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 204.





Os ocupantes são, para quem controla, desmultiplicados numa multidão numerável, enquanto que estes mergulham numa solidão perturbadora que maximiza os efeitos de poder através da dúvida.

Dado a cela ter usualmente apenas uma abertura para o exterior - podendo apenas fornecer luz e ventilação, negando qualquer relação com o mundo - e uma para o interior do equipamento; o sujeito encontra-se, a seu ver, sob uma vigilância permanente, exaustiva e inverificável, devido à forma como a torre central foi concebida - *Bentham previu não só persianas nas janelas da sala central de vigilância, mas também, no interior, tabiques que a cortam em ângulo recto e, para passar de uma sala para outra, não portas, mas biombos* [15].

A visibilidade e os seus efeitos são amplamente explorados. Os encarcerados são constantemente observados, sem se verem entre si - à excepção do pátio central - enquanto que da torre tudo se vê, sem nunca se ser visto. O controlo é exercido de forma homogénea, dadas as circunstâncias anónimas em que todos se encontram.

*Quem está submetido a um campo de visibilidade, e disso tem consciência, assume as coerções do poder* [16]

O modelo panóptico funciona como um edifício-laboratório onde as coerções do poder são amplificadas e deste modo, os seus efeitos disciplinares potenciados na utilização da cela. Esta micro-comunidade onde a arquitectura exerce directamente na modificação e readaptação do ser humano - cura, punição, reeducação, produção -, reflecte uma heterotopia, pela sobreposição praticamente total do poder interno relativamente ao externo. Ou seja, os mecanismos psicológicos associados a estas estruturas panópticas favorecem uma alteração de lógicas e dinâmicas sociais que, pela constante visibilidade, influem directamente no comportamento do habitante.

Através de efeitos fomentados pelo modelo de Jeremy Bentham, estes *não lugares* invertem as lógicas quotidianas, resultando em regulações próprias com finalidades específicas consoante o tipo de equipamento a que se aplicam, podendo constituir modelo de execução para praticamente todas as categorias aqui referidas. Garantindo uma permanente observação, o exame e a experiência ganham também corpo neste tipo de implantações - relacionadas com a religião, punição, saúde e residências alternativas.

*Este é o seu carácter de observatório. No carácter de laboratório, o Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, de modificar o comportamento, de educar ou reeducar os indivíduos.* [17]

Actualmente, esta posição panóptica tem-se vindo a alterar através da implementação das novas tecnologias, que asseguram a permanente observação a que estas implantações habituaram, não influindo tão directamente no seu desenho, porém, e apesar de tudo, mantendo a visibilidade máxima e anónima como uma das suas principais características.

[15] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 232.

[16] *in* Op. Cit., p. 233.

[17] *in* Op. Cit., p. 234.

# I.
# o sentido do próprio

## reclusão máxima: a cama, a mesa, o oratório

*What occurs in this "inner world" is your feeling and your thinking, and what you think is traditionally called by idealism a reflection. In this way, the inner space becomes the space of reflection.* [18]

[18] *in* TEYSSOT, Georges - *Dis-eases of the domicile.* 1995, p. 30.

A reclusão materializa-se na cela, entre quatro paredes ligadas intimamente a mecanismos colectivos de subsistência. No entanto, e analisando-a apenas na relação do indivíduo consigo mesmo, verifica-se que o isolamento toma diferentes formas consoante o modo como o ocupante se relaciona com os objectos que o rodeiam, denunciando a intenção do isolamento.

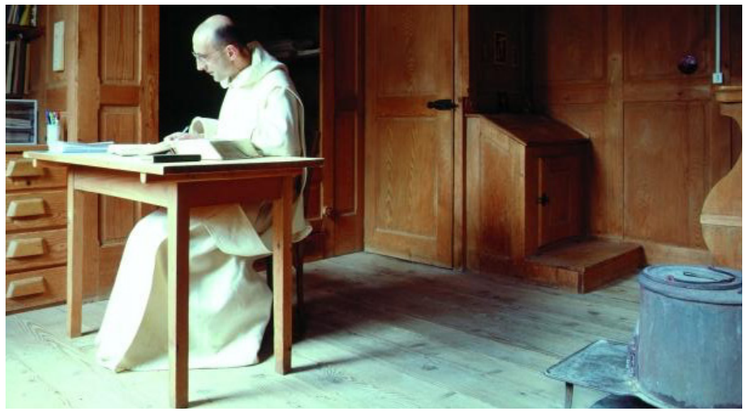
*La imagen de la cama se ha diluido; de ser una casa en miniatura, de ser un microclima y un territorio visual separado, de ser una casa dentro de una casa, con una privacidad física y simbólica, ha pasado a convertirse en un simple plano horizontal neutro, un escenario de la privacidad.* [19]

[19] *in* PALLASMAA, Juhani - *Habitar.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016, p. 33.

A cama constitui por vezes, a unidade máxima de reclusão, comparável a uma pequena cela no seu interior. Símbolo da máxima intimidade, aqui como no quarto, encerra em si o confronto e o conforto, simultaneamente e independentemente do carácter da reclusão. O confronto propiciado surge associado à procura ou imposição do espaço celular, essencialmente ligado a uma reflexão e introspecção individual; enquanto que o conforto, não sendo necessariamente físico - uma das características de muitos destes espaços de retiro ou exclusão poder ser o carácter áustero da cama -, é principalmente emocional e sensorial, na relação do próprio com o espaço íntimo, assumido no espaço perimetral da célula - não exclusivamente interior.

Apesar de a intimidade não pôr em causa a componente social ou o habitar comum - não sendo localizável, mas dependente da experiênca individual -, encontra no espaço privado, e particulamente na cama, um território favorável à sua materialização. Note-se que a presença nestes espaços de uma cama individual ou de casal não é aleatória, mas interfere directamente com o espaço da intimidade pela favorecimento ou contemplamento da vertente sexual que a presença do outro pode implicar ou a sua inibição.

Nas casas de camponeses do século XIX, a cama constituía a pequena e única célula de isolamento possível, a máxima privacidade e possibilitadora de momentos de refúgio, conforto, protecção, identidade e reflexão. Face aos problemas económicos característicos destes contextos, que levavam a que o mesmo espaço tivesse de servir várias funções, as camas surgiam escondidas em





13. e 14. fotografias de celas da *chartreuse la Valsainte*, Val-de-charmey, Fribourg, Suiça, 1295 - cama, mesa, oratório



dois. a cela no equipamento colectivo

armários, como prateleiras ou gavetas, de acordo com Gaston Bachelard, espaços de intimidade que não se abrem à toa.

Este elemento objectual - a cama - não se esgota nas suas particularidades no que à intimidade diz respeito, mas representa ainda unidade de reclusão máxima em contextos impostos por condicionantes físicas ou de saúde. Tome-se como exemplos o leproso, forçado à condição de acamado quando a doença já se encontra disseminada; o condenado ao encerramento solitário punitivo, em que a cama constitui o único elemento objectual da cela; ou ainda o isolamento psiquiátrico, que assim como no penitenciário, constitui o único elemento presente, porém por razões de segurança do próprio, atribuindo-lhe uma importância acrescida.

A mesa é talvez dos elementos de reclusão que mais directamente interfere no carácter de apropriação da cela, permitindo ao recluso um escape à realidade através, por exemplo, da escrita. Mesmo nos casos em que a cela deve permanecer anónima, a utilização da mesa confere ao seu habitante uma possibilidade de manifestação da sua individualidade e ligação ao mundo exterior. A escrita influi em muitos destes contextos, tanto pela manifestação da sua inclusão como da sua exclusão. Podendo por vezes ser mesmo o objectivo final da reclusão, a sua inibição pode funcionar como forma de punição, exactamente pela negação da componente pessoal e individual a esta associada.

Como se pôde observar nos primeiros capítulos da presente dissertação, esta era muitas vezes encarada pelos artistas como um fenómeno que impelia ao retiro, daí a mesa ou a escrivaninha constituirem parte fulcral de muitas celas. Na maior parte dos casos em que esta é auto-imposta e individual, verifica-se a sua presença. A escrita, por outro lado, mitiga o vazio proliferado pelo encerramento, abarcando de igual forma o recreio, o estudo e o trabalho.

Quando o carácter da reclusão é obrigatório e punitivo, a mesa ou o direito à escrita pode ser-lhes negado, retirando-lhes o acto e o objecto de apropriação celular por excelência. Assim sendo, estes reclusos reiteram a cama como objecto através do qual a apropriação ainda poderá ser possível, absorvendo esta o espaço pessoal da cela.

*the place of a relation between yourself and God, meaning the place of prayer.* [20]

O oratório representa um caso muito particular na arquitectura celular, na medida em que apenas diz respeito a uma das categorias referenciadas, a religiosa - sendo a sua presença influenciada também pela congregação vigente no equipamento. De facto, este constitui o cerne da reclusão dos integrados nestas tipologias programáticas, cujo objectivo principal é a oração e a manifestação de uma relação mais directa com Deus. O oratório assume-se como a reclusão na reclusão, unidade central de muitas destas celas, e juntamente com estas, o ponto fulcral na organização destes equipamentos. Note-se, por exemplo, a organização da cela da *chartreuse la Valsainte,* onde este representa igual ou maior ênfase que a própria cama. Este, mais resguardado, surge até por vezes em pequenos espaços destinados a esse efeito, encerrando a busca pela máxima interioridade.

[20] *in* TEYSSOT, Georges - *Dis-eases of the domicile*. 1995, p. 30.

## quarto - cela, memória e identidade: o armário, o espelho

Gaston Bachelard descreve o armário enquanto uma reserva de devaneios e intimidade, um objecto-sujeito apropriado pelo indivíduo isolado. Espaço no espaço, manifesta a máxima interioridade, a necessidade de esconderijo comum à cela de reclusão, porém enfatizada e materializada num objecto.
O que leva o indivíduo a recorrer ao armário ou à gaveta, acaba por ser comparável - ainda que a uma pequena escala -, à necessidade de retiro manifestada na ocupação da cela, como esta, frequentemente fechados.

*Los armarios, las cómodas y los cajones representan la función de quitar de en medio y guardar, archivar y recordar.* [21]

[21] *in* PALLASMAA, Juhani - *Habitar.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016, p. 30.

Guardadas no armário - mais ou menos literal - encontram-se as memórias e consequentemente a manutenção de uma identidade própria, possível e manifestada através da apropriação espacial.

Este surge pela analogia com o espaço celular de retiro, mas também de auto-reflexo e mutação, introduzidos por um outro elemento - o espelho. Este aparece assim, como objecto por excelência da própria visibilidade, permanente, incessante e contígua ao controlo alheio que caracteriza este tipo de espaços.

Face à presença unívoca do indivíduo, num espaço-tempo hiper controlado, o espelho é apontado enquanto manifestação e total contacto com o próprio, potenciador do carácter individual e isolado que a cela propicia.

*remarkable connection between the mirror and the very notion of boredom*. [22]

[22] *in* TEYSSOT, Georges - *Dis-eases of the domicile.* 1995, p. 32.

Representação do espaço sem o ser, espelha o tempo e o isolamento, influindo directamente na sua transformação e introspecção, pela capacidade de absorver a totalidade da atenção do indivíduo - auto-crítica, auto-transformação, auto--punição, auto-reflexão.

*Le miroir, après tout, c'est une utopie, puisque c'est un lieu sans lieu (...) mais c'est également une hétérotopie, dans la mesure où le miroir existe réelement, et où il a, sur la place que j'occupe, une sorte d'effet en retour* [23]

[23] *in* FOUCAULT, Michel - *Dits et écrits: 1954-1988 - tome IV: 1980-1988.* Paris: Éditions Gallimard, 1994, p. 756.

Apesar de ambos terem um carácter opcional representam objectivos muito específicos (acima referidos) no espaço individual, materializando o confronto e diluição da sua constante dicotomia. Usualmente associados principalmente à vaidade, representam os objectos de eleição para a exploração individual, armazenamento de memória e auto-crítica identitária.

*Cell (Eyes and Mirror)* é a segunda versão de um contínuo trabalho de descoberta da artista Louise Bourgeois relativo a questões de visibilidade.
Desenrolado a partir de 1984 e materializado na obra *Nature Study (Velvet Eyes)*, expõe esta problemática transversal a muitas das reflexões artísticas da autora, intimamente presente no projecto ligado à exploração da cela.



15. à direita, *Nature Study (Velvet Eyes), 1984*



16. *Cell (Eyes and Mirror)*, vista de frente; em exposição no *Tate Modern*, Londres





O armário representa o quarto na cela, pela presença da vertente íntima, apropriação e familiaridade que transporta, traduzindo simultaneamente a necessidade de reclusão e individualidade, quando presente.
O espelho é a constante lembrança do isolamento, a cela no quarto, apesar de muitas vezes suprimido do espaço celular.
Enquanto que a supressão do armário neste contexto simboliza a perda de identidade, o ausência do espelho pode querer preservá-la - note-se a sua anulação em contextos de saúde, por exemplo.

Apesar de nem sempre se encontrarem presentes no espaço celular, estes dois objectos-metáfora povoam e transmitem simultaneamente objectivos dos espaços de reclusão - da necessidade de espaço individual (armário) à convivência forçada ou desejada com o próprio (espelho) -, não traduzindo necessariamente o carácter adjacente à sua reclusão ou a sua organização espacial.

Louise Bourgeois, no seu trabalho relativo à representação da complexidade do espaço celular, explora altamente o espelho, enquanto reflexo do próprio ou elemento demonstrativo da constante visibilidade externa a que estão sujeitos os isolados.

Analise-se especificamente a metáfora artística introduzida pelo recurso a este elemento na obra *Cell (Eyes and Mirrors)*, 1989-93.
Um espelho surge da parte central do tecto - consequência de uma rotação de uma parte circular do contentor -, reflectindo diferentes aspectos do interior conforme o pretendido pela autora. À data da visita da exposição o que se encontrava reflectido era a grande peça central, vista de topo.
Um bloco de pedra cinza, onde duas esferas de mármore negra se enfatizam, encontra-se ao centro, apoiado por uma estrutura de aço. Em seu redor, vários espelhos de distintos tamanhos criam uma sucessão de reflexos que interrompe qualquer sentido de percepção intuído pelo olhar. A peça central, descontextualizada e aumentada, representa um par de olhos, enquanto que os espelhos exploram a questão do controlo celular, desmistificando que neste caso, a reflexão se centra numa figura feminina - note-se no espelho à direita uma alusão aos seios da mulher.

A questão aqui baseia-se na exploração da dor associada à visibilidade constante e encarceramento simultâneo, exposta em círculos incessantes de informação que reflectem a transformação e complementaridade entre dor física, emocional e psicológica, e mental e intelectual.

*reality changes with each new angle. Mirrors can be vanity, but that is not all their meaning. The act of looking into a mirror is really about having the courage it takes to look at yourself and really face yourself.* [24]

[24] *in* http://www.tate.org.uk/art/artworks/bourgeois-cell-eyes-and-mirrors-t06899; referência original BOURGEOIS, Louise; KOTIK, Charlotta; LEIGH, Christian; SULTAN, Terrie; Brooklyn Museum - *Louise Bourgeois: The Locus of Memory. Works 1982-1993*. 1ª ed. Harry N Abrams, 1994.





17. à esquerda, *Cell (Eyes and Mirror)*, vista de trás; em exposição no *Tate Modern*, Londres;
18. à direita, *Cell (Eyes and Mirror)*, vista da direita; em exposição no *Tate Modern*, Londres






19. à esquerda, *frame* de *One Flew Over the Cuckoo's Nest* onde é visível a cela comum partilhada pela maioria dos doentes da instituição;
20. à direita, *frame* de *One Flew Over the Cuckoo's Nest* onde se observa a relação de visibilidade entre um dos espaços comuns e o espaço de dormir





## jaula - cela, singular e|ou plural: o gradeamento, o biombo, a cortina

A jaula, como anteriormente referido, implica a total visibilidade por parte de outrém, passível de existir através do uso do gradeamento.

Atente-se à descrição da estrutura da obra acima descrita de Louise Bourgeois. De estrutura cúbica, esta instalação é composta por uma malha de ferro - gradeamento - no tecto e em duas das suas paredes, sendo complementada nas duas restantes por uma grelha quadrangular parcialmente preenchida com vidro. O próprio contentor revela a austeridade associada ao conceito, e simultaneamente levanta uma complexidade de questões relativas à visibilidade - tanto de dentro para fora como de fora para dentro. Note-se a similitude da grelha com vidro à figura tradicional da janela, e consequentemente ao acto de espreitar, engrandecida pela própria ausência deste segundo elemento em partes da quadrícula - janela aberta.

A reclusão transcende a sua realidade de exclusão física, atravessando os limites impostos, através da visibilidade, sendo explorada a ambiguidade do sentido de quem é convidado a penetrar no espaço individual visualmente, e de quem é visto, constante e irremediavelmente. O local que dá abrigo, permite simultaneamente o aprisionamento.

Aqui, combina-se a cela-quarto - onde o espelho permite o auto-controlo - com a cela-jaula, onde a constante observação do enclausurado ganha significado sobre a própria consciência da sua condição.

Considere-se agora qualquer cela enquanto elemento de reclusão. Poderá esta ser colectiva? E como é possivel manter a individualidade do próprio nestes contextos?
Volte-se à sua inicial definição. Tomando-a como base desta análise, verifica-se a sua ambiguidade no que toca à quantidade de indivíduos passíveis de existir numa cela. Simultaneamente considera-se um *diminuto quarto de dormir*, ou um *qualquer cómodo de reduzidas dimensões,* levantando a possibilidade da permanência de *prisioneiro(s).* Explore-se então esta ambiguidade.

O filme *One Flew Over the Cuckoo's Nest* (1975), de Milos Forman, reforça o nosso imaginário acerca das instituições psiquiátricas ao apresentar um cenário de loucura generalizada altamente controlada institucionalmente através da identidade neutra ou anulada do espaço, em concordância com o ponto zero, o *reset* ao indivíduo.
Numa primeira vista, este conjunto de histórias entrecruzadas numa grande sala-



21. enfermaria da maternidade Dr. Alfredo da Costa, Lisboa - sub-divisão do espaço--comum do doente através de dispositivos móveis - biombos



22. sala de partos da maternidade Dr. Alfredo da Costa, Lisboa - sub-divisão do espaço-comum do doente através de dispositivos móveis - biombos



23. espaço do *Walter Reed Hospital,* Washington D. C., adequado às necessidades levantadas por uma epidemia em 1918-19, através do uso da cortina





-quarto comum não levanta grandes questões espaciais, porém quando tentamos incluir ou caracterizar o conceito de cela neste contexto, o cenário complica-se.

O espaço de dormir - onde podemos ver em determinados *frames* algumas camas alinhadas e umas mesas de cabeceira - pertence simultaneamente ao espaço comum, não sendo separado deste visualmente. Apenas um gradeamento - similar ao existente nos vãos que dão para o exterior - divide estes dois espaços complementares, permitindo a total e constante visibilidade sobre estes doentes de risco - para os próprios ou para com os outros. O recurso a este elemento enuncia assim uma hipótese de resposta ao problema, caracterizando a jaula presente na cela.

*as maternidades foram os primeiros espaços hospitalares a preverem quartos individuais (...) por motivos que tinham mais a ver com o contágio do que com a intimidade.* [25]

[25] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 155.

Com a passagem do parto, do quarto para o edificio hospitalar, surgem preocupações associadas à necessidade de promoção do espaço individual. Estas, porém, são implementadas de modo gradual, o que dá origem a soluções intermédias de organização do espaço. Observe-se o caso da maternidade Dr. Alfredo da Costa, em Lisboa (1932), da autoria do arquitecto Miguel Ventura Terra.

O espaço do doente, mais uma vez por razões relativas a uma mais fácil gestão dos recursos humanos - mais visibilidade, apesar da escassez de profissionais de saúde -, é partilhado numa grande sala-quarto comum, onde simultaneamente se tenta resguardar o lugar privado por meio de dispositivos móveis que se assemelham a biombos.

*Entretanto, nos hospícios, os velhos estendem lençóis ou roupas para se isolarem, sinal de uma procura geral de individualização do espaço nas sociedades ocidentais* [26]

[26] *in* Ibid., p. 278.

O estado psicológico do ocupante e a preservação da sua intimidade tornam-se elementos fulcrais no favorecimento do seu bem-estar individual, preocupações manifestadas gradual e progressivamente a nível institucional e que denunciam uma alteração de mentalidades, no sentido de atribuir maior importância ao indivíduo enquanto um todo, e não só objecto-físico.

Quanto mais imposto e colectivo é o contexto em que este se insere, maior é a sua necessidade de espaço individual - nomeadamente quando a sua fragilidade se encontra exposta. Assim sendo, atente-se o uso da cortina face a uma iminente necessidade de adaptação espacial em caso de emergência.
Notem-se as imagens em que esta é utilizada. Surgindo em contextos de celas plurais, a cortina - assim como o biombo - separa e individualiza o espaço, permitindo uma ambiguidade espacial benéfica e passível de aproveitamento. Ou seja, a cela colectiviza-se quando há uma maior necessidade de vigilância, e encerra-se por meio da cortina quando o ideal é o da privacidade.

Estes elementos associam-se por um lado a contextos de maior necessidade de adaptação e transitoriedade de permanência, onde as questões de



24. *St. Thomas-Elgin General Hospital*, em St. Thomas, Canadá, unidade de cuidados intensivos onde a cortina se encontra presente e influencia a percepção e utilização do espaço



25. *St. Thomas Hospital*, em Londres, sub-divisão do espaço do doente através de cortinas (fotografia da década de 60)



26. *Vanderbilt Hospital*, em Nashville, Tennessee, sub-divisão do espaço do doente através de cortinas, criando um corredor central pela disposição de camas dos dois lados





visibilidade são tão importantes como as de privacidade - como uma sala de emergência|cuidados intensivos -; ou por outro lado a celas-quarto colectivas em que estes dispositivos se relacionam directamente com a intimidade do indivíduo, consequência de uma permanência menos fugaz; em ambas perfigurando o perímetro da intimidade.

*embora os dormitórios sejam comuns, as camas estão dispostas de tal maneira, e fecham-se tão exactamente por meio de cortinas, que as raparigas podem levantar--se e deitar-se sem se verem umas às outras.* [27]

[27] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 166.

Apesar de actualmente nestas tipologias relacionadas com contextos celulares, os grandes espaços colectivos de descanso terem sido parcialmente substituídos por organizações espaciais de um só indivíduo; muitas vezes assiste-se à redução do número de ocupantes em coincidência com o uso da cortina - menos ocupantes, ainda assim acompanhados por uma satisfação crescente das necessidades individuais pela inibição da visibilidade. Assim, e considerando um local onde o número de indivíduos é dois enquanto uma cela plural, assiste-se a que *cada cama é vedada por cortinas brancas que delimitam um pequeno quarto* [28].

[28] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 279.

Soluções de separação como o gradeamento, o biombo ou a cortina enunciam uma vontade de materialização física da intimidade na cela individual, permitindo simultaneamente a constante actualização destes espaços. Apesar de, por diversas razões, nomeadamente de higienização, se ter tendencialmente passado para celas com número cada vez mais reduzido de indivíduos, estes dispositivos permitiam uma grande polivalência através do recurso a estas estruturas mutáveis consoante as necessidades demonstradas.

*o "tratamento moral" da histeria implica a substituição da sala comum por celas, pelo menos por compartimentos* [29]

[29] *in* Ibid.

A sala-comum é substituída pela cela quando o público é retirado do contexto e a questão se aproxima do indivíduo. A inibição da visibilidade que o biombo ou a cortina fornecem não é suficiente para a manutenção da individualidade, e principalmente para o controlo do contágio ou impedimento de um pânico generalizado. O isolamento na cela liga-se ao controlo do espaço individual em torno de todas as suas vertentes, e não apenas a visual.

*pois se as cortinas interceptam a visão da dor e da agonia, não interceptam os gemidos* [30]

[30] *in* Ibid., *citando* Dr. Michel Lévy.

Ambos os dispositivos enunciados são usados em contextos de separação do espaço interno colectivo (de dormir)-colectivo (de estar); como do espaço interior individual-colectivo; assim como reforçam a dicotomia interior-exterior, posteriormente explorada com mais profundidade nos seguintes sub-capítulos.

# II.
# o lugar na comunidade

## transição: a porta, o corredor

A relação com o outro em mecanismos celulares dependentes da comunidade, aqui descritos enquanto heterotopias, ocorre por meio de dispositivos *entre*, assim caracterizados por Georges Teyssot, como a porta ou o corredor [31].

Releva-se assim o estudo da porta enquadrada em duas situações de relação com o colectivo: exterior-comunidade e comunidade-cela, tendo esta um papel predominante pela influência mais directa à unidade celular.

Num primeiro nível de análise, a porta define simultaneamente a permeabilidade e intransponibilidade deste tipo de estruturas altamente regulamentadas, reforçando o seu carácter heterotópico. Gaston Bachelard reforça o sentido deste dispositivo arquitectónico enquanto materialização da dialéctica do *aqui* e do *lá*, pensamento que reflecte a forte dicotomia interior-exterior. Se fará sentido em qualquer estrutura edificada, a questão dos limites torna-se, com as estruturas heterotópicas, matéria de análise, pela individualização e subversão das regras sociais. O limite não é só físico, a entrada na porta marca um mundo novo, paralelo ao real, em que as lógicas se alteram e o isolamento é aceite enquanto prática comum.

*Les hétèrotopies supposent toujours un système d'ouverture et de fermeture qui, à la fois, les isole et les rend pénétrables.* [32]

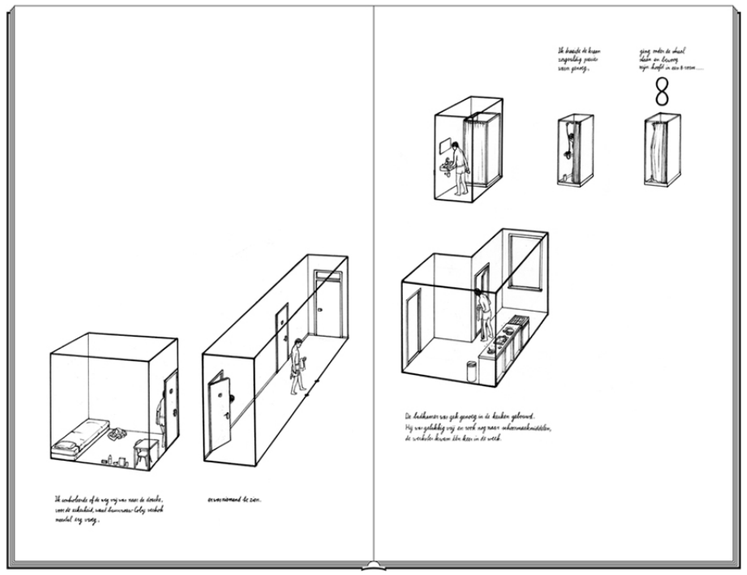
Enquanto que o vão permite a transposição de barreiras visuais, a porta é o mecanismo por excelência de barreiras físicas quebradas ou erigidas. Com a cela, este tanto pode funcionar de um modo, como do inverso.

Quando a reclusão é infligida, a abertura da porta remonta à possibilidade de fuga, à saída dos limites físicos punitivos; enquanto que fechada quase se assume como parte constituinte da parede, perdendo a sua função. Utilizada para garantir a subsistência através de espaços colectivos, nega a liberdade e assume-se para o isolado como a primeira possibilidade de alteração do estatuto social ocupado. Na cela auto-imposta, o carácter da porta assemelha-se apenas pela garantia colectiva da subsistência, porém, abre-se para a comunidade e fecha-se permitindo o isolamento mesurável e desejado.
Para o primeiro exemplo - *Mais, au-dedans, plus de frontières!* [33] - , enquanto que para os segundos o sufoco é produzido pelo mundo exterior que pode criar uma falsa sensação de encerramento através de limites levantados pelos próprios.
A cela nem sempre é prisão, por vezes é fuga. Daí a interpretação de Bachelard acerca da libertação da intuição definitiva em relação às barreiras geométricas.

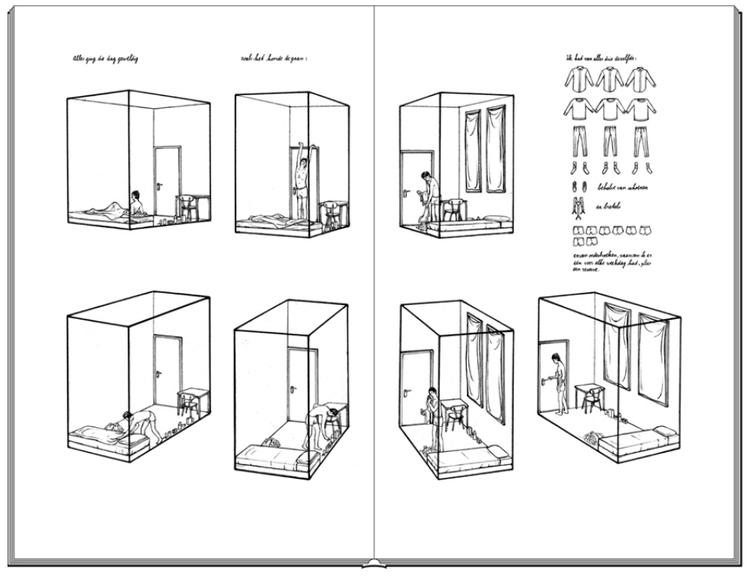
[31] note-se que neste grupo se inserem a porta, o vão, a moldura|caixilho, e o ecrã, em TEYSSOT, Georges - *A Topology of everyday constellations.* Massachussetts: The MIT Press, 2013, aos quais se acrescenta o corredor, como se fará explicar no decorrer do capítulo.

[32] *in* FOUCAULT, Michel - *Dits et écrits: 1954-1988 - tome IV: 1980-1988.* Paris: Éditions Gallimard, 1994, p. 760.

[33] *in* BACHELARD, Gaston - *The poetics of space: the classic look at how we experience intimate place*s. Massachusetts: Beacon Press, 1994, p. 214, *citando* Jean Tardieu em *Les Témoins Invisibles*, p. 36.



27. excerto da novela gráfica *Binnenskamers* de Tim Enthoven (2001), relação do espaço individual com o restante através do corredor



28. excerto da novela gráfica *Binnenskamers* de Tim Enthoven (2001), o espaço individual





*And then, onto what, toward what, do doors open? Do they open for the world of men, or for the world of solitude?* [34]

A análise deste dispositivo arquitectónico - porta - revela-se ainda pertinente quando considerado em relação com a possibilidade de apropriação do espaço - directamente ligada à distinção cela|quarto, como demonstrado anteriormente através de outros factores, aos quais a porta representa um mecanismo acrescentado. A permeabilidade que confere a determinado espaço, fornecendo ao seu ocupante o poder de admissão e eleição, está também na base desta distinção, apesar de não constituir o seu único elemento - notem-se os exemplos das celas auto-impostas, em que a permeabilidade é garantida pelo isolado.

*Poder fechar a porta, abri-la a quem quisermos, poder entrar, sair, ter a chave de um local, quatro paredes onde se refugiar, tece o desejo de um quarto.* [35]

O espaço estrutura-se de modo a reflectir as vivências sociais que o irão habitar ou vice-versa, consoante o pedido a que se responde e devendo adequar-se simultaneamente. Deste modo, é possível deduzir que a presença e quantidade de portas existentes na unidade celular - *à priori,* escassa em dispositivos e objectos arquitectónicos - tem também repercussões no modo como a experiência do espaço se altera.
Privilegiando o factor reclusão, imperativo nestes contextos, a unidade será a quantidade por excelência, obrigando a que cada cela comunique exclusiva e individualmente com os espaços comuns dos quais depende - parcial ou totalmente. Frequentemente, na sua relação com a comunidade, a porta opera como constituinte de mecanismos de mediação espacial, como por exemplo o recurso ao vestíbulo ou à ante-câmara - que beneficiem uma transição mais gradual na sucessão para o espaço privado -; ou a duas portas sobrepostas - uma que permita encerrar totalmente e outra que favoreça a passagem de ventilação e luz.

Assim assiste-se de modo generalizado à introdução de um dispositivo capaz de potenciar uma vivência individualizada do espaço da cela, relacionando de forma igualitária o espaço privado ao espaço da comunidade - o corredor.

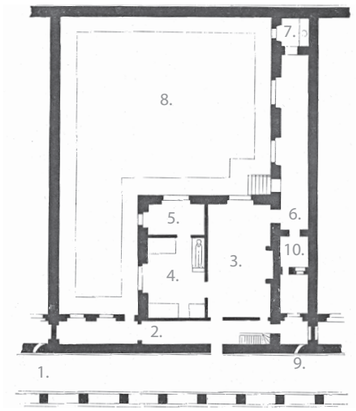
Criando uma ou várias distribuições gerais do movimento quotidiano, o corredor - aqui encarado no sentido do movimento e longitudinalidade e portanto assimilando por exemplo o espaço de galeria do claustro - organiza muitas destas estruturas de um modo eficaz, evitando entrecruzamentos sociais indesejados. De certo modo pode fazer-se uma analogia com a introdução do corredor na casa, descrita por Robin Evans, enquanto espaço de circulação desocupado que agrega o espaço privado habitado a espaços desconexos - nos casos descritos, aliados à componente colectiva.

O trabalho *Binnenskamers* [36], uma novela gráfica publicada em 2011 do artista Tim Enthoven, reflecte exactamente estas vivências quotidianas e relação com os espaços comuns através do corredor, também existentes na cela. Note-se a similitude espacial entre as celas apresentadas na presente dissertação e a segunda prancha do trabalho referido.

[34] *in* BACHELARD, Gaston - *The poetics of space: the classic look at how we experience intimate places*. Massachusetts: Beacon Press, 1994, p. 224.

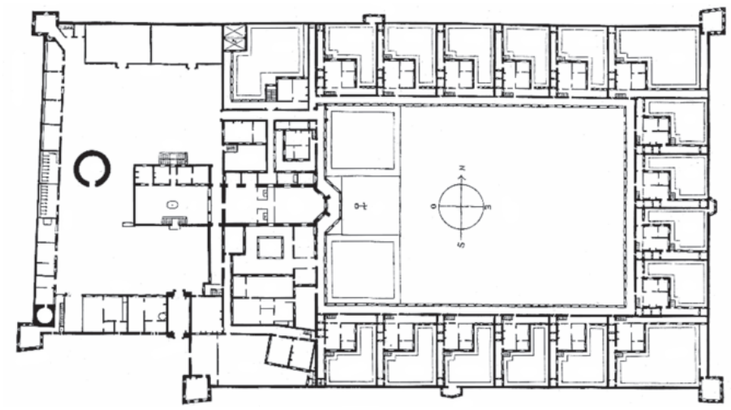
[35] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 305.

[36] de tradução livre, *dentro de casa.*




29. planta da cartuxa de Clermont em França, os elementos de transição potenciadores de um maior isolamento do espaço individual

1. galeria do claustro
2. corredor
3. área de estar
4. área de dormir
5. área de vestir
6. passeio coberto
7. área de higiene
8. pátio
9. vão de fornecimento de refeições ao espaço da cela
10. espaço para madeira



30. planta parcial da cartuxa de Clermont em França, relação dos espaços comuns com o espaço da cela





31. e 32. vão de fornecimento de refeições ao espaço da cela solitária na *Eastern State Penitentiary*, parcialmente semelhante ao encontrado nas cartuxas





*universal accessibility was as necessary an adjunct to privacy as was the one-door room. A compartmentalized building had to be organized by the movement through it* [37]

Colocando as portas das celas em comunicação através deste dispositivo que lhes proporciona um filtro à sociabilidade, reduz-se a comunicação incidental, promovendo um contacto mais franco com os espaços comuns - *And in this there is another glaring paradox: in facilitating communication, the corridor reduced contact.* [38]

A partir da cela, o corredor surge, ou em associação directa e assumida do espaço particular ao espaço comum, e|ou na sua fuga - corredor duplo ou interno. Frequentemente constituindo parte integrante da cela em contextos onde o isolamento máximo é preconizado, associa-se a um pequeno vão, de modo a filtrar totalmente a sociabilidade e ainda assim garantir a alimentação do recluso - à semelhança, por exemplo das solitárias. Negando o contacto social, este acaba por, em determinado momento, se sobrepor ao corredor comum em termos de importância relativamente ao espaço da cela, sendo o seu único meio de subsistência directo.

O recurso ao duplo corredor é recorrente, nomeadamente em contextos religiosos como as cartuxas, particularmente a cartuxa de Clermont, em França, exemplo aqui apresentado.

O pensamento do movimento quotidiano demonstra ser da maior importância neste tipo de arquitecturas restritivas socialmente, pensando-o desde o todo colectivo ao privado e íntimo da cela, particularmente na relação, por exemplo, da cela com a casa-de-banho - partilhada por todos e requerindo de algum modo acesso ao corredor dorsal; ou no espaço celular, pensada como parte integrante da intimidade do isolado.

[37] *in* EVANS, Robin - *Translations from Drawing to Building and Other Essays.* Massachusetts: The MIT Press - Architectural Association, 1997, p. 78.

[38] *in* Ibid., p. 79.

# III.
# o contacto com o mundo

## limite | vão: da janela, da clarabóia; a varanda, o pátio
## (a cortina, o gradeamento, o estore; a porta, o muro)

Paradoxalmente ao imaginário celular, enclausurado entre paredes, o vão surge como dispositivo arquitectónico essencial à caracterização da cela. Através deste, temas centrais do pensamento espacial - como a quarta dimensão do tempo, a fronteira entre o público e o privado e a noção de limite -, assumem protagonismo na sua análise e compreensão.

O vão, aqui materializado na janela ou na clarabóia, tanto funciona como mecanismo de exclusão - separa - como de inclusão - une. Podendo distanciar o observador para posições panópticas onde o *ver sem ser visto* [39] se torna característica fulcral, assume-se simultaneamente como prolongamento do espaço de reclusão, permitindo ao ocupante suportar o encerramento. O interior prolonga-se para o espaço predominantemente verde ou natural que reforça o carácter de isolamento, enquanto que o exterior passa a abarcar todo o perímetro da cela.

[39] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 204.

*he will not be able to manage for long without a window looking on to the street.* [40]

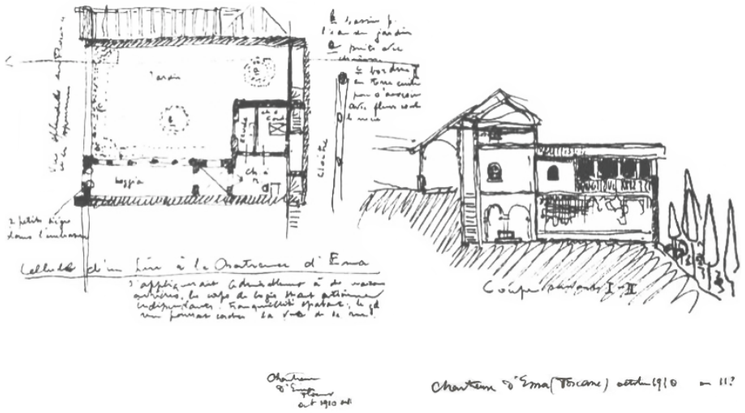
Dispositivo *entre*, o vão acaba por se caracterizar como o mais dicotómico ou paradoxal nos efeitos que influi - note-se a título inicial a principal dicotomia que o caracteriza: aberto|fechado. Proporcionando sempre uma de duas vivências espaciais opostas, como demonstrado acima pelo carácter simultâneo de exclusão e inclusão, traduz os efeitos do tempo no ocupante do espaço mínimo, acelerando-os ou mitigando-os. Por um lado, e principalmente para aqueles cuja reclusão não é auto-imposta, o vão resulta como uma constante lembrança do espaço-tempo perdido, reforçando a separação entre as realidades do isolamento vivido e da liberdade desejada; enquanto que por outro lado, representa um mitigar dos efeitos da clausura, pela contemplação e por vezes até mesmo devoção do natural e prolongamento aparente do espaço através do carácter imagético e paisagístico do vão.

[40] *in* TEYSSOT, Georges - *A Topology of everyday constellations.* Massachussetts: The MIT Press, 2013, p. 251, *citando* Franz Kafka em *The Street Window,* 1904.

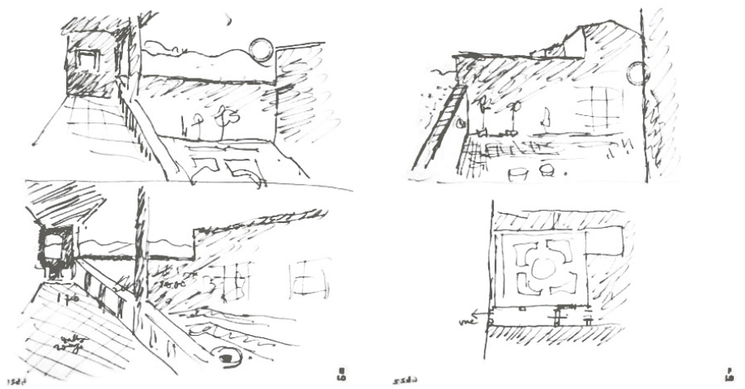
*Só nos recordamos perfeitamente das paisagens diante das quais nos aborrecemos um tanto* [41].

A iluminação, a ventilação e a visibilidade são as três funções essenciais do vão. A primeira contribui, juntamente com as presentes rotinas quotidianas do carcelário, para a distinção da passagem do tempo; a segunda garante a sustentabilidade da cela; enquanto que esta última, além dos efeitos já referenciados, direcciona o olhar, através do emolduramento da paisagem que

[41] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 88.



33. desenho de planta e corte de uma cela da cartuxa do Vale de Ema, por Charles--Edouard Jeanneret



34. desenhos perspéticos de relação interior-exterior de uma cela, por Le Corbusier



35. fotografia aérea da cartuxa do Vale de Ema onde é visível a presença do pátio e do muro em cada um dos espaços individuais





o vão sugere, encerrando-a do mundo através da exclusão de tudo o que lhe é exterior. Note-se que, com *vão*, se refere a relações estabelecidas através da janela e da clarabóia, ligadas consequentemente a espaços como a varanda e o pátio.

*an actual mechanism, referring to the real window - an actual window built with a set of frames and glass panes, often protected on the outside by shutters and on the inside by curtains.* [42]

[42] *in* TEYSSOT, Georges - *A Topology of everyday constellations. Massachussetts: The MIT Press, 2013*, p. 252.

Além de manifestamente associado ao olhar, o vão associa-se também ao ouvir, sentidos potenciados pelo encerramento e privação de outros estímulos a que o ocupante da cela não está susceptível. A sua presença ganha assim expressão enquanto mecanismo mediador do mundo face ao indivíduo, principalmente quando é reforçado pela presença de cortinas, estores, ou mesmo gradeamento.

O carácter dicotómico do vão manifesta-se, em muitos dos contextos celulares apresentados, enquanto o único meio relacional do isolado com o exterior - relação primordialmente visual e auditiva, a janela-olho-ouvido de Georges Teyssot. Deste modo, a envolvente ganha relevância, reforçando o carácter pretendido para a cela em questão.

A importância desta relação imagética é explorada por Le Corbusier nos esquissos que elabora aquando das suas visitas à Cartuxa do Vale de Ema - na página à esquerda -, local isolado espacialmente e onde o vão se assume como reforço da condição de retiro face ao mundo social.

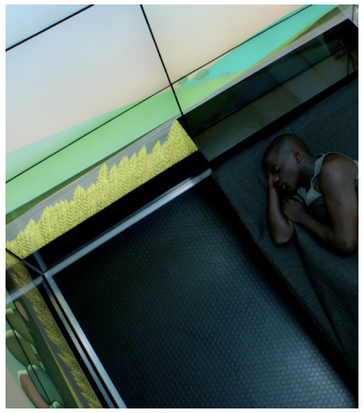
O pátio ou a varanda são aparentemente elementos contraditórios no que diz respeito à unidade celular pois induzem uma directa relação com o exterior a que a cela - como é entendida na sua arcaica definição - não se associa; porém, estes resultam muitas vezes numa abertura ao exterior que simultaneamente se volta para a cela, fechando-se em si mesmo.

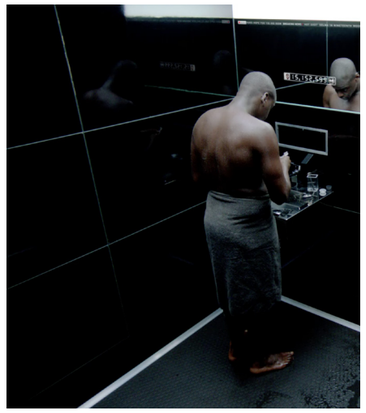
No exemplo apresentado, um alto muro cerca todo o perímetro de cada pátio individual, voltando-o para a cela. O único contacto com a envolvente exterior ao convento é por meio de um pequeno vão no alinhamento do corredor coberto, largamente desenhado por Le Corbusier aquando da sua visita em 1911.

A questão dos limites não é colocada de modo tão relevante na influência do vão relativamente à comunidade onde se insere, excepto nos casos em que este existe enquanto mecanismo dissimulador relativamente à sociabilidade, por exemplo funcionando como passagem de alimento, não se impondo como casos mais relevantes, como demonstrado no sub-capítulo anterior.

A porta opera simultaneamente na relação individual com o exterior e com a comunidade, tendo com a primeira uma ligação mais passiva. Quando em contacto com o lado externo da cela, assume a mesma função do vão, acrescendo-lhe a inerente passagem.

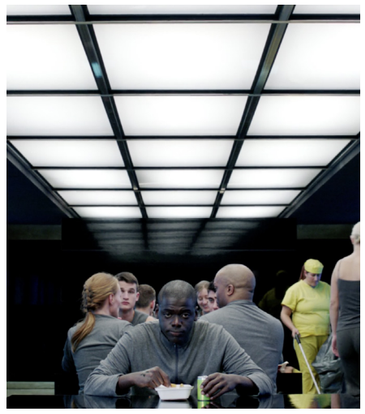
Apesar de na cela conventual ou presidiária este caso não se aplicar, importa notar que a distinção entre público e privado, materializada nas barreiras físicas



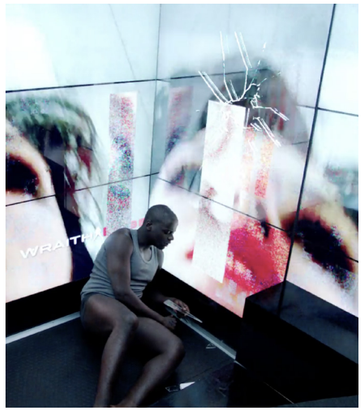


36. *frames* de *Black Mirror: fifteen million merits* - a cela individual





37. *frames* de *Black Mirror: fifteen million merits* - e espaço comum de refeição





38. *frames* de *Black Mirror: fifteen million merits* - à esquerda, tentativa de fuga do mundo digital e manifestação da metáfora ecrã-vão





que caracterizavam a noção de limite, se complexifica a partir de finais de século XIX, com a diluição destas barreiras face à rápida e fácil transposição da energia. Estas redes energéticas permitem manter o contacto social em contextos aparentemente isolados, extrapolando qualquer noção de limite entre as esferas pública e privada.

Permitindo abrir uma janela metafórica para o mundo através do aparelho tecnológico a que estamos conectados, e sem de facto estar em total isolamento, mas usufruindo apenas de uma sociabilidade limitada e incorpórea, este acaba por se caracterizar como uma lente para o mundo exterior envolvente, como se de um vão se tratasse.

A tecnologia pode ser a fuga ou a causa do isolamento. Este tipo de equipamentos tecnológicos acaba por fornecer uma ilusória sensação de vivência no mundo digital, acabando por quase se viver apenas neste e negando o mundo real exterior - paralelamente à cela. Este assunto, polémico, é retratado na série *Black Mirror* (particularmente no episódio *fifteen million merits*) através da inserção extrema da tecnologia no panorama celular, à qual se tenta escapar por uma vida real, sem sujeita a escravatura, neste caso.

O próprio título denuncia as questões tratadas pela referência ao ecrã deste tipo de dispositivos - espelhos negros - que retratam o nosso quotidiano, acabando por o consumir, sendo satiricamente retratados nesta série de ficção científica de Euros Lyn (2011).

# três.
# abstracção programática,
# quatro categorias, casos de estudo

# 1.
# religião

*Para encontrar esse Deus escondido em nós, convém, em primeiro lugar, retirar-se em si mesmo, como o ouriço ou a tartaruga nas suas carapaças esvaziar esse interior das palavras, das imagens, dos ruídos do exterior, para oferecer um "local vasto e vazio" ao Deus que está em nós.* [1]

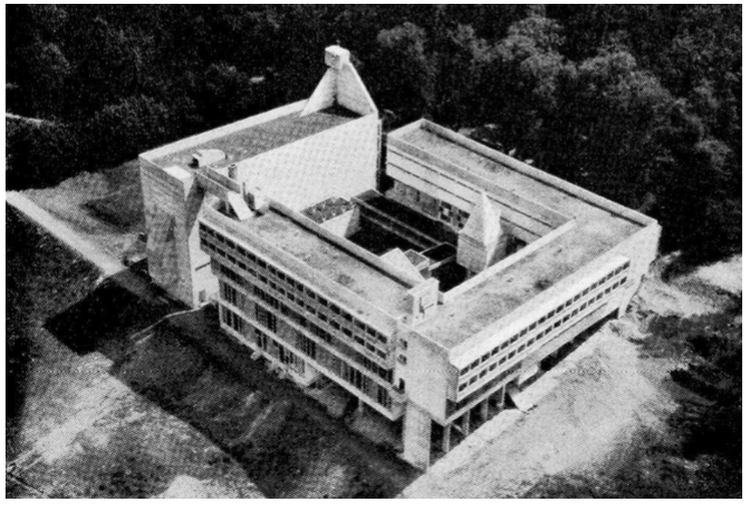
[1] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 327.

Originalmente associada aos monges eremitas, a reclusão religiosa preconizava uma busca solitária de um mundo de directa comunicação com Deus. Face às localizações inóspitas onde estes se exilavam - testando os próprios limites da fé -, o abrigo representou um papel fulcral na manutenção da sobrevivência destes indivíduos.

Associado a uma procura de ligação com o percurso de Jesus Cristo, estes abrigos improvisados na montanha ou no deserto pretendiam assemelhar-se de algum modo ao ventre materno, espaço fechado onde apenas Deus entrou.
Assim, assemelham-se e distanciam-se do que se tenta (re)definir como cela. Se por um lado representam espaços mínimos de reclusão, reflexão e interioridade; por outro anulam qualquer presença do social, mesmo no que à colectividade respeita.

A componente colectiva, e consequentemente a cela, surgem assim relacionadas a estes contextos pelo contraponto que favorecem neste percurso de penitência e despojamento do corpo. A sociabilidade - ainda que imposta -, que se permite existir, beneficia uma maior vigilância e equilibrio à inerente solidão, exame e controlo de si, característicos destes ritos de purificação.

A reclusão monástica remonta à génese da arquitectura celular, com a manifestação crescente de interesse no isolamento religioso conventual.
A cela do monge, caracterizada pelo carácter voluntário do seu isolamento, tem como objectivo a mais directa comunicação com Deus, associada a votos de pobreza, castidade e obediência.



1. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



2. a inequívoca presença do espaço individual na fachada através do vão





## Le Corbusier, convento de *La Tourette*, Eveux-sur-Arbresle, França, 1957-1960

*la arquitectura, imita la realidad fáctica, material, pero también la espiritual o psicológica de los individuos a través de la representación de los cuerpos particulares, multiples y contingentes.* [2]

[2] *in* SOLÀ-MORALES, Ignasi de - *Los articulos de Any*. Barcelona: fundación caja de arquitectos, 2009, p. 88.

Os votos professados podem ser analisados através da sua materialização arquitectónica. A matriz celular deste tipo de arquitecturas preconiza, na sua implantação, a manifestação dos sistemas de regulação a que pertencem, neste caso particular, da Igreja. A hierarquia - e consequentemente o voto de obediência - é usualmente transmitida através da organização do espaço. Note-se o exemplo mencionado - convento de *La Tourette* com cerca de cem espaços individuais -, onde as celas dos monges com maior valor hierárquico se localizam a noroeste, imediatamente sobre e|ou em directa relação com os grandes espaços comuns - enfermaria, salas de aula de maior dimensão, salas comuns, refeitório capítulo e átrio - de onde é possível aceder com maior rapidez ao espaço dedicado à devoção - igreja.

Os monges aprendizes têm o seu espaço íntimo localizado nas alas a sudoeste e sudeste, próximos espacialmente dos locais que lhes permitem controlar a influência da colectividade, complementando a célula. Deste modo, prolongam-se para o âmbito comum funções celulares nas quais o silêncio e a individualidade se impõem - espaços de estudo e oração (particularmente reflectidos em área exterior, salas de aula e salas comuns mais pequenas, sanitários, biblioteca e oratório).

O acesso vertical denuncia, de igual modo, as características hierárquicas presentes. Se por um lado, o acesso às celas dos monges aprendizes é directo, por outro, a escada de acesso às de maior importância, subdivide-se, conferindo mais intimidade e privacidade, e aparentando consequentemente um cariz mais restritivo.

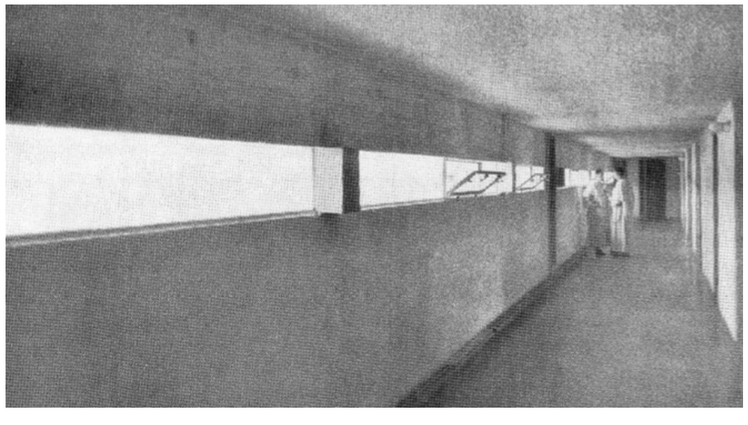
Ainda a propósito dos sistemas de regulação intrínsecos à instituição e ligados directamente à (re)definição de cela, surge a questão da apropriação,



3. espaços comuns - a biblioteca



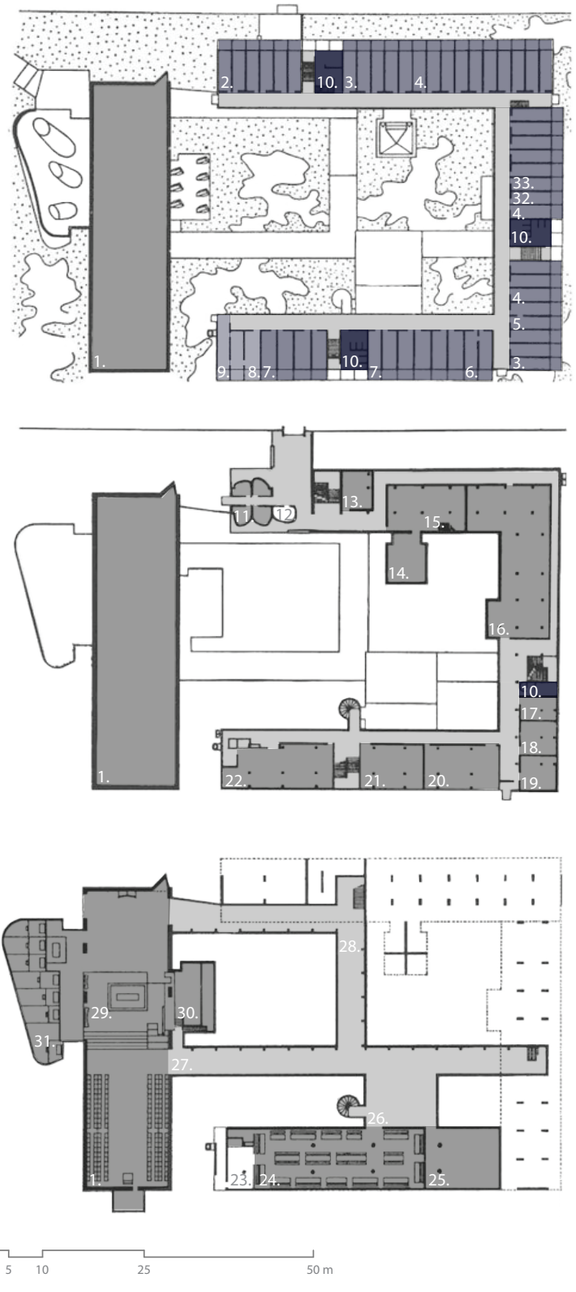
4. espaços comuns - o refeitório



5. espaços comuns - o corredor de acesso às células








1. igreja
2. células dos *frères-convers* (frades-leigos)
3. células dos *prêtres-étudiants* (sacerdotes-estudantes)
4. células dos *frères-étudiants* (frades--estudantes)
5. células do *père-sous-maître des étudiants* (padre-superior dos estudantes)
6. células de hóspedes
7. células dos *pères-professeurs* (padres--professores)
8. enfermaria
9. células dos doentes
10. sanitários

11. *parloirs* (parlatórios)
12. portaria
13. sala comum dos *frères-convers* (frades--leigos)
14. oratório
15. sala comum dos *frères-étudiants* (frades-estudantes)
16. biblioteca
17. *classe* A
18. sala comum dos *prêtres-étudiants* (sacerdotes-estudantes)
19. *classe* B
20. *classe* C
21. sala comum dos padres
22. *classe* D

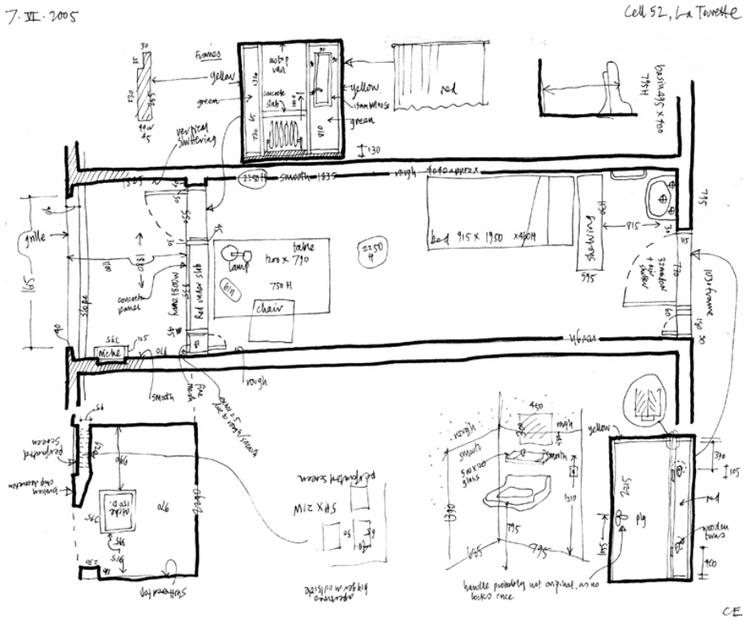
23. escritório
24. sala de jantar|refeitório
25. capítulo
26. átrio
27. grande conduto
28. pequeno conduto
29. altar-mor
30. altares e sacristia
31. altares

32. célula tipo A representada à escala 1:100
33. célula tipo B representada à escala 1:100

legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

6. plantas gerais analisadas, de cima para baixo, quinto, terceiro e primeiro pisos do convento




7. desenho do espaço individual com apontamentos dimensionais de Chris Eckersly, exibido na exposição *Discerning Eye* nas *Mall Galleries*, em 2013




8. planta, corte longitudinal e cortes transversais com indicações métricas da célula do convento;
9. corte longitudinal com representação lumínica da célula do convento.
Desenhos rigorosos da célula tipo A, escala 1:100





intimamente relacionada com o tempo de permanência e o voto de pobreza professado.

Contextos dificilmente relacionados com celas-jaula - dado o cariz voluntário da reclusão e consequente ausência de necessidade de mecanismos excessivos de controlo relativamente à presença e permanência do indivíduo no interior do seu espaço íntimo ou na instituição -, associam-se por vezes a um novo conceito aberto de cela-quarto, em que o tempo estimado longo pode interferir enquanto factor de favorecimento à apropriação, dependendo de outros factores como a ordem religiosa em questão, que faz com que esta varie consideravelmente.

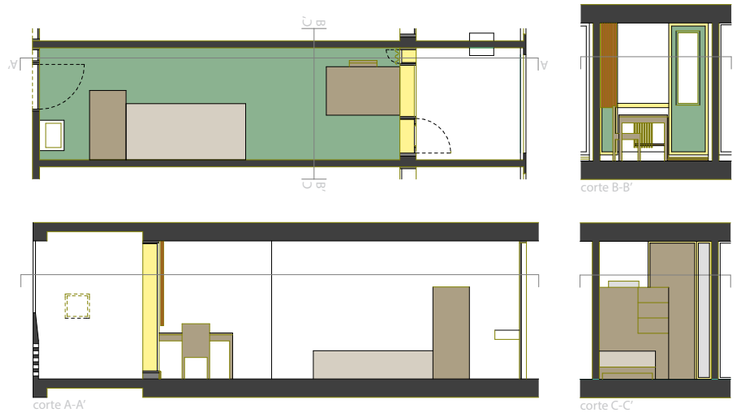
Em *La Tourette* é possível encontrar dois tipos de células, nomeadas enquanto tipo A e tipo B. Analisem-se estas, enquanto parte integrante de um colectivo.

*À priori*, é possível identificar os elementos que constituem a célula tipo A: uma porta de entrada - primeiro contacto, espaço *entre* do privado e do colectivo - seguido de um pequeno vestíbulo que funciona como espaço de transição. Aqui, perfigura um armário maioritariamente exposto no sentido da porta - elemento de compartimentalização do espaço - e um lavatório à direita - indício de continuidade do espaço íntimo dos sanitários. Este espaço desmultiplica-se e colectiviza-se - o lavatório permanece no interior do espaço privado, enquanto o restante se localiza em três unidades distribuídas em cada um dos piso onde se encontram as células (quarto e quinto pisos). Note-se ainda aqui a presença de dois espelhos, um primeiro associado ao lavatório e um segundo, ocupando praticamente toda a altura da cela - junto à porta de entrada -, e voltado para o seu interior. Este segundo aparece na maioria dos casos, mas não em todos, enquanto que o primeiro associado à higiene quotidiana se encontra sempre presente.

Num segundo momento, a zona de dormir - uma cama individual -, seguida de uma área de trabalho - mesa e cadeira - iluminada através de um vão constituído por duas janelas e uma porta envidraçada de acesso à varanda. Uma cortina aparece ocasionalmente, mas sem grande valor espacial de separação directa, surgindo apenas para aumentar o conforto lumínico e visual do espaço de trabalho. Esta porta associada à varanda e a da entrada da cela nunca se encontram alinhadas nas celas deste primeiro tipo, encostando-se sempre a lados opostos do espaço - a de entrada à esquerda e a de acesso ao exterior à direita -, provocando a existência de um percurso indirecto, e consequentemente aumentando o seu carácter íntimo e privado.

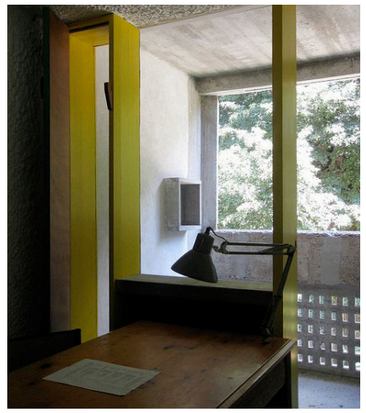
A porta de acesso à colectividade abre-se para o espaço de transição do vestíbulo e abarca visualmente a área de trabalho - mecanismo de controlo espacial -, não se alinhando porém com a de acesso ao espaço exterior de reflexão, inserido numa envolvente verde e isolada. A intimidade de que o habitante goza relativamente à zona de dormir não surge na zona de estudar.

As células do tipo B são muito semelhantes às do tipo A no que às dimensões, mobiliário existente, escolha cromática ou desenho lumínico respeita, porém apresentam algumas distinções-chave relativas aos percursos internos, e




10. planta, corte longitudinal e cortes transversais com representação cromática da célula do convento - desenhos rigorosos do tipo A, escala 1:100





a célula individual tipo A do convento
11. à esquerda, fotografia do diálogo entre os diferentes elementos constituintes, o percurso indirecto da entrada ao exterior - vista da porta de acesso ao exterior;
12. à direita, pormenor da localização do nicho exterior

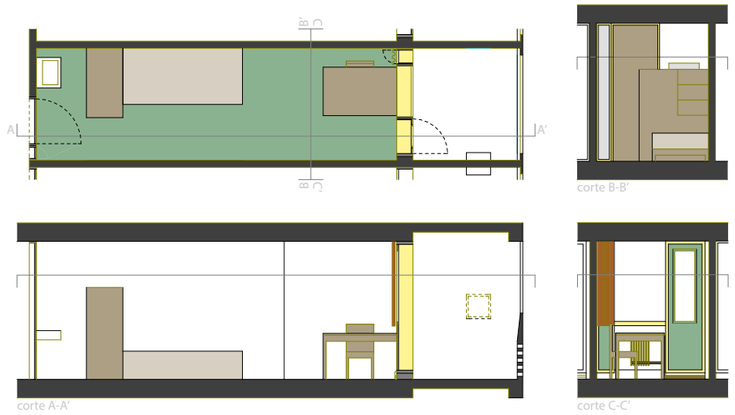




13. e 14. a célula individual tipo A do convento - fotografias do diálogo entre os diferentes elementos constituintes, o percurso indirecto da entrada ao exterior - vista da porta de entrada

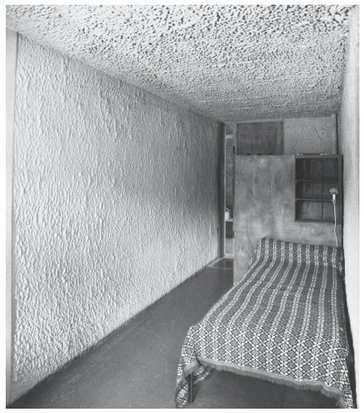







15. planta, corte longitudinal e cortes transversais com representação cromática da célula do convento - desenhos rigorosos do tipo B, escala 1:100





16. e 17. a célula individual tipo B do convento - fotografias do diálogo entre os diferentes elementos constituintes, o percurso directo da entrada ao exterior - vista da porta de acesso ao exterior





18. e 19. a célula individual tipo B do convento - fotografias do diálogo entre os diferentes elementos constituintes, o percurso directo da entrada ao exterior - vista da porta de entrada

consequentemente à caracterização da intimidade no espaço privado.
O percurso indirecto acima referido não tem lugar neste tipo. Ao invés do que acontece anteriormente, aqui, a porta de entrada no espaço celular encontra-se alinhada com a de acesso ao espaço exterior - ambas à direita - enfatizando o carácter de corredor com uma distribuição do mobiliário inteiramente do lado esquerdo. O armário, por não se encontrar directamente em frente à porta, acaba por proporcionar um filtro mais ténue, não promovendo tanto a privacidade do espaço de dormir. O espaço de trabalho, apesar de se encontrar mais salvaguardado a nível visual, mantém a mesma relação com a entrada observada no caso anterior.

A cela - de ambos os tipos analisados - revela-se autossuficiente no que respeita à função dormir, tendo necessidade de se prolongar em direcção ao espaço colectivo para comer, conversar, socializar, usar os sanitários na sua totalidade e completar algumas das funções passíveis de existir praticamente em autossuficiência - como exemplo, utilize-se o acto de estudar, passível de ser praticado no interior da cela, na zona dedicada ao trabalho, mas necessariamente prolongável a espaços comuns como a biblioteca ou salas de aula.

Através do levantamento aqui exposto - que juntamente com elementos gráficos do arquitecto e imagens do espaço, levaram ao desenho das células à escala 1:100 -, foi possível determinar a sua dimensão, colocando-as próximas de 14 $m^2$ (7,8 m x 1,8 m - considerando a inclusão da varanda; sem esta a área seria de 11 $m^2$ - 5,9 m x 1,8 m) e com uma altura de aproximadamente 2,3 m no espaço interior. O seu perímetro, de grande relevância pelo contacto constante do indivíduo isolado, manifesta a importância dos diferentes estímulos visuais, desde as texturas exploradas por Le Corbusier através de diversos materiais como o betão ou a madeira; à cor, diversificada, mas cautelosamente utilizada em consonância com as exigências do espaço - maior tranquilidade com brancos, verdes e cinzas ou maior exploração com tons primários e mais chamativos - notem-se os desenhos rigorosos e fotografias acima apresentados para uma melhor leitura do uso da cor no espaço individual, bem como dos percursos internos explicitados.

A reclusão não é máxima, pois há sempre dependência relativamente a funções básicas, neste caso relacionadas com o refeitório e os sanitários - e no caso particular do convento, do estudo colectivo e da oração comum.
O oratório individual por cela - cuja presença depende da congregação em causa -, não existe neste caso, acabando por transportar as suas características de encerramento da máxima reclusão para a mesa e para a cama. A primeira - símbolo do estudo preconizado em *La Tourette* - manifesta-se pelo seu distanciamento físico e acústico relativamente à comunidade, associando-se ao exterior iluminado e reclusionário; enquanto que a segunda se isola visualmente através do posicionamento da porta de entrada relativamente ao armário, conferindo à cama maior privacidade e intimidade, principalmente no tipo A.

A sociabilidade imposta nestes contextos, manifesta-se de modo mais intenso. Além de altamente controlada, preconiza no contexto religioso uma separação por género, tornando a amostra ainda mais impositiva.



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

*Le Corbusier's development since the Charterhouse of Ema, which he discovered in Italy in 1911, to the Unités d'Habitation of 'Congruent Size' is a totality in which La Tourette appears as a confrontation and a synthesis.* [3]

De influência vincada da visita de Le Corbusier à Cartuxa de Ema, o convento de *La Tourette* e muitos outros projectos do mesmo autor como a *Maison du Brésil* na cidade universitária de Paris - referida nos primeiros capítulos -, denotam as similitudes inter-programáticas do espaço (de matriz) celular - aqui referentes à religião e à residência alternativa.

O conceito de cela não pode, actualmente, prender-se apenas com questões religiosas ou punitivas, quando factores como o carácter da reclusão ou a apropriação permitida variam tanto entre os dois exemplos, tão espacial e relacionalmente semelhantes, como veremos de seguida.

Ainda neste contexto seria possível analisar outros exemplos como o do caso do harém pelo voto a um *senhor supremo, clausura muito estrita, mundo guardado por clérigos, (...) que convivem entre si* [4], porém de modo a obter uma leitura mais eficaz, optou-se escolher os exemplos com menos factores de influência externos - culturais, neste caso.

[3] *in Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995, volume 7 - 1957-1965, p. 32.

[4] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 150.

# 2.
# punição

De acordo com Michel Foucault, a punição faz parte de uma função social complexa, não tendo apenas efeitos repressivos. O objectivo do actual encerramento não é isolar o indivíduo de modo a castigá-lo, mas sim reeducá-lo de acordo com estritos horários e novos hábitos, nomeadamente de trabalho, de modo a que, quando devolvido à sociedade, possa converter o que desta retirou com o crime cometido. O tempo de isolamento não é pensado numa relação imediata de gravidade-permanência, mas sim calculado pela probabilidade de repetição existente, exactamente num sentido de protecção da sociedade que recebe o aprisionado - *calcular uma pena em função, não do crime, mas da sua repetição possível.* [5]

[5] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir.* Lisboa: Edições 70, 2013, p. 108.

*De facto, aquilo que até então sustentara esta prática dos suplícios não era uma economia do exemplo (...), mas uma política do medo: tornar visível a todos, no corpo do criminoso, a presença arrebatada do soberano* [6]

[6] *in* Op. Cit., p. 60.

A cela surge e assume-se neste contexto punitivo enquanto materialização de uma alteração da mentalidade social penal, originalmente ligada a penas de curta duração (por exemplo de cariz preventivo) em centros de detenção. A sua generalização através da prisão decorre das condições ideiais - nomeadamente de vigilância e controlo - que propicia na construção do enclausuramento enquanto concretização desta alteração da repressão penal - passagem da representação do poder soberano dos suplícios públicos para a correcção individual.

*O ponto de aplicação da pena não é a representação, mas o corpo, o tempo, os gestos e as actividades de todos os dias; a alma também, mas na medida em que é a sede de hábitos.* [7]

[7] *in* Op. Cit., p. 150.

Ligada a uma tentativa de normalização e unificação do castigo, esta alteração no sentido da *sobriedade punitiva* [8] decorre essencialmente no século XIX (variando temporalmente de acordo com os países em causa), e encara como objectivo principal da penalidade correctiva a perda de um bem ou de um direito, sendo a privação de liberdade o derradeiro e generalizado meio implementado para a correcção, em que o objectivo deixa de ser a sanção, mas sim o controlo.

[8] *in* Op. Cit., p. 21.



20. fotografias aéreas enfatizando os *cellblocks* 9 e 8 - vista do lado contrário à entrada (para sul)



21. fotografia aérea de oeste da *Eastern State Penitentiary*



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

## John Haviland, *Eastern State Penitentiary*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1821

*O direito de punir passou da vingança do soberano para a defesa da sociedade.* [9]

[9] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir.* Lisboa: Edições 70, 2013, p. 105.

Estas celas são assim, na sua génese e tendencialmente cada vez mais de cariz temporário, na medida em que a sua finalidade é devolver o sujeito à sociedade, - condicionando a sua apropriação -; apesar de hoje em dia o sistema penal ter sido de algum modo subvertido. Penas perpétuas ou de morte - materializadas por exemplo no *death row* da *Eastern State Penitentiary* - reiteram o fundamento da actual prática e remontam aos suplícios em praça pública, abolidos pela sua componente bárbara e apenas com carácter de sanção. O encerramento e a arquitectura celular manifestam deste modo uma estreita relação com a punição, na medida em que constituem a actual solução-tipo de formulação de espaços arquitectónicos prisionais, após a abolição da prática dos suplícios - é com a colocação da prisão no centro da penalidade *que a questão da "boa prisão" se tornou central e, com ela, a questão da cela.* [10].

[10] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 336.

Assim como se assiste no caso de estudo da categoria associada à religião, também no caso da penitenciária se confirma a ligação estabelecida por Michel Foucault entre heterotopias e actos de purificação. Os modelos celulares, adoptados tanto pela Igreja, como pelo Estado, manifestam as suas semelhanças e facilidade inter-programática na sua usual reconversão - exemplo 1: *a construção de prisões não foi uma prioridade. Depois da revolução, utilizaram-se abadias nacionalizadas* [11]; exemplo 2: *por falta de meios e de convicção, a cela foi abandonada e substituída por dormitórios, sobrepovoados e sujos, e quando foi retomada mais tarde, por volta de 1952, em Fresnes ou em Fleury-Mérogis, adoptaram-se as normas dos pequenos quartos de estudantes (as chambrettes).* [12]

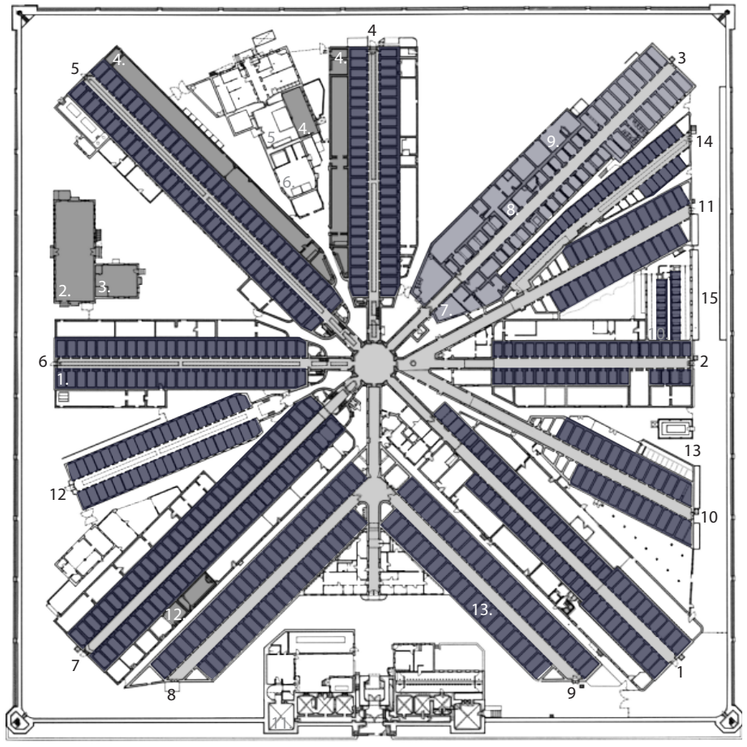
[11] *in* Ibid., p. 338.

[12] *in* Ibid., p. 334.

Nos Estados Unidos da América seguem-se dois modelos relacionados com a proporção entre modelos de trabalho e sociabilidade, em contraponto com momentos de reflexão em isolamento - modelo de Auburn e modelo da Pensilvânia. No primeiro subsiste o isolamento nocturno, e trabalho e refeições em comum, mas em silêncio durante o dia; enquanto que o segundo representa um isolamento permanente - *a requalificação do criminoso não é*

1. células com sanitário privado
2. capela
3. lavandaria
4. sala de jantar|refeitório
5. cozinha
6. confeitaria
7. salas de cirurgia
8. hospital prisional
9. raio-x
10. espaço destinado ao cumprimento da pena de morte
11. edifício administrativo
12. sinagoga

13. célula representada à escala 1:100




legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

22. planta geral analisada da *Eastern State Penitentiary,* de 1971

*esperada do exercício de uma lei comum, mas da relação do indivíduo com a sua própria consciência e com aquilo que pode iluminá-lo do interior.* [13] Apesar da transformação do recluso se basear essencialmente no carácter instrospectivo proporcionado pela célula, esta não deixa de estar dependente da comunidade onde se insere, sendo indispensável à sua existência - daí a selecção deste exemplo. Apesar do carácter do isolamento ser distinto e mais restritivo que no exemplo religioso, muitas similitudes subsistem entre estas celas.

*Da oposição entre estes dois modelos surge toda uma série de conflitos diferentes: religiosos (deve a conversão ser o elemento principal da correcção?), médicos (o isolamento completo leva à loucura?), económicos (qual o menos dispendioso?), arquitectónicos e administrativos (que forma garante a melhor vigilância?).* [14]

A *Eastern State Penitentiary* - antiga *Cherry Hill*, de envolvente urbana e que actualmente já não se encontra em funcionamento - enquadrava-se no segundo modelo, da Pensilvânia.

[13] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir.* Lisboa: Edições 70, 2013, p. 272 e 273.

[14] *in* Op. Cit., p. 273.





Espaços comuns como locais para exercício físico, sala de jantar, cozinha, sinagoga e capela deixam antever que o espaço para a colectividade subsiste em organizações programáticas de matriz celular, mesmo quando o isolamento é máximo. Ao contrário do que se possa estabelecer numa primeira análise superficial, o equipamento prisional, e mais especificamente a cela, mesmo quando individual, não anula a componente social. Apesar do encerramento inerente a estas condições, a sociabilidade verifica-se imposta e não anulada, aquando dos momentos de reunião. Note-se que aqui também ocorre uma separação por género. Cada equipamento destina-se apenas ao sexo feminino ou masculino, restringindo ainda mais o contacto inter-pessoal.

*Em Cherry Hill, "os muros são a punição do crime; a cela põe o recluso na presença de si próprio; é obrigado a ouvir a sua consciência". Daí o facto de o trabalho ser aí mais um consolo do que uma obrigação; o facto de os vigilantes não terem de exercer uma coerção que é assegurada pela materialidade das coisas, e de a sua autoridade, portanto, poder ser aceite* [15]

A função do trabalho no espaço prisional é, acima de tudo, restituir hábitos de sociabilidade, funcionando em conjunto com a reflexão proporcionada pelo isolamento e silêncio constantes. Este modo de preencher o tempo dos reclusos, além da componente social e pedagógica, tem um cariz de regulação, sendo algumas vezes completado com o pagamento de um salário que pretendia fomentar o valor do trabalho feito, não como recompensa, mas enquanto reforço da aprendizagem.

As células estão subdivididas em blocos que preconizam uma distribuição panóptica do espaço, neste caso estrelada (verifica-se também a existência do semicirculo ou cruz), que favorece um controlo quotidiano mais eficaz - *o tema do Panóptico – simultaneamente vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalização, isolamento e transparência – encontrou na prisão o seu lugar privilegiado da realização.* [16]

Ao contrário do exemplo anterior - em que apenas de um dos lados do corredor se pode aceder aos espaços individuais e no qual os espaços comuns se encontram distribuídos homogeneamente -, neste caso, o corredor de distribuição leva a celas de ambos os lados, e os espaços comuns distribuem-se na área implantada de modo mais heterogéneo e essencialmente de acesso pelo exterior.

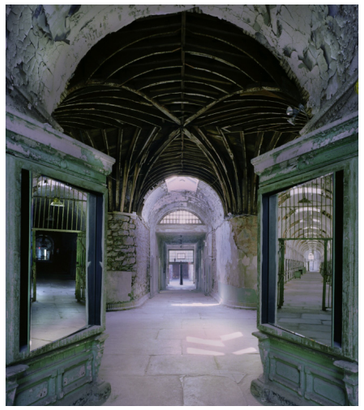
O carácter da reclusão reflecte-se também na implantação, na medida em que, apesar de o acesso aos espaços comuns ser através do exterior, todo o perímetro se encontra murado - note-se que o muro também se encontra presente em equipamentos onde a reclusão se assume de carácter voluntário, porém, ao invés de não permitirem a saída, pretendem bloquear o acesso exterior. Enquanto que no caso anterior há uma maior liberdade na gestão pessoal da reclusão (voluntária), o que implica directamente uma rápida e imediata percepção dos percursos entre espaços individuais e comuns; no exemplo da penitenciária, o indivíduo hiper-vigiado é conduzido aos espaços colectivos, pelo que a necessidade de uma distribuição mais imediata se dilui.

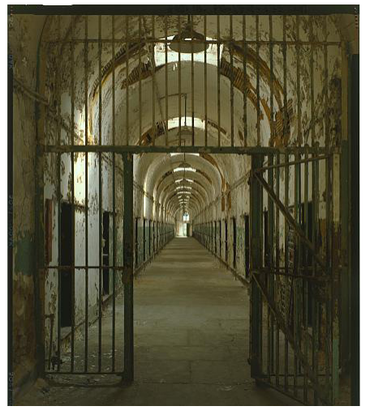
[15] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir.* Lisboa: Edições 70, 2013, p. 284.

[16] *in* Op. Cit., p. 286.

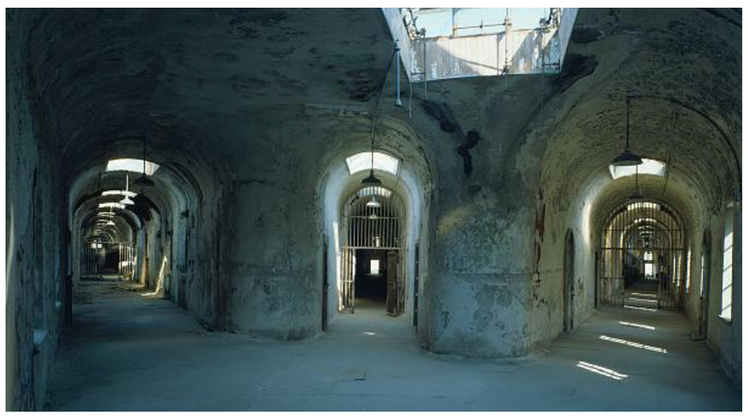


23. espaços comuns - a capela





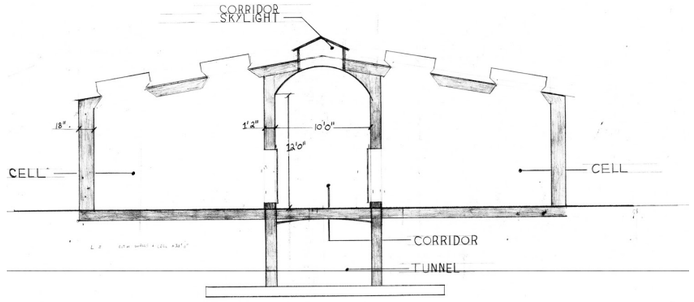
24. à esquerda, espaços comuns - àrea central de distribuição em corredores de acesso às células;
25. à direita, corredor de acesso às células - *cellblock 9*



26. espaços comuns - àrea de sub--distribuição em corredores de acesso às células



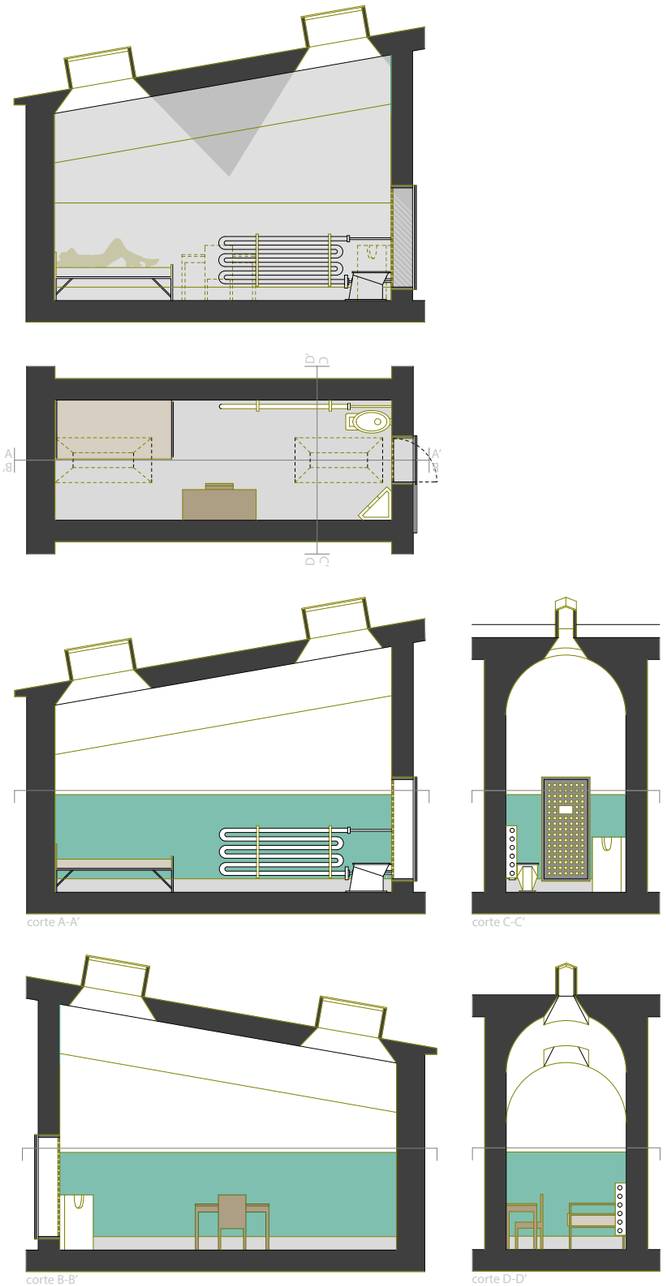





27. corte pelo *cellblock* 11, de *Mancini Design Build*




28. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula do *cellblock* 9 - desenhos rigorosos, escala 1:100




29. em cima, corte longitudinal com representação lumínica de célula do *cellblock* 9;
30. em baixo, planta, cortes longitudinais e cortes transversais com representação cromática de célula do *cellblock* 9. Desenhos rigorosos, escala 1:100



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

Vários tipos de celas são encontrados nesta penitenciária - para um ou mais ocupantes em simultâneo -, pelo que foram seleccionados os mais característicos para a ilustrar.

No primeiro caso, esta é composta por dois pontos de luz zenital - clarabóias - que permitem libertar as paredes de vãos; já que os blocos das celas se encontram relativamente próximos uns dos outros, o que não favoreceria o cariz reclusionário. Não existirem aberturas nas paredes força também o isolamento pretendido. Uma clarabóia é diferente de uma janela. Apesar de ambas servirem propósitos de iluminação, a janela permite uma comunicação com o exterior que a clarabóia não permite, assim como um controlo da luz pelo próprio, principalmente quando estão em causa alturas entre os 3,1 m e os 4 m, como neste caso. A segunda é um elemento mais introspectivo e estático.

A porta também tem um papel relevante, pois neste caso não constitui um elemento arquitectónico que só permite a entrada|saída. Aqui, esta figura como elemento importante no que toca à transmissão de luz e permissão da visibilidade para o interior do bloco. A porta gradeada de abrir é seguida por uma portada de correr que barra o olhar e simultaneamente controla a luz que entra no espaço. Neste caso, a sua concepção associa-se à ideia de cela-jaula, em que a questão da visibilidade permanente do ocupante influi na alteração do seu comportamento. A ausência de janelas e o alto pé-direito em conjunto com a existência desta porta gradeada, maximizam os efeitos da reclusão involuntária, à qual a mais simples forma de auto-controlo do espaço individual é negada - note-se que o controlo da portada é integralmente feito através do exterior da cela. Outra particularidade destas celas é o pequeno degrau que afasta a entrada da cela do solo.

*Mas mesmo no que diz respeito ao WC, depressa senti a minha condição de prisioneiro: o autoclismo só podia ser puxado do exterior, o que acontecia só uma vez de manhã e outra ao fim da tarde.* [17]

A questão da cor, apesar de ser aqui encarada como um factor de relevância inferior, também influi no espaço celular. Assim como na categoria religiosa, as cores predominantes são o branco e *o verde, reabilitado no século XVIII, considerado como a cor mais favorável para o descanso do corpo e do espírito* [18].

*Passo o dia inteiro fechado numa cela cujo mobiliário é constituído por uma cama com colchão, enxerga, dois cobertores e dois lençóis, uma mesa com gaveta, um banco, um jarro de água e uma terrina, um bacio para a noite, uma vassoura de madeira e um escarrador.* [19]

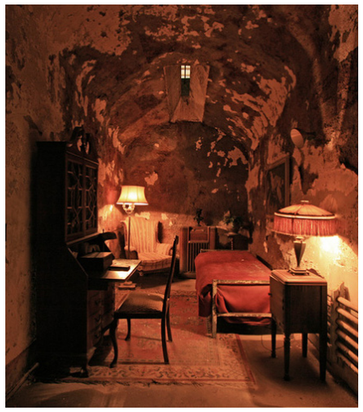
O conteúdo dos espaços celulares pouco varia consoante o programa que o equipamento que os insere alberga. A cama, a mesa e a cadeira são elementos constantes e característicos de muitos destes espaços. Neste primeiro caso, o sanitário levanta algumas dúvidas, pois tanto desaparece por completo nas fotografias, como aparece encostado à parede de entrada - ou só sanita, ou sanita e pequeno lavatório. No entanto, a hipótese desenhada nos rigorosos a 1:100 é a que aparece de modo mais recorrente.

17 *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 341, *citando* Victor Klemperer, um prisioneiro detido cerca de duas semanas no comissariado da polícia, em Dresden.

18 *in* Ibid., p. 70 e 80.

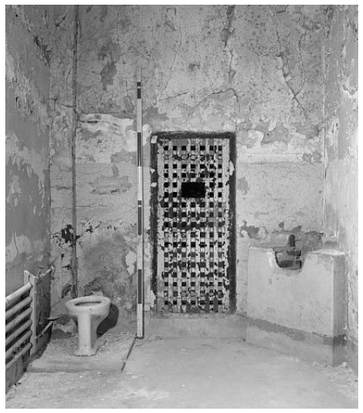
19 *in* Ibid., p. 334, *citando* Filipe, um detido de 13 anos de *La Roquette*, em 1891.





31. e 32. duas células iguais em espaço, mas diferentes ao nível da apropriação e da reconstrução, ambas vistas da entrada





33. à esquerda, portada de correr;
34. à direita, posicionamento dos sanitários na célula relacionados com a porta de abrir





35. e 36. corredor e célula de carácter diferente, no mesmo equipamento prisional - *cellblock* 15, *death row*





Este outro formato de sanitário - fixo e relacionado com a zona de entrada -, aparece na *Eastern State Penitentiary*, como no exemplo de *La Tourette,* mas neste caso, sem ligação com sanitários comuns. De facto, este é o único diferencial entre as funções autossuficientes possíveis no interior da cela entre este exemplo e o anterior. Aqui o lavatório e a sanita coexistem com o espaço de dormir e de trabalhar, sem qualquer tipo de mecanismo de separação - cortina ou armário, por exemplo.

Através deste caso de estudo pode-se deduzir um menor favorecimento da intimidade neste tipo de contextos involuntários associados à cela-jaula. A materialização de mecanismos de encerramento interior e simultânea visibilidade exterior, em consonância com a ausência de dispositivos de separação dos espaços interiores da cela (higiene-sono-trabalho, por exemplo) denuncia um favorecimento da visibilidade exterior em deterimento de uma estimulação visual e sensorial do espaço da intimidade, visível em contextos de reclusão voluntária.

A abstracção no conteúdo da cela, igualitária, além que corroborar com a privação de liberdade e carácter punitivo-transformador preconizado por este isolamento imposto, reflecte o vazio das dinâmicas e vivências quotidianas destes isolados. Confinados a um espaço mínimo de área semelhante (cerca de 11 $m^2$ - 5,5 m x 2 m), a privação de contacto com o exterior releva o encarceramento individual enquanto um constante confronto com as relações de poder exercidas sobre o condenado - condição para a reforma e a aprendizagem; isolamento relativamente ao que motivou a infracção.

Outro exemplo interessante apresentado nas imagens seleccionadas é a a cela em que a entrada e o ponto de luz coincidem num portão gradeado, de dimensão bastante superior à comum e estreita porta celular, por reunir as funções de entrada, iluminação e ventilação. De tão reduzida, e escassa em elementos, mesmo o espaço íntimo dos sanitários é reduzido ao mínimo, pela aglomeração da sanita e do lavatório num único objecto. A sua localização é igualmente interessante, pela manifestação de efemeridade que manifesta - *cellblock* 15, *death row* -, local de passagem para os condenados à pena de morte.

Nesta mesma categoria seria possível exibir exemplos semelhantes através de internatos ou centros de correcção, em que a alteração seria apenas etária ou de cariz das infracções - o que não é relevante para a análise em curso.

# 3.
# saúde

*o hospital-edifício se organiza como instrumento de acção médica: deve permitir observar bem os doentes e, portanto, ajustar melhor os cuidados; a forma dos edifícios, graças à separação cuidadosa dos doentes, deve impedir os contágios; a ventilação e o ar que se faz circular em redor de cada cama devem evitar que os vapores nocivos se estagnem em torno do paciente* [20]

[20] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 200.

O espaço hospitalar, equipamento por excelência da prestação de cuidados de saúde, materializa um programa compatível com a matriz celular. A especificidade técnica que introduz em nada altera o anonimato do espaço da cela, caracterizado pelo cariz passageiro da permanência do indivíduo e consequente reduzida apropriação.

*Nesse espaço anónimo, transitório, onde não é mais do que um número, o indivíduo não deixará nenhum vestígio.* [21]

[21] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 304.

A tendência tem sido reduzir tanto o número de camas ao encargo de cada enfermaria, como por célula, manifestando-se claramente as de uma e duas camas como preferenciais na perspectiva do cuidado do doente - apesar dos custos económicos que acarretam. Com o passar do tempo, avanço e alteração de regulações de higiene, e evolução de técnicas tanto construtivas como médicas, o espaço do doente foi-se tornando mais privado e o seu atendimento mais considerado.

*Ao longo dos séculos, a evolução (...) foi de camas simples para camas com dosseles e cortinas de modo a dar alguma intimidade ao doente, e destas para minúsculas celas onde mal cabia uma cama e uma mesa de cabeceira* [22]

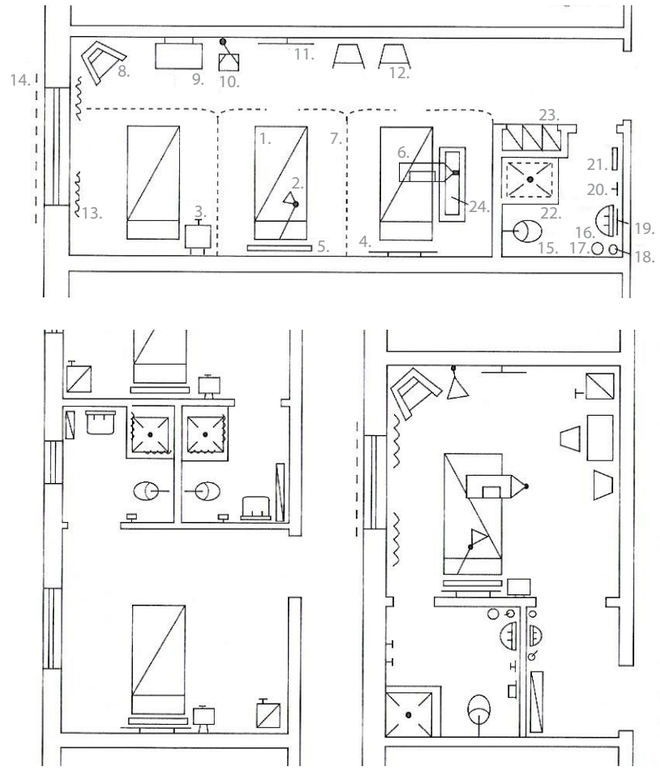
[22] *in* CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 33.

Aqui, o surgimento do espaço de cariz individual percebe-se de modo mais imediato, pois a reclusão surge apoiada também por constrangimentos ligados à saúde - *os médicos, tanto os que insistem sobre os perigos de contágio, como os que falam da necessidade de arejar, alertam para os riscos e separam os corpos* [23].

[23] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 282.

37. planta à escala 1:100 de espaço plural com sanitário trabalhada

1. cama
2. suporte suspensão doente
3. mesa cabeceira
4. suporte fixação aparelhagem
5. armadura múltipla
6. mesa doente acamado
7. cortinado em calha
8. sofá
9. tampo rebatível escrever
10. aparelho TV em suporte giratório
11. quadro decorativo
12. cadeira simples direita
13. cortinado de janela
14. estore exterior
15. sanita
16. lavatório
17. cesto de papéis
18. depósito sabão líquido
19. espelho
20. toalheiro
21. prateleira
22. duche com cortinado
23. armário-roupeiro
24. tapete



38. plantas à escala 1:100 de espaços individuais com sanitário sem e com adufa

[24] *in* CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 50.

*O equipamento do quarto individual é, sensivelmente, o que se indicou (...) para a enfermaria de três camas com a correcção correspondente à existência de uma única cama e mobiliário anexo (1 a 6 na Figura 2.7.1-2), um único armário-roupeiro (23), uma única cadeira direita (12) e a não existência decortinado em calha (7).* [24]





Apesar de, à semelhança das categorias já analisadas, se seleccionar o espaço individual como exemplo passível de comparação, nesta categoria optou-se pela subdivisão em dois casos de estudo. Ao invés de utilizar o hospital como base, na perspectiva de uma selecção mais generalista e inclusiva, este servirá apenas como estabelecimento de princípios a comprovar nos exemplos mais restritivos apresentados: um sanatório de tuberculose - saúde física - e uma unidade de cuidados psiquiátricos - saúde mental. Sabendo à partida que estes ou outros equipamentos destinados ao tratamento específico de determinadas doenças se incluem (ou incluíram) nos hospitais, pode assumir-se a presença da cela em contexto hospitalar, e comprovar simultaneamente que mesmo nos casos mais complexos, a componente da saúde pode favorecer o isolamento e a reclusão celulares, sem os comprometer.

No caso do hospital, estes espaços surgem devido a constrangimentos como o isolamento por condições infecciosas, o estado terminal do doente, a necessidade de cuidado especial ou a tentativa de impedir que estes incomodem outros pacientes, algumas das razões adaptáveis aos contextos mais específicos que se apresentam - caso da tuberculose ou da doença mental.

*Os quartos individuais podem ser simples, com ou sem instalação sanitária privativa (...) e sem ou com adufa de entrada* [25]

O espaço individual ligado à saúde manifesta-se também pela sua maior mutabilidade comparativamente aos até aqui analisados. Tendo necessariamente de contar com vivências influenciadas directamente por estados de saúde muito diversos, conta com a presença tanto de doentes sem limitações ao nível da locomoção, como com mobilidade reduzida ou inexistente. O espaço adapta-se ao indivíduo, permanecendo no entanto anónimo.

Objectos como a mesa tornam-se alvo de um pensamento mais detalhado, favorecendo a multiplicidade de funções - desde a rebatível para permitir uma passagem mais fácil à do doente acamado.
Note-se por exemplo a relação do ponto de luz com o espaço de trabalho, como até aqui se tem verificado. Neste caso, a cama pode acumular a função da mesa, e portanto a sua relação com o ponto de luz pode ser valorizada, o que também está relacionado com a permanência do doente na mesma. A polivalência da célula é aqui importante, podendo assumir configurações ligeiramente diferentes.

A cama, apesar de objecto estanque, é alvo de dois tipos de análise. Se por um lado é um elemento indispensável na organização do espaço; por outro, pode tornar-se na própria cela, quando constitui todo o espaço de acção do indivíduo, por constrangimentos relacionados com a mobilidade.

Aspectos mais concretos na constituição da cela na saúde serão analisados com base em exemplos construídos - sanatório de tuberculose em Paimio, de Alvar Aalto; e pavilhão de segurança do Hospital Miguel Bombarda em Lisboa, de José Maria Nepomuceno. A relação manifestada na organização do espaço celular com a comunidade e com o exterior só é passível de análise em casos de estudo, servindo esta primeira introdução de base e contextualização ao tema.

[25] *in* CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 37.



39. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



40. a inequívoca presença do espaço individual na fachada através do vão



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

## Alvar Aalto, sanatório de tuberculose, Paimio, Finlândia, 1928, 1929-1933

*longe da cura, o sanatório foi um terreno de experimentação do quarto de longa estadia.* [26]

[26] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 290.

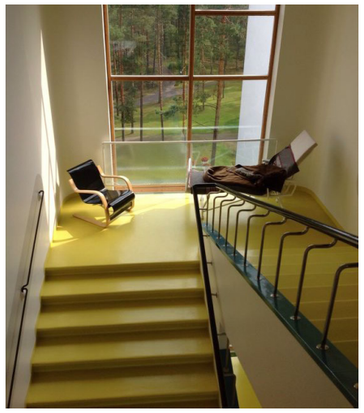
O sanatório é um equipamento destinado ao internamento de indivíduos com tuberculose, submetendo-os a um regime de cura.
Este tipo de unidade de cuidados de saúde é frequentemente associado a implantações muito específicas, relacionadas com condições climáticas, altitude e qualidade do ar. O caso de estudo em análise não foge à regra, encontrando-se implantado numa área montanhosa, rodeado de densas zonas florestais e afastado de locais povoados.

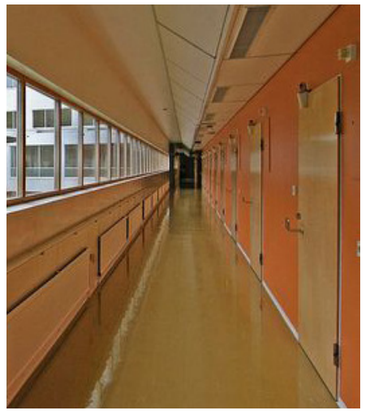
Constituído por um principal volume fragmentado onde se localizam os grandes espaços comuns de estar e tratamento, bem como os locais destinados ao descanso; é também caracterizado pela presença de dois outros pequenos volumes, afastados do primeiro: as casas dos técnicos de saúde e as dos funcionários - a oeste do edifício representado nas páginas seguintes.

Em edifícios projectados essencialmente de modo a responder a questões salutares, é frequente notar-se a presença de três espaços comuns principais - de estadia, visita e alimentação - que, pela ausência de sobreposição de horários, podem em casos particulares constituir um único espaço polivalente; bem como de espaços de cariz mais específico como salas de tratamento, exame ou despejo, arrecadações, gabinetes, vestiários, entre outros.

Neste caso do sanatório de tuberculose de Paimio, Alvar Aalto priorizou a construção de lugares recreativos, como o refeitório ou a biblioteca; de descanso como a extensa galeria aberta; de cozinha e confecção; ou técnicos, que projecta e configura para o bem-estar do paciente decorrente de um tratamento eficaz potenciado por características arquitectónicas favoráveis.

Apesar das áreas de acesso colectivo terem grande importância neste equipamento, a célula-módulo para a sua realização é o espaço do doente. Daqui



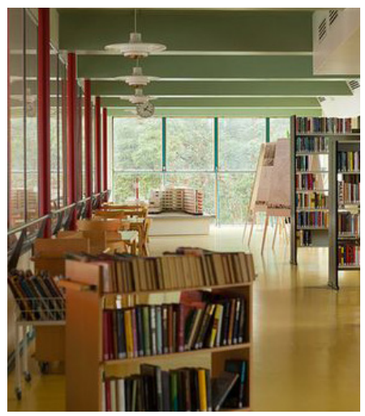


41. à esquerda, espaços comuns de distribuição - acesso vertical;
42. à direita, espaços comuns de distribuição - um corredor de acesso às células



43. espaços comuns - o refeitório

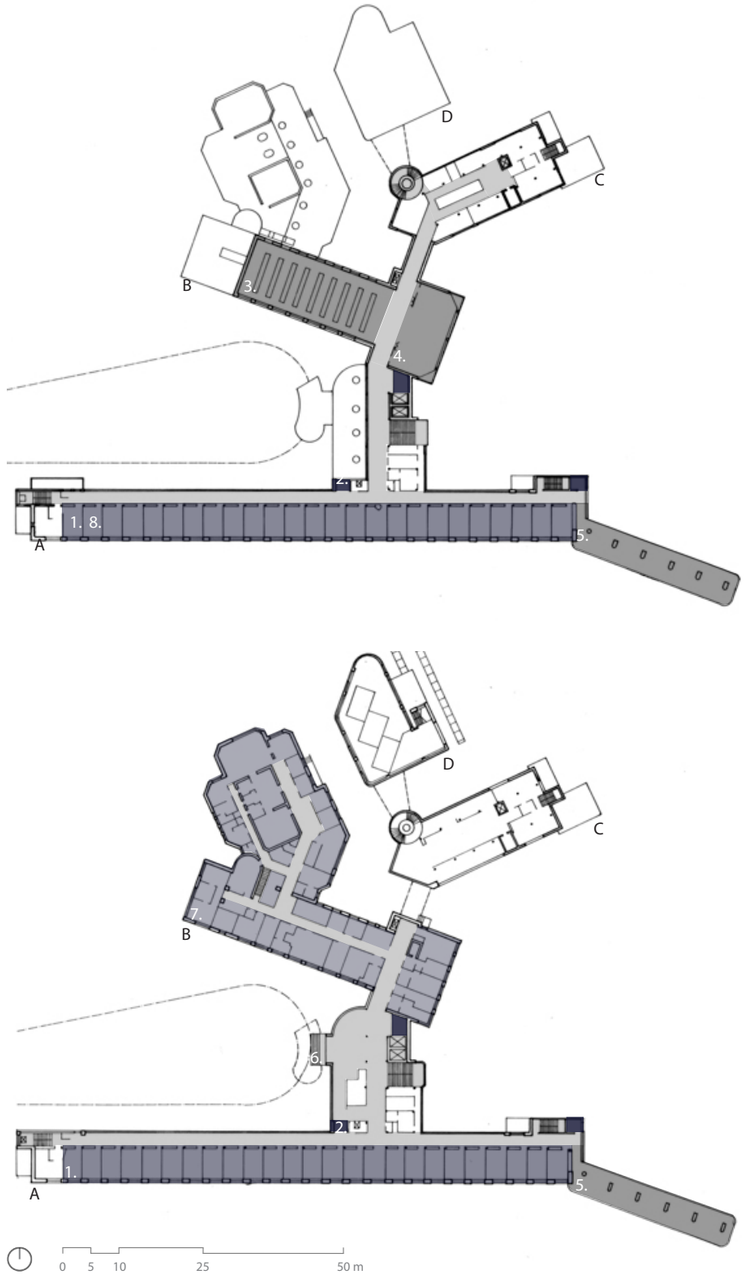




44. à esquerda, espaços comuns - a galeria exterior;
45. à direita, espaços comuns - a biblioteca








A ala dos pacientes e terraço de descanso
B espaços comuns
C áreas técnicas e de serviço
D garagem

1. células
2. sanitários
3. sala de jantar|refeitório
4. sala de estar
5. galeria de descanso

6. entrada
7. zona reservada a tratamento e cirurgia

8. célula representada à escala 1:100

legenda espaços interiores

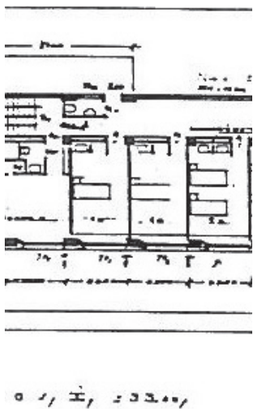
- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

46. plantas dos pisos tipo e térreo respectivamente, de cima para baixo




47. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula do sanatório - desenhos rigorosos, escala 1:100; note-se que neste caso de estudo surge uma cor de linha complementar (cinza claro) que faz referência ao espaço|aos elementos do segundo ocupante da cela





48. à esquerda, espaço de um único ocupante e respectivo mobiliário fixo;
49. à direita, pormenor de planta geral demonstrativo da existência de espaços de um só ocupante, de *Hospitecnia*





detém-se uma demonstração parcial que em muitas das arquitecturas de matriz celular, a cela constitui o elemento chave na organização do espaço.

*Os quartos (...) obedecem a regras de higiene muito estritas: mobiliário simples, de manutenção fácil devido às formas arredondadas dos móveis, (...) fácil de lavar* [27]

[27] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 290 e 291.

Estas unidades-base na concepção do sanatório - celas - apresentam-se essencialmente enquanto albergue para duas pessoas, primando pela sua eficácia no controlo e vigilância da doença em causa, encontrando-se também exemplos de espaços de um só indivíduo - a sua existência, ainda que excepcional, é passível de comprovação tanto na planta parcial exposta como nas fotografias seleccionadas onde consta algum do mobiliário fixo.

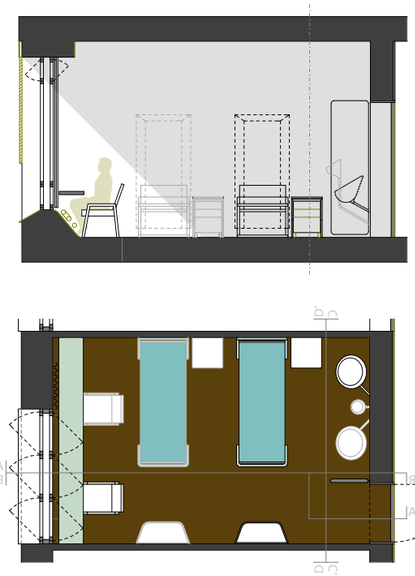
A área de cada célula - 17,2 m$^2$ (aproximadamente 5,2 m x 3,4 m, com 3,2 m de altura) - é superior às anteriormente analisadas, pois esta adapta-se rapidamente tanto a um como a dois ocupantes, podendo ser subdividida em módulos de mobiliário para cada um. Ou seja, cada um tem um lavatório, uma cama, uma mesa de cabeceira, uma cadeira e um armário; sendo partilhada a mesa de trabalho, o escarrador e o espelho a este associado.

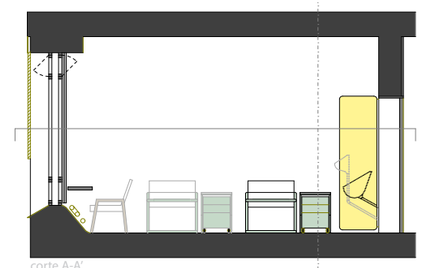
O lavatório surge novamente no interior da célula, na ausência da casa de banho completa, limando essa lacuna e, juntamente com o espelho, criando uma zona íntima para o habitante do espaço. Com o aumento de indivíduos, o lavatório multiplica-se em relação directa com o número de camas ou mesas de cabeceira, numa tentativa de manter o espaço íntimo de cada um.

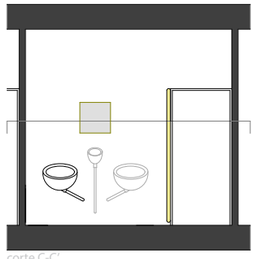
Não existindo qualquer elemento que divida o espaço entre ocupantes - no caso de duplicação -, como por exemplo um móvel entre camas ou uma cortina, é interessante que ainda assim haja preocupação em duplicar o lavatório, talvez mais por questões ligadas à saúde e maior funcionalidade do espaço, do que necessariamente à preocupação pela privacidade ou espaço de intimidade. O espaço de trabalho|refeição mantém-se inalterado, sendo apenas acrescentada uma cadeira.

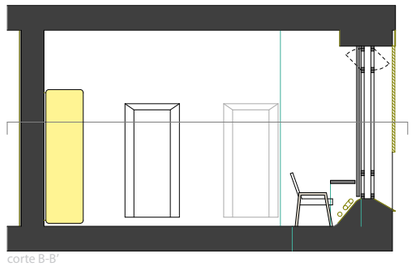
A visibilidade é permanente e a porta de entrada abre para o exterior - assim como no caso da penitenciária -, mas aqui, a localização e a criação de uma sub-divisão para a área sanitária conferem-lhe resguardo. Note-se que, como no convento, esta área se prolonga para o espaço comum. Apesar de a reclusão ser involuntária, esta cela não pode ser apenas caracterizada como uma cela-jaula, aproximando-se mais de uma cela-quarto ou de um modelo híbrido entre estes - notem-se em simultâneo a ausência de apropriação e de separação no espaço íntimo de cada indivíduo ou o controlo interno das condições celulares e os estímulos visuais e cromáticos existentes. Aqui, a existir cela-jaula, é somente a cama que a constitui, altamente vigiada, gradeada, e com saída controlada por outrém (nos casos de deterioração da doença).

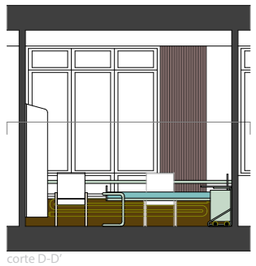
A reclusão, infligida pela doença - controlo e contágio - obriga os portadores de tuberculose a restringirem-se espacialmente. A apropriação é praticamente inexistente, e nem parece relevante no seu pensamento, o que tem vindo a ser






50. em cima, corte longitudinal com representação lumínica de célula do sanatório;
51. em baixo, planta, cortes longitudinais e cortes transversais com representação cromática de célula do sanatório. Desenhos rigorosos, escala 1:100

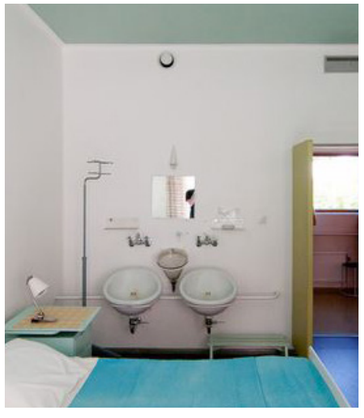


três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

demonstrado pela ausência de elementos divisores do espaço. A funcionalidade da equipa de cuidados de saúde face ao doente, nomeadamente no que à visibilidade diz respeito, condiciona o espaço íntimo individual, por vezes sobrepondo-se.

Cada célula é pensada de modo a que o paciente não permaneça demasiado tempo em posição deitada, através de subtis alterações cromáticas e lumínicas a que o indivíduo com tuberculose é mais susceptível. Os vãos são delicadamente desenhados de modo a que a luminosidade possa ser controlada de modo eficaz através do uso do estore em consonância com a cortina, assim como a ventilação é pensada recorrendo a jogo de aberturas nas janelas que favorece a troca do ar. Tanto o verde como o branco são nova e recorrentemente utilizados no interior do espaço íntimo, quer no mobiliário, quer na pintura do tecto (apesar de variarem ligeiramente na tonalidade entre celas-quarto), sendo elemento comum aos três casos de estudo; enquanto que as cores mais fortes são utilizadas nos espaços comuns de estar e de passagem - note-se que nem todos os corredores de distribuição têm a mesma cor, alterando de um piso para o outro, provavelmente um mecanismo associado quer à orientação, quer à organização do funcionamento interno.

O mobiliário, desenhado e produzido especificamente para o efeito, caracteriza-se pela sobriedade das suas linhas, formas arredondadas de remate e cor suave, particularmente na cama e mesas de cabeceira. A mesa de trabalho|refeição associa-se novamente à entrada de luz natural directa, constituindo aqui mobiliário fixo.





52. à esquerda, o espaço do doente - pormenores da separação para o espaço da higiene e da cor verde atribuída ao tecto;
53. à direita, os espaços de dormir e de trabalho|refeição - a presença da cortina



54. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



55. envolvente - a vista da rua



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

## José Maria Nepomuceno, pavilhão de segurança do hospital Miguel Bombarda, Lisboa, Portugal, 1896

*a tuberculose e as doenças mentais são factores de isolamento e de fragmentação do espaço hospitalar.* [28]

[28] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 279.

Altamente característica pelo impacto que teve no século XIX, a especificação do espaço destinado a cada doença desmultiplicou o hospital e tornou-se palco de experimentação para o equipamento de cariz celular.

O pavilhão de segurança do hospital Miguel Bombarda de Lisboa - equipamento psiquiátrico -, antigo convento de Rilhafoles, aproxima pela fácil apropriação programática, neste caso, o equipamento de matriz celular ligado à saúde e à religião respectivamente. A facilidade de transformação destes equipamentos em outros das categorias aqui descritas reforça a pertinência no levantamento da questão *o que define uma cela?,* associada ao (pré)conceito em que a sua definição se envolve e objecto de estudo da presente dissertação.

*não deixa de ser impressionante a convergência, no século XIX, entre os discursos penitenciários e as teorias psiquiátricas da cura de isolamento.* [29]

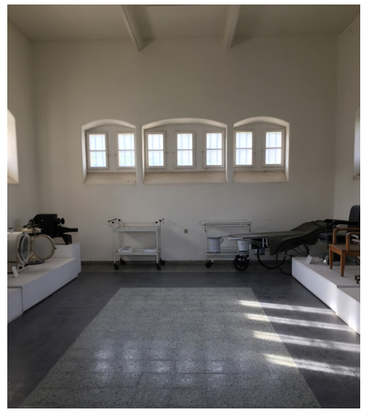
[29] *in* Ibid., p. 337.

Actualmente implantado em meio urbano, aparenta ter sido inicialmente mais isolado, pela escassez de referências existentes em fotografias mais antigas. No entanto, apesar de inserido hoje em local densamente construído, o desejo de isolamento associado a questões de controlo manifesta-se na sua implantação, afastando-se da estrutura geral do hospital em busca de espaço e carácter distintos, ainda assim dentro de um mesmo perímetro murado comum a ambos.

A planta circular que o caracteriza, relembra os princípios panópticos enunciados por Jeremy Bentham de um modo quase literal, acrescentando-se ainda a presença de um volume central - actualmente inexistente - de permanente vigilância e análise.

Num primeiro volume de planta rectangular, espaços destinados aos funcionários, arrecadações e sala de visitas filtram a entrada no pátio circular comum. O seu





56. à esquerda, espaços comuns - o antigo espaço das retretes, agora lavatórios;
57. à direita, espaços comuns - o antigo refeitório





58. à esquerda, o portão gradeado de acesso ao pátio;
59. à direita, a porta de entrada na célula número 23 - vista do pátio



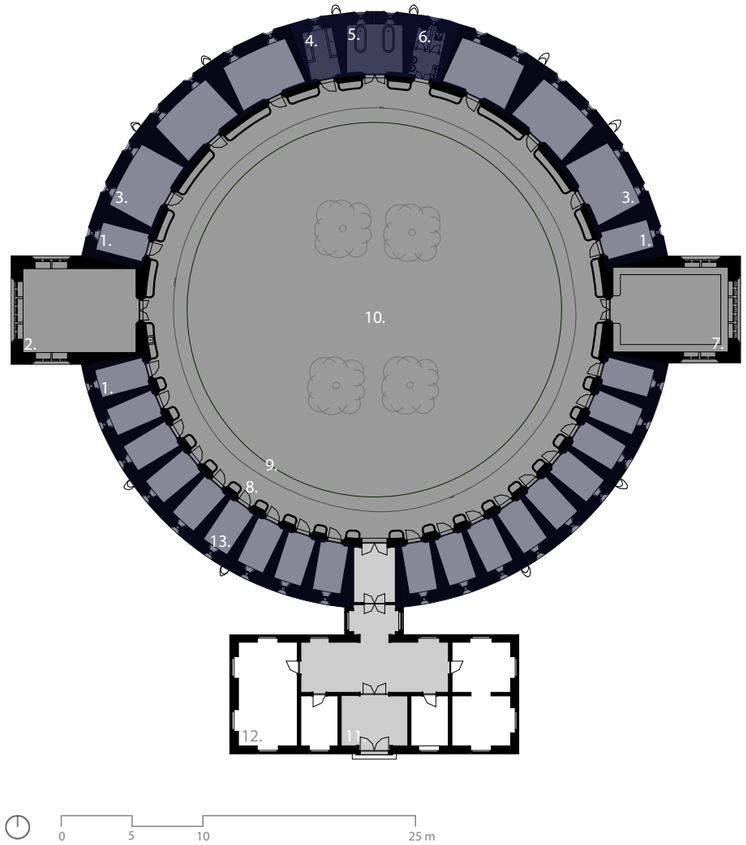
60. espaços comuns - o pátio central, o alpendre e a entrada das células







61. representação axonométrica com origem na Torre do Tombo, em Lisboa



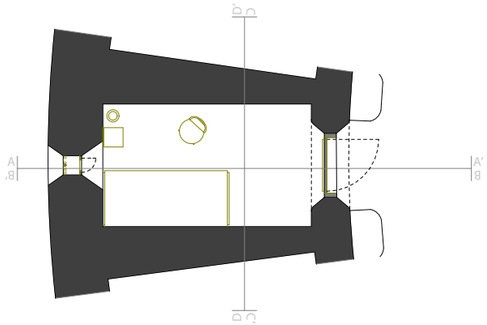

1. células
2. sala de jantar|refeitório
3. dormitórios
4. retretes
5. banhos
6. urinóis
7. sala de reunião
8. alpendre
9. pátio comum
10. antigo kiosque central
11. entrada
12. espaços dos funcionários, arrecadações e sala de visitas

13. célula 23 representada à escala 1:100

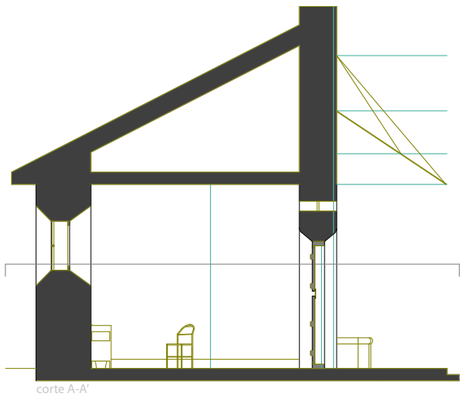
legenda espaços interiores

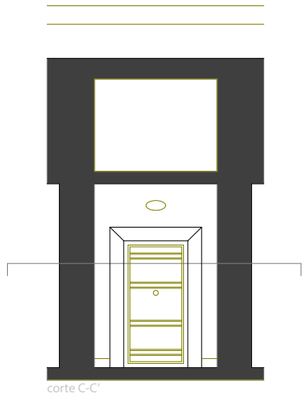
- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

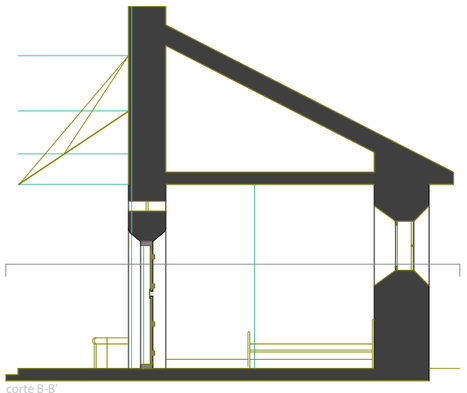
62. planta do piso térreo

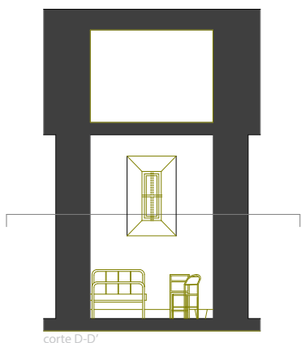






corte A-A'


corte C-C'


corte B-B'


corte D-D'

63. em cima, à direita, o interior da célula número 23;
64. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula do equipamento psiquiátrico - desenhos rigorosos, escala 1:100





perímetro configura a entrada das células individuais, dos dormitórios (as primeiras num total de vinte e os segundos, seis) e dos três espaços ligados à higiene - retretes, banhos e urinóis diametralmente implantados relativamente à entrada -, bem como à sala de jantar|refeitório e sala de reunião - da esquerda para a direita -, iluminados tanto por três janelas, como por clarabóia.

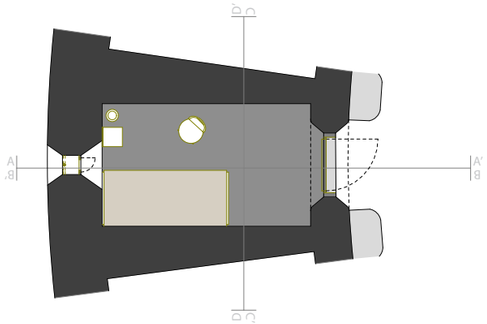
A célula individual psiquiátrica alberga os indivíduos em linha ténue entre a loucura e a lucidez, como refere Michelle Perrot, nestes espaços onde o limite impera - espaço, tempo, luz, hiper controlados. A presença de um único vão para o exterior, reduzido, anónimo e profundo, ilumina o espaço, permitindo a sua ventilação; enquanto que o gradeamento exterior favorece simultaneamente o controlo exercido. Tanto a parede voltada para o pátio, como a porta de entrada apresentam também pequenos vãos, respectivamente elíptico e circular, que apenas iluminam, permitindo o segundo alguma observação, quer do ocupante para o pátio, como do vigilante para o ocupante - exerção de ideia de controlo permanente. A luz artificial presente no vão acima da porta de entrada surge controlável através do interruptor situado do lado de fora do espaço individual, voltado para o pátio comum, e encerrado por chave, tendo portanto um acesso muito restrito e provavelmente negado ao seu ocupante. Estas características em consonância com a grande espessura das paredes, corroboram na classificação deste espaço individual enquanto cela-jaula, à semelhança do contexto punitivo apresentado anteriormente.

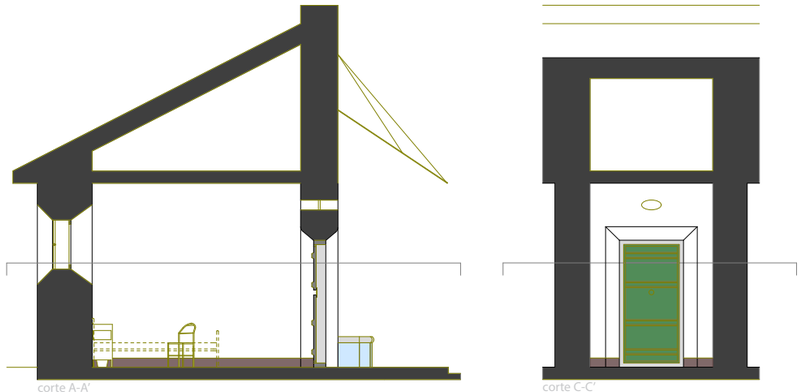
Esta célula é a mais monocromática até ao momento. O branco impera em praticamente todos os espaços deste equipamento - sendo apenas acompanhado por azul nos bancos fixos do pátio, nos actuais lavatórios e na sala de reunião em forma de azulejos -, mas essencialmente no espaço individual. Tanto as suas paredes, como o mobiliário que o constitui apresentam a mesma cor, variando apenas no que respeita ao chão, acinzentado, quer aqui, quer nos espaços comuns.

Neste caso, a casa de banho não possui compartimentalização própria no espaço de descanso, sendo parcialmente substituída por um objecto. A área de trabalho, excluída, restringe a cela à satisfação de necessidades mínimas e discutíveis. A privação quase total nega a individualidade, nestes contextos onde a imposição da reclusão se manifesta e materializa arquitectonicamente. A sua dimensão é portanto, e consequentemente, reduzida, apresentando-se enquanto a mais pequena célula - até aqui - estudada. A sua área é de apenas 6,8 $m^2$ (3,4 m x 2 m), tendo uma altura muito semelhante ao outro caso de estudo relativo à saúde física (3,2 m de altura) e à parte mais baixa da cela-jaula punitiva (3,1 m de altura).

Sem recorrer a elementos de transição, o espaço individual reduz-se à cama para uma pessoa, à mesa de cabeceira, a uma cadeira e a um balde. A porta, além de contribuir fortemente para o aumento do cariz impositivo do isolamento - pelas expressivas fechaduras e existência de uma pequena abertura controlada por fora - domina o interior da célula ao constituir quase a totalidade da parede para a qual se vira a cama - neste caso, unidade de reclusão máxima.

A exerção de relações de poder da instituição de saúde relativamente ao doente




65. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com representação cromática de célula do equipamento psiquiátrico - desenhos rigorosos, escala 1:100

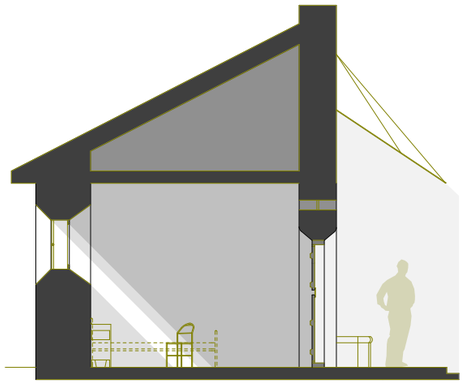


três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

reclusionário estende-se pelo domínio das funções básicas. Tudo é regulado, nesta cela mínima, quando a integridade do indivíduo é posta em causa pelo próprio.

Analisando o espaço, sem tentar entrar em generalizações demasiado abrangentes - até mesmo porque o seguinte exemplo contraria parcialmente esta ideia -, observa-se que o que se vê da cama tem também influência neste tipo de unidades, principalmente naquelas em que esta materializa a máxima reclusão. Não é indiferente a cama estar voltada para um amplo|reduzido vão, uma parede branca ou uma porta de múltiplas fechaduras - como neste último caso. Aqui, o reforço da obrigatoriedade de permanência até uma nova decisão externa ser validada expressa-se, principalmente no espaço individual, mas também nos espaços comuns. A existência constante de gradeamento, por vezes em consonância e simultânea à presença de uma porta ou janela, reforça a impossibilidade de escolha e alternativa.

A ponte para a seguinte categoria faz-se exactamente focando a alternativa fornecida. Oposta claramente a esta imposição de isolamento, surge a residência alternativa, cuja reclusão pode ou não existir, e nos casos em que ocorre, é maioritariamente auto-infligida. Os elementos espaciais mantêm-se, apesar de serem encarados de uma outra forma. Estas celas, não aceites como tal, partilham muitas das características mesmo da cela-jaula psiquiátrica mais encerrada, no que à arquitectura e ao pensamento celular dizem respeito.






66. à esquerda, corte longitudinal com representação lumínica de célula do equipamento psiquiátrico - desenho rigoroso, escala 1:100;
67. à direita, a entrada na célula - transição exterior-interior

# 4.
# residência alternativa

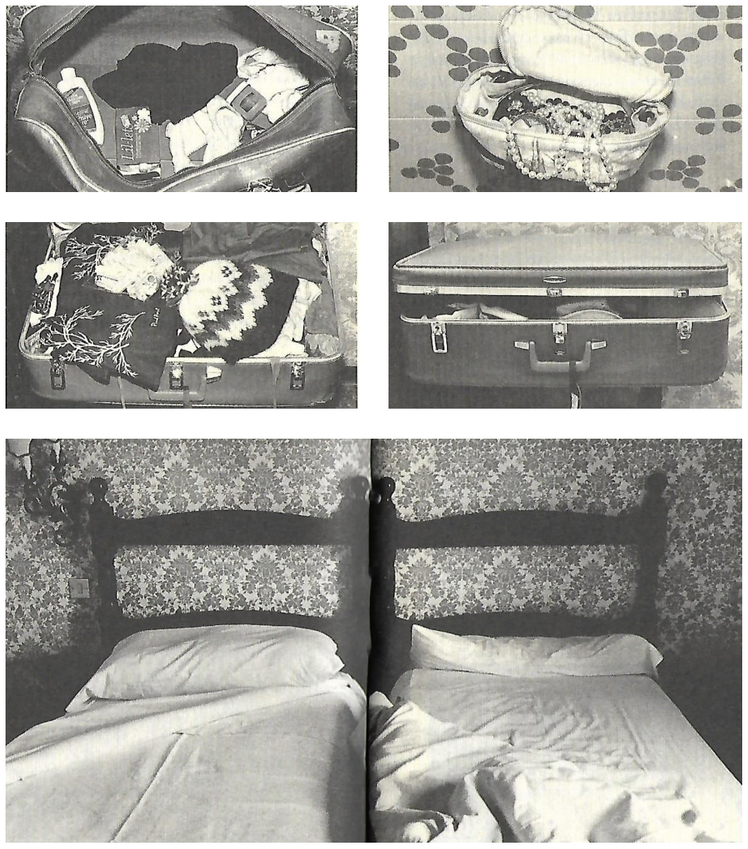
A residência alternativa é a categoria que, por defeito, mais se dissocia do actual uso do termo cela, exactamente pelo pré-conceito que este levanta. Este distanciamento implica à partida que não seja relacionado a contextos celulares de reclusão - voluntária ou involuntária - limitando a análise ao tema e alimentando a desactualização. Porém, a questão do isolamento associa-se inevitavelmente a contextos residenciais de passagem.

As alternativas à residência tradicional aqui apresentadas são exemplificativas e não exclusivas, constituindo os programas mais característicos e levando a uma compreensão mais imediata da ideia a transmitir. Assim sendo encare-se o hotel, a residência estudantil ou o orfanato enquanto equipamentos passíveis de conciliar com a existência de células de reclusão em contextos colectivos, onde o encerramento pode ser preconizado.

A cela surge e assume-se neste contexto residencial, não enquanto materialização de um isolamento essencial e pretendido ao programa em causa, todavia acabando por lhe propiciar todas as condições necessárias. A manutenção de relações de subsistência com espaços colectivos comuns de apoio, bem como o desenho do espaço individual focado na preservação da privacidade individual, conferem-lhe as características necessárias à sua apropriação reclusionária.

Este tipo de reclusão, particularmente no caso do hotel (e excluindo o caso do orfanato), figura um isolamento acessível a todos, e portanto tão consistentemente retratado na literatura - ironicamente tão distante da cela--quarto procurada pelo monge.

Apesar de intimamente relacionadas com todas as categorias apresentadas, as questões da temporalidade, anonimato e complementaridade de uma outra habitação atingem aqui o seu expoente máximo.
O inerente carácter passageiro deste tipo de vivências espaciais associadas a momentos particulares da vida do indivíduo e cujo tempo de permanência é efémero, tolda as relações do próprio com o espaço que o rodeia, assim como



68., 69., 70. e 71. de cima para baixo, da esquerda para a direita: o cariz passageiro da permanência na célula - fotografias do projecto *L'hôtel* (1981) de Sophie Calle, referenciado no próximo caso de estudo



72. em cima, a célula anónima - estadia do indivíduo;
73. em baixo, a célula anónima - à sua chegada ou do próximo ocupante.
Fotografias do projecto *L'hôtel* (1981) de Sophie Calle, referenciado no próximo caso de estudo

três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

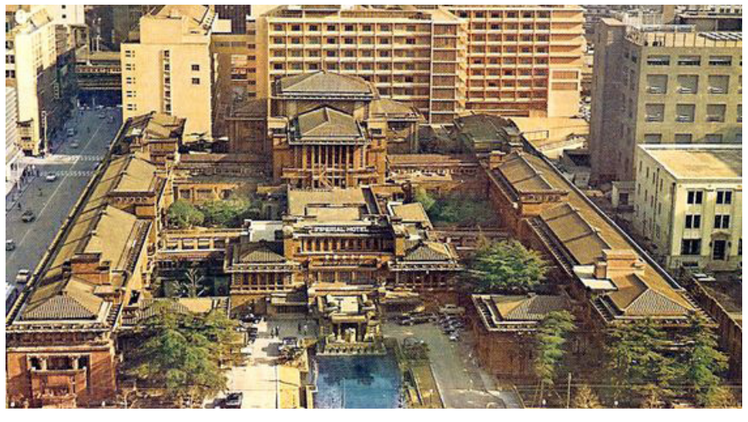
o desenho da célula individual, anónima à consecutiva passagem dos seus ocupantes.

Numa breve análise aos edifícios|categorias estudados até aqui, verifica-se uma incongruência na relação manifestada entre a ausência ou complementaridade relativamente a uma primeira habitação, possivelmente familiar, destes contextos celulares.
Este tema não existe apenas associado à categoria da residência alternativa habitacional, sendo aqui referido na tentativa de o conseguir compreender de modo mais neutro e sem se associar a outro tipo de questões - como vimos, causa principal da construção dos edifícios (religião, punição e saúde) -, assim como estudá-lo mais detalhadamente nos casos em que mais se evidencia, e em relação com a componente temporal.

Numa primeira interpretação poder-se-ia considerar que a existência de uma primeira habitação complementar estaria relacionada com o carácter imposto da reclusão - o convento, voluntário, não está associado a uma outra casa, funcionando como substituto; a prisão, imposta, está associada à existência de uma outra casa; o sanatório, imposto, bem como o equipamento psiquiátrico, imposto, estão também associados à existência de uma outra habitação. No entanto, ao repetir a mesma lógica comparativa na categoria da residência alternativa, a dúvida torna-se mais exacerbada. Note-se que, o hotel, voluntário, ao se manifestar como unidade de passagem, pode implicar a existência de uma outra habitação; a residência, voluntária, implica uma complementaridade sazonal entre estas; e no caso do orfanato, imposto, este implica exactamente o oposto, a ausência desta complementaridade.




74. a inequívoca presença do espaço individual na fachada através do vão



75. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

## Frank Lloyd Wright, hotel Imperial, Tóquio, Japão, 1914, 1915-1922

*etimologicamente, hospital vem do latim hospitalis que deu hospital e, também, hostal, hostel e hotel. O significado é a estada, a permanência do doente ou do hóspede.* [30]

A reclusão manifesta-se actualmente nas mais diversas formas, porém, nem sempre nas consideradas mais convencionais, extrapolando-se para áreas programáticas distintas do habitual. O hotel conforma uma tipologia residencial alternativa adaptada às lógicas de transitoriedade e efemeridade dos tempos e dos espaços vividos. Este representa assim um dos casos em que a arquitectura celular materializada nos ditos quartos levanta dúvidas quando comparada com outros locais de reclusão, assim entendidos - como as células religiosa, prisional e de saúde -, assim como com os edifícios colectivos que as contêm.

Este tipo de equipamento é constituído por espaços celulares (os ditos quartos) e comuns, como todos os outros edifícios associados a mecanismos de vigilância, controlo e manutenção da subsistência dos individual. Divisões como a sala de jantar|refeitório - transversais a todos os exemplos apresentados - ou espaços mais particulares de acordo com o programa - como é o caso da igreja - permitem à cela a obtenção do seu carácter introspectivo.

É precisamente a existência na colectividade que lhe permite adquirir o carácter isolado - *Um quarto de hotel tem um poder isolador quase ilimitado* [31].

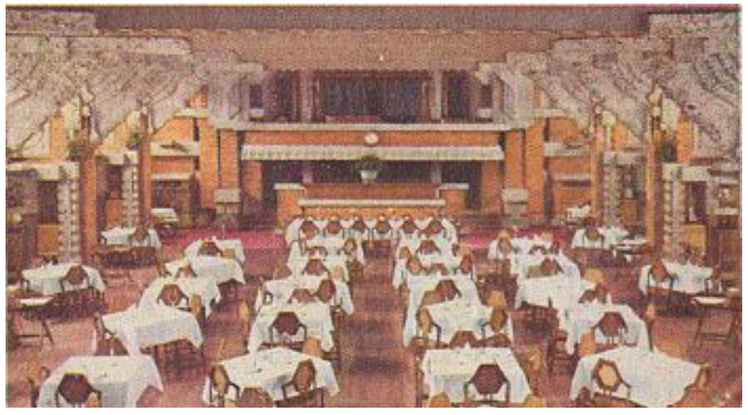
Os grandes espaços de cariz colectivo, além dos inúmeros jardins e piscinas, localizam-se essencialmente na zona central desta implantação em forma de H - entre as duas alas das células -, acessíveis a todos os ocupantes do hotel, e configurando uma espécie de vigilância panóptica diluída e possivelmente intensificada mais por meios tecnológicos, que pela configuração arquitectónica do edifício. Este é pensado de modo a que haja uma transição gradual de escala entre os grandes espaços comuns e o acesso às células. Uma escala mais humana surge assim associada aos *lounges* e *lobbys* - quer para senhoras como para senhores -, fazendo a ponte com a entrada, os sanitários comuns, a sala de bilhar,

[30] *in* CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 5.

[31] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 204.



76. espaços comuns - uma zona de estar e passagem: *lobby*



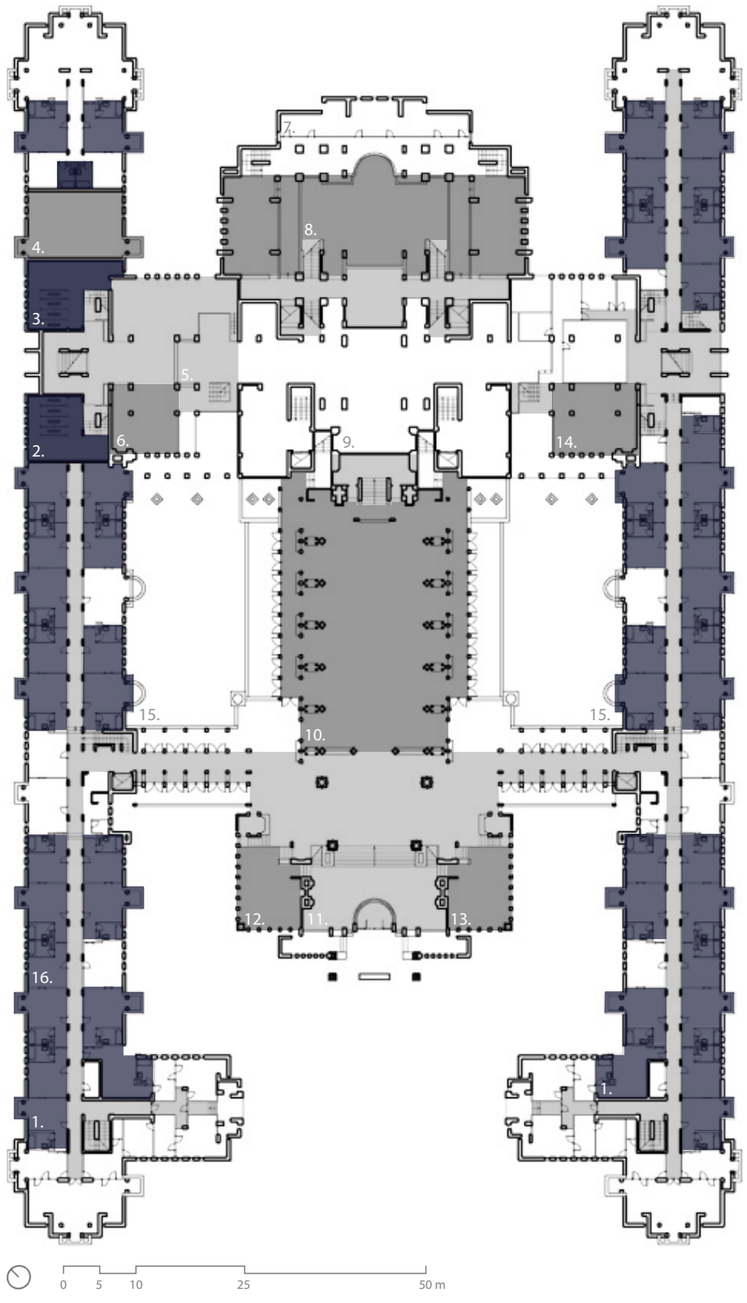
77. espaços comuns - a sala de jantar|refeitório



78. espaços comuns - a entrada e o *lounge* masculino








1. células
2. sanitários femininos
3. sanitários masculinos
4. sala de bilhar
5. recepção
6. *lobby* feminino
7. camarins
8. sala de espectáculos
9. cozinha
10. sala de jantar|refeitório
11. entrada
12. *lounge* feminino
13. *lounge* masculino
14. *club room*
15. piscina e área de estar exterior

16. célula representada à escala 1:100

legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

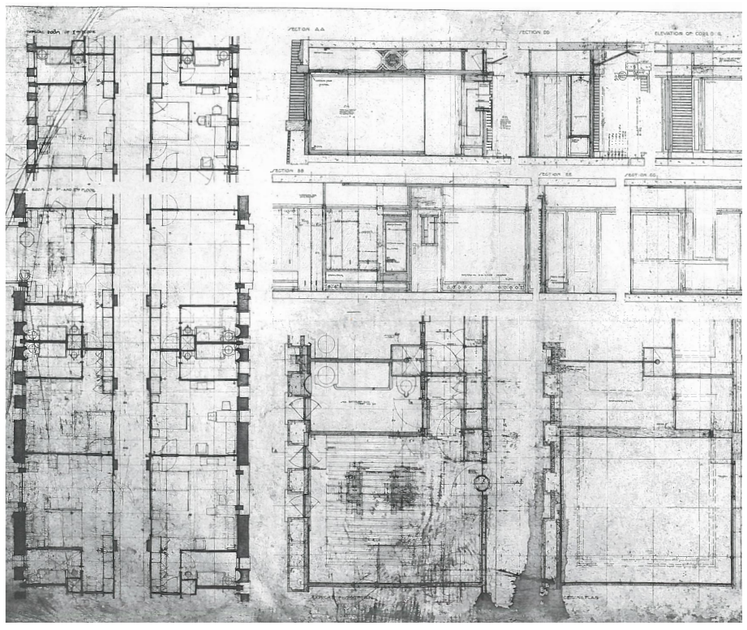
79. planta do piso térreo

A pesquisa de Sophie Calle combina documentação factual e interpretação pessoal, num misto de texto e fotografia que se coadunam para uma mais completa compreensão. *L'hôtel* (1981) é apresentado através de uma métrica unitária composta por duas partes: a primeira fornece uma imagem da cabeceira da cama, o número do quarto e a descrição do seu conteúdo; enquanto que a segunda, numa grelha de nove imagens a preto e branco, caracteriza estas descrições.





80. à esquerda, exposição do quarto 28;
81. à direita, exposição do quarto 47



82. representação em planta e corte a duas escalas da célula - a comunicação inter-células e o pormenor de destas unidades, representada posteriormente de modo rigoroso





a sala de jantar|refeitório, ou a sala de espectáculos. Estes auxiliam a manutenção do espaço íntimo e proporcionam-lhe a possibilidade de quebrar o isolamento.

Sendo que neste caso a cela, a existir, é auto-infligida, a existência de espaços recreativos em nada altera o carácter reclusionário conferido, dado que este só depende do ocupante e das condições arquitectónicas por si encontradas. As células são servidas por corredores comuns que permitem aceder tanto a espaços com visibilidade para a envolvente urbana, como para os jardins (visíveis na implantação).

A ausência de conforto, factor frequentemente associado à ideia de cela, pode rapidamente ser desmistificado através da selecção dos casos de estudo aqui apresentados. Este pode ligar-se à sub-definição de cela-quarto, onde a célula do hotel se integra, apesar do limite temporal imposto à apropriação.

Aqui, a temporalidade é chave na compreensão do fenómeno reclusionário no espaço do hotel. A unidade de passagem anónima de que este equipamento dispõe permite uma apropriação intimamente ligada à componente temporal. Usualmente de estadia mais breve, mas passível de prolongamento, a apropriação do espaço não é totalmente controlada ou restringida pela regulamentação do equipamento, no entanto, o tempo actua como factor atenuante a que esta aconteça - a cela-quarto, anónima, mantém-se igual aquando da entrada ou da saída do indivíduo.

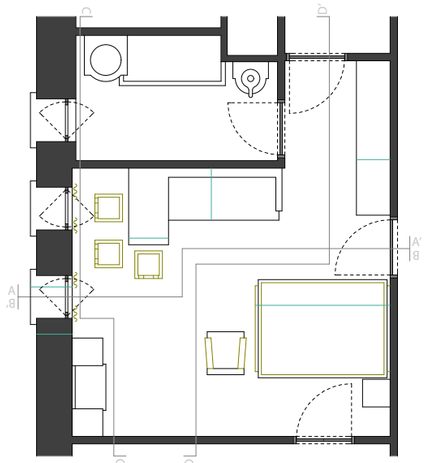
Sophie Calle, artista francesa, explora este carácter rotativo e de breve permanência no seu projecto *L'hôtel* (1981, Veneza) - representado nas imagens da página anterior. Empregando-se temporariamente num hotel, analisa e documenta a disposição dos objectos pessoais dos hóspedes, reinterpretando-os no contexto anónimo e transitório em que se inserem.

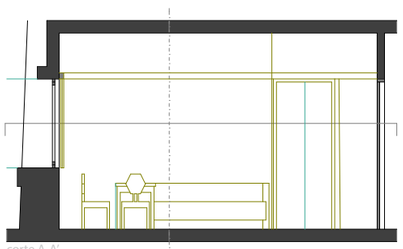
*Cada quarto é descrito segundo uma grelha idêntica: dimensões, disposição, paredes, soalho, tecto, pinturas, móveis, objectos, tecidos, cortinas, radiadores, gravuras (...); janelas, espelhos, vistas; armários, salas anexas, casas de banhos (...). Vazio, como os quartos descritos, indiscerníveis, que se confundem numa uniformidade cujo véu cobre a história e o mundo.* [32]

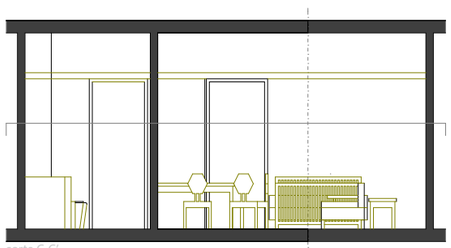
Os espaços íntimos apresentados na informação gráfica demonstram que, apesar da distribuição do mobiliário ser diferente entre estes, a sua organização espacial se rege igualmente por uma grelha subjacente à sua localização; bem como reflecte a existência de espaços comunicantes, denunciados pela presença de três portas na mesma cela-quarto. Duas destas, alinhadas, configuram um corredor interno inteligível que passa por todas as células. A reclusão é assumidamente uma escolha, para a qual são providenciadas todas as condições de cariz arquitectónico, não toldando a liberdade de decisão, mas oferecendo alternativa na transformação do espaço individual. A terceira porta liga ao corredor comum, colectivo.

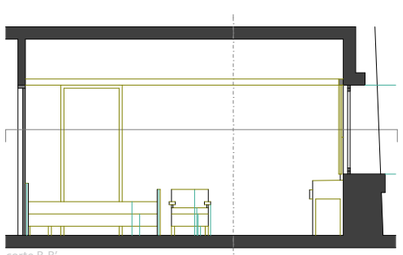
Esta cela-quarto, também pela sua dimensão, mas principalmente devido à sua disposição menos longilínea e dialogante apenas para o corredor comum,

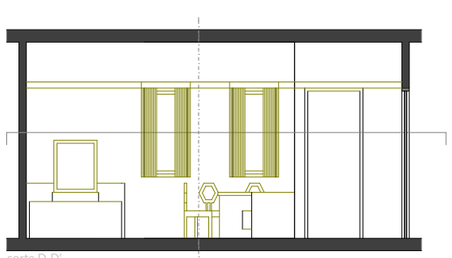
[32] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos.* 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 217.





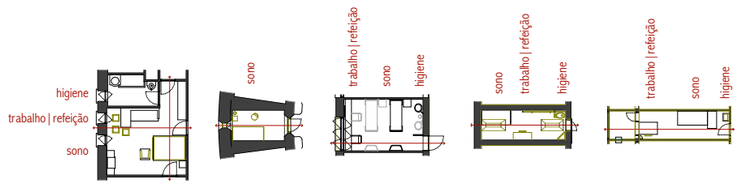




83. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula do hotel - desenhos rigorosos, escala 1:100








84. esquema de direcções presentes na organização das diferentes células - a vermelho, indicação dos sentidos e caracterização dos sub-espaços

não apresenta uma organização apenas na direcção corredor comum-espaço individual-envolvente. Se fosse assim caracterizada, apenas referiríamos a entrada, espaço de dormir, área de trabalho|refeição e relação visual com o exterior; no entanto, a entrada introduz uma nova direcção, perpendicular à anterior, que leva à zona de vestir e aos sanitários. Ocorre uma espécie de rotação das relações intra-celulares, como se pode observar no esquema.

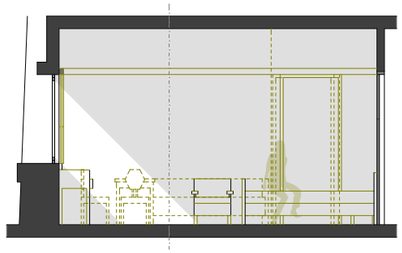
Através dos elementos de mobiliário constituintes deste espaço - lavatório, banheira, sanita; armário, cama, mesa de cabeceira, mesa, cadeiras, sofás e toucador - é possível levar a cabo algumas das funções quotidianas como dormir, escrever, ler, estudar e reflectir, à semelhança dos casos de estudo anteriores; porém a utilização dos sanitários é aqui mais privada. Apesar de existirem no edifício zonas destinadas ao mesmo efeito de cariz público, não há necessidade de sair do espaço celular.

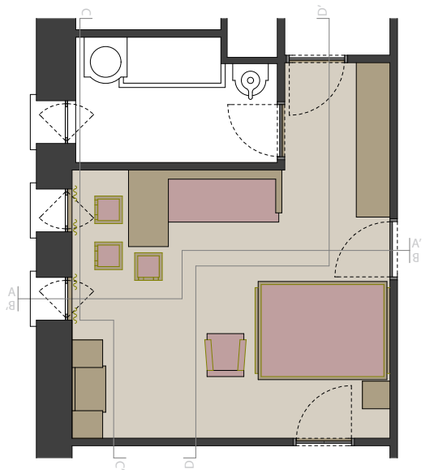
Enquanto que nas categorias anteriores nos encontramos sempre face a contextos de coexistência ou sociabilidade imposta, este é o primeiro caso em que esta pode, até determinado ponto, ser elegida pelo ocupante. A cama de casal apresenta-se enquanto elemento dicotómico e manifestante de celas--quarto simultaneamente individuais ou colectivas (duas pessoas), denotando um favorecimento ou ausência de inibição da componente sexual no espaço celular associado à presença do outro. O recurso à cama de casal (ou a duas camas individuais) influencia consequentemente a distribuição do espaço e pode ter interferido, neste caso, na obtenção de uma organização menos longilínea, que garanta solução aos problemas inerentes à presença do outro na intimidade e na reclusão.

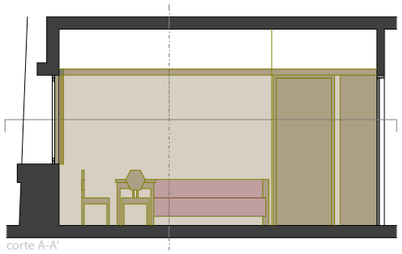
O espelho surge em dois locais, associado ao lavatório e no interior do espaço individual (num toucador) - à semelhança de *La Tourette* - e em oposição aos exemplos da punição e da saúde, onde este, quando existe, é sempre associado ao lavatório e a hábitos de higiene.

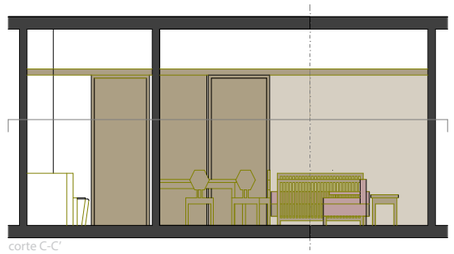
A existência de sofás promove uma diferenciação da zona de trabalho e da de estar, por vezes aglutinadas numa só, pela reduzida área do espaço.

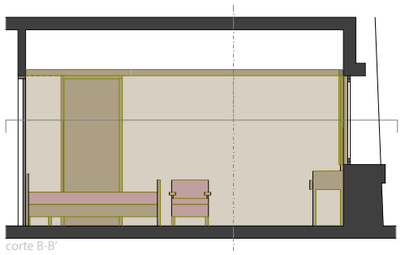
A luz natural é garantida através de três vãos exteriores - dois no espaço de estar|dormir e um no sanitário - novamente associados a áreas de mesa-cadeira, mas neste caso também dando espaço à individualidade materializada no toucador.

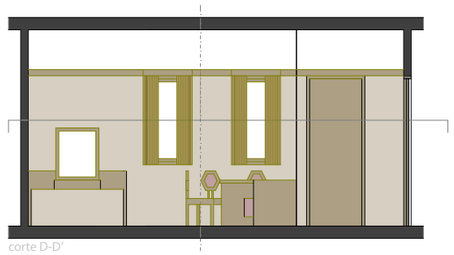







85. em cima, corte longitudinal com representação lumínica de célula do hotel;
86. em baixo, cortes longitudinais, cortes transversais e planta com representação cromática de célula do hotel.
Desenhos rigorosos, escala 1:100





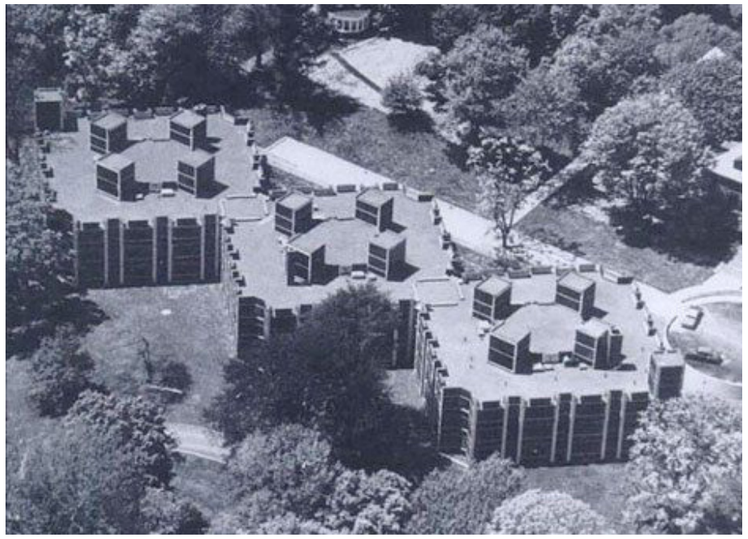
A área de cada cela-quarto - 32,5 m² (aproximadamente 6,3 m x 5,2 m) - é superior às anteriormente analisadas. Além de ter capacidade de adaptação a um ou dois ocupantes, possui ainda um sanitário completo e dividido do restante espaço individual. No entanto, a altura é muito semelhante aos casos estudados, 3,2 m.

Espaçosa e de múltiplas configurações - como se confirma nas imagens da época -, a variedade de texturas e o recurso a cores subtis associadas ao descanso e ao conforto são uma constante. Pela primeira vez verifica-se um distanciamento à utilização dos azuis, verdes e brancos no espaço celular, com a introdução de cores mais arrojadas e menos associadas apenas a contextos de descanso. Pela variedade de ocupações que permite, o hotel distancia-se dos cânones cromáticos no que à reclusão respeita, mantendo-se porém em tonalidades neutrais. Apesar de não ter sempre espaço individual exterior, o interior apresenta um delicado desenho de mobiliário que favorece a existência de pequenas áreas distintas dentro do espaço celular.





87. duas celas-quarto do hotel



88. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



89. a presença do espaço individual na fachada através do vão



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

## Louis Kahn, residência de estudantes, *Erdman Hall dormitories*, Pensilvânia, Estados Unidos da América, 1960-1964

À semelhança do hotel, a reclusão em residências - operárias ou estudantis - é classificada como reclusão voluntária, quando existe, apesar desta segunda estar inegavelmente associada a questões económicas que podem alterar o carácter do isolamento. Nestes casos, a ausência de imposição na reclusão associa-se à existência de uma primeira habitação, usualmente familiar.

O caso das residências de estudantes é o mais flagrante na complementaridade existente entre habitações pela existência de um ciclo temporal intercalado e sucessivo - residência durante a semana e habitação familiar ao fim-de-semana.

Inserida no complexo universitário do *Bryn Mawr College*, os *Erdman Hall dormitories* representam um dos vários dormitórios|residências associados à Universidade. Esta relação entre a escola e o espaço individual da residência transcende as questões de proximidade fisica, abarcando ainda questões ideológicas pertinentes associadas com o controlo e a vigilância. Note-se que a residência estudantil universitária é o exemplo prático utilizado, mas esta relação com a escola trancende barreiras etárias.

*O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos estavam distribuídos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas; em intervalos regulares, havia um alojamento de oficial* [33]

[33] *in* FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 200.

A máquina de poder representada pela escola assiste assim à desmultiplicação do seu programa, originando a residência estudantil. Apesar de muitas vezes associadas físicamente - no que a relações de proximidade e regulamentação dizem respeito -, esta representa um edifício autónomo, onde a cela se manifesta como parte significativa em relação com os espaços colectivos que a complementam.

*Nas fábricas (...), o princípio da repartição individualizante torna-se mais complexo. Trata-se de distribuir os indivíduos num espaço onde podem ser isolados e localizados; mas também de articular essa distribuição num aparelho de produção que tem as suas exigências específicas.* [34]

[34] *in* Ibid., p. 167 e 168.



90. espaços comuns - parte superior do acesso vertical, volume central



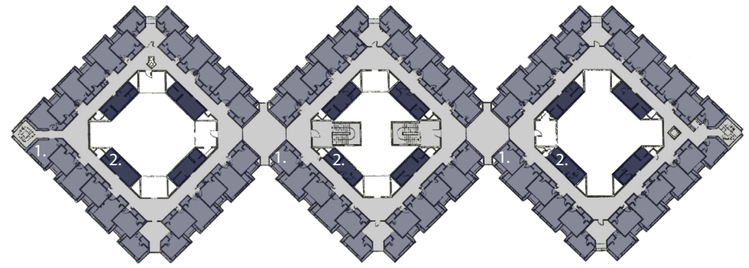
91. espaços comuns - parte inferior do acesso vertical, volume central



92. espaços comuns - a sala de estar, volume a oeste





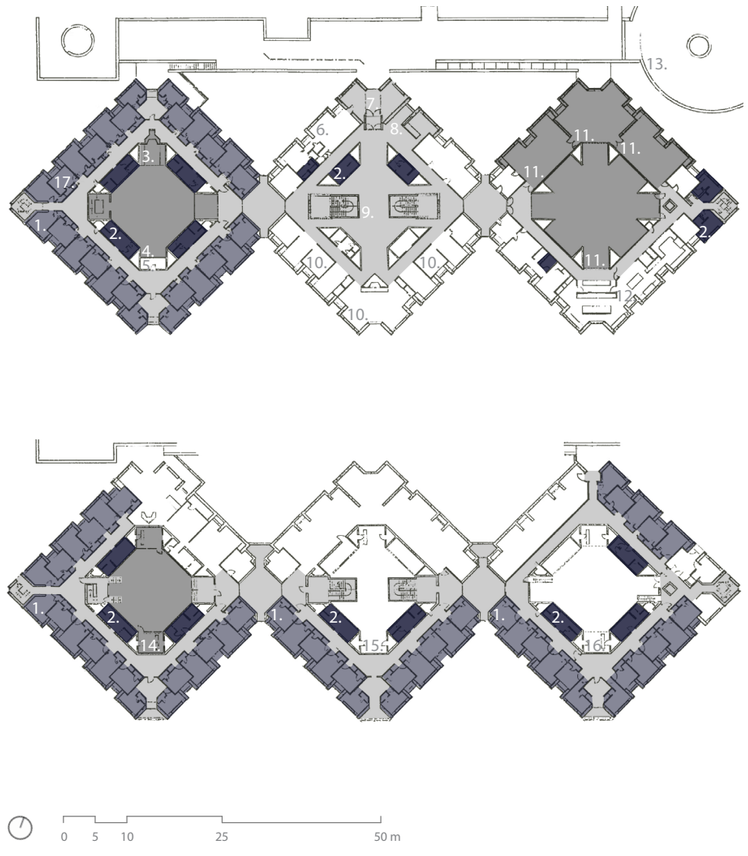



1. células
2. sanitários

3. lareira
4. sala de estar
5. despensa
6. escritório
7. entrada
8. recepção
9. *hall*
10. espaço para convidados
11. sala de jantar|refeitório
12. cozinha
13. parqueamento

14. sala recreativa
15. sala mecânica
16. sala do aquecimento

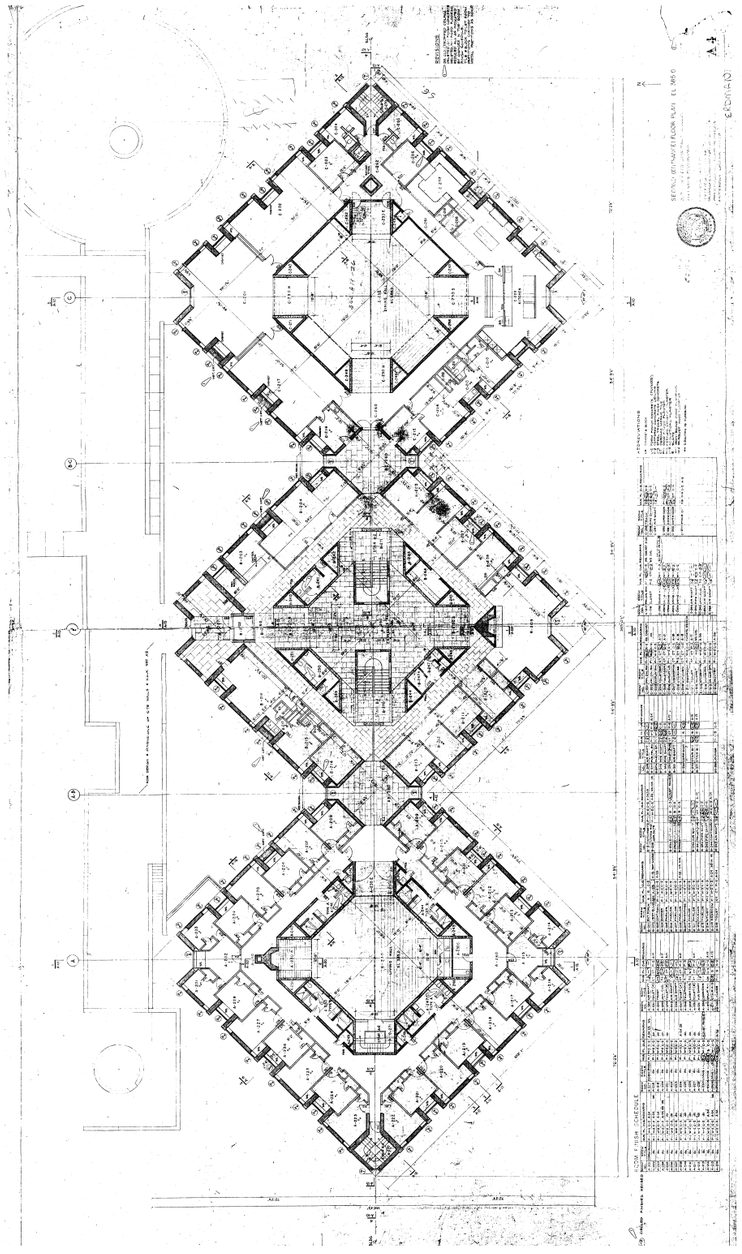
17. célula representada à escala 1:100




legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

93. plantas dos três pisos



94. planta detalhada do segundo piso



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

A reclusão proporcionada pela cela interliga-se frequentemente com elementos de regulação e disciplina. Do mesmo modo que a escola apresenta uma forte relação com a residência estudantil, também os princípios fabris ajudaram a configurar o espaço celular da residência operária.

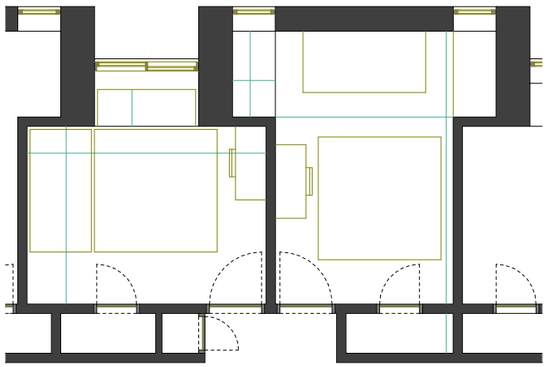
Neste caso particular, o edifício composto por três formas quadrangulares reunidas pontualmente, desenha, de um modo geral, as células - no total, cento e cinquenta - de forma a perfazerem praticamente a totalidade do perímetro; utilizando a área central para circulação - tanto horizontal como vertical - e grandes espaços colectivos de estar - como se pode ver na análise das suas plantas, bem como em algumas das fotografias utilizadas. Assiste-se assim à materialização de um reforçado - triplicado - modelo panóptico e consequente exerção de poder através da vigilância social.

Este equipamento constituído por três pisos, apresenta o maior número de células individuais no seu último piso, onde se pode aplicar directamente a lógica geral acima referida. No segundo piso, no volume central, localiza-se a entrada, recepção e espaços para convidados; seguindo o volume à esquerda a mesma lógica do piso superior; e o volume à direita constituindo apenas áreas comuns como a cozinha e zonas de refeição. O piso inferior, apesar de ter também espaços individuais onde a luz solar existe, é mais caracterizado por áreas técnicas.

Do espaço comum ao individual assiste-se a um forte contraste, quer de escala, quer material, vivendo assim da sua complementaridade. As áreas de uso colectivo são caracterizadas por altos pé-direitos e recurso a betão aparente; enquanto que as células, naturalmente, assumem uma escala mais humana, recorrendo a materiais mais susceptíveis à possibilidade de apropriação do espaço íntimo. A forte relação entre estes dois tipos de usufruto do espaço, intimamente relacionada com a subsistência do espaço celular, materializa-se na organização espacial deste equipamento - genericamente, o espaço comum está entre espaços individuais, e pontua a chegada desde a entrada à célula.

Contrariamente ao exemplo anterior - em que o perímetro da cela-quarto se mantem idêntico e apenas o mobiliário altera a sua localização -, neste caso verifica-se a existência de cerca de quatro tipos de célula, duas destas de presença maioritária e as outras duas, modelos das anteriores adaptados a problemas espaciais ligados à proximidade do vértice do volume onde se inserem.

Relativamente aos dois modelos de célula principais, a primeira é ligeiramente maior e conta com dois pontos de luz mais pequenos, enquanto que a segunda, aqui analisada mais detalhadamente, tem apenas um ponto de luz, porém maior. Estas diferenças espaciais poderiam, de certa forma, denunciar o seu conteúdo, associando a primeira a um ocupante e a segunda a dois, o que não é possível confirmar inteiramente, dado as fotografias destes espaços serem sempre parciais e muitas vezes indicando organizações espaciais pouco usuais, que dificultam a antevisão de uma geral distribuição espacial. No entanto, e contrariamente ao que se poderia deduzir, aparentam ligar-se mais a contextos de apenas um indivíduo.

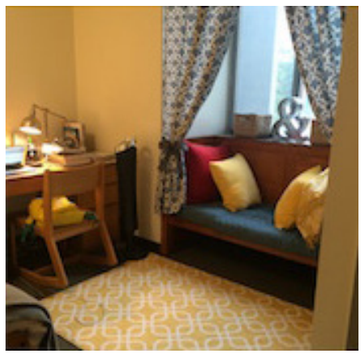


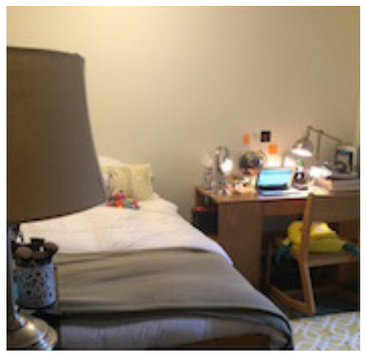
95. planta dos dois modelos de célula principais com indicações métricas - desenho rigoroso, escala 1:100





96. à esquerda, o interior de uma das células com um só ponto de luz;
97. à direita, o interior de uma das células com dois pontos de luz





98. o interior de uma outra das células com um só ponto de luz - duas perspectivas





A organização do espaço individual não é aqui tão linear como nos casos anteriormente estudados, dado que a apropriação permitida é bastante maior. O tempo de permanência estende-se por alguns anos e a vontade é povoar estes espaços de identidade. A questão da existência de uma outra casa complementar é mais uma vez aqui importante na medida em que estas se contaminam sucessivamente - as memórias atravessam os dois espaços, tornando-os complementares. Expoente máximo da cela-quarto, pela flexibilidade, liberdade e contaminação do espaço de reclusão, a residência tem um papel fulcral na re--caracterização do conceito.

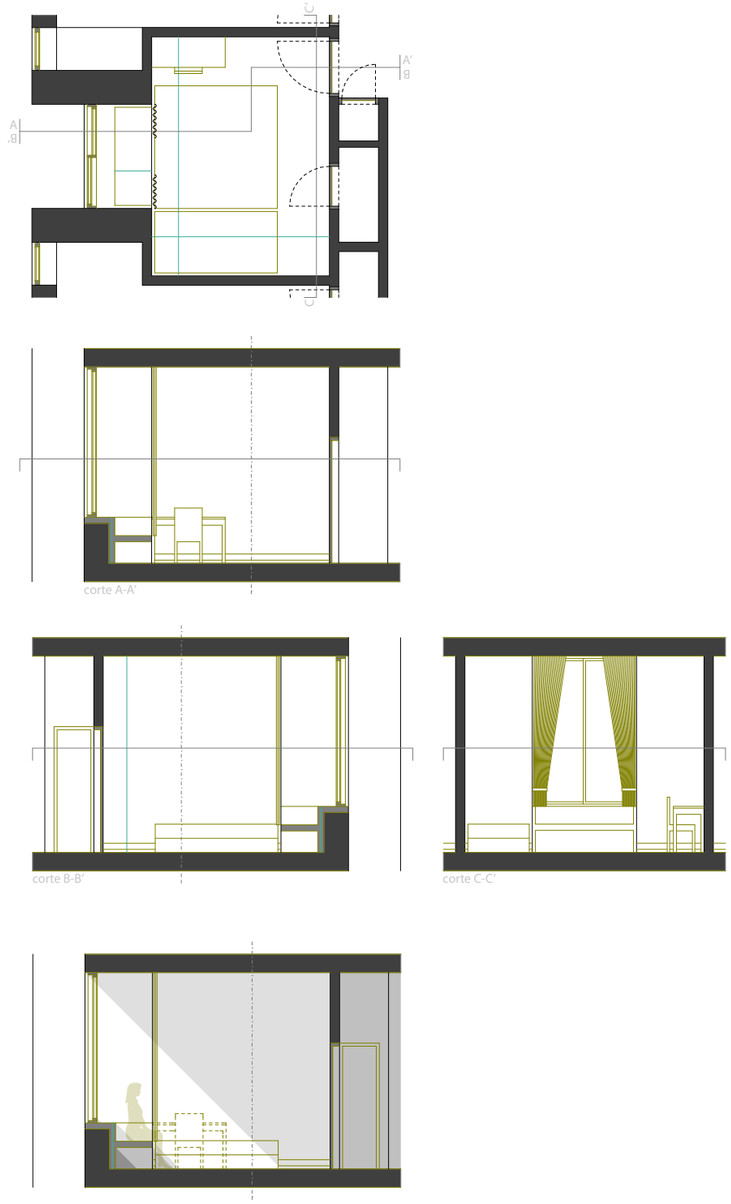
Apesar de a cela-quarto com duas janelas aparentar ser bastante maior que a de uma janela, verifica-se através do desenho rigoroso de ambas que apenas diferem em cerca de 2 $m^2$ (16,2 $m^2$ a primeira - 4,3 m de largura máxima e 4,5 m de comprimento -; e 14,4 $m^2$ a segunda - 4 m de largura máxima e 3,9 m de comprimento). A altura estimada ronda os 3,2 m, dimensões que se assemelham à maior parte dos casos de estudo.

Sumariamente, a organização do espaço celular de duas janelas - pelo que se apreende nas imagens de alguns estudantes -, centra a cama entre os dois pontos de luz - espaço que aparece como uma espécie de nicho, daí a apropriação para uma zona mais íntima - e encosta a mesa de trabalho à parede mais distante da porta de entrada. Estranhamente, nas fotografias encontradas, a mesa de trabalho não aproveita directamente as entradas de luz natural existentes.

Relativamente ao objecto de estudo - cela-quarto com um ponto de luz - observam-se várias ocupações do espaço de reclusão, sendo que os elementos existentes são os mesmos.
Analise-se a constituição da organização mais frequente: a cama individual encosta-se à parede, usualmente voltada de frente para a porta de entrada e o mais afastada possível desta; a área de trabalho, pela primeira vez, afasta--se ligeiramente do ponto de luz, acabando este por perfigurar um pequeno espaço de estar, possivelmente de leitura, devido ao posicionamento da zona de sentar. Estas células não se voltam muito para o exterior, como denunciado pela contrariedade de direcções na zona do vão. Aqui, o espaço de sentar leva a que o ocupante, tendencialmente focado na direcção interior-exterior imposta pela janela - luz, envolvente - a contrarie virando-se para o interior. O vão parece ter apenas carácter lumínico, fechando-se relativamente ao espaço que o rodeia, o que é denunciado pela recorrente utilização da cortina. Um compartimento anexo é comum a todos os espaços, sendo provavelmente uma espécie de armário|arrumo de cada cela-quarto.

A escolha cromática varia consideravelmente de acordo com o ocupante, exactamente pela liberdade de apropriação espacial concedida, havendo uma predominância por tons mais neutros como o bege, utilizado esquematicamente na representação gráfica rigorosa do espaço celular.

A questão da unidade máxima de reclusão coloca-se aqui de um modo distinto, dado não haver uma ocupação-tipo. O único objecto que se mantém estático é o móvel-sofá em frente à janela, voltado para a parede da entrada. Classificaria




99. em cima, planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula da residência;
100. em baixo, corte longitudinal com representação lumínica de célula da residência.
Desenhos rigorosos, escala 1:100



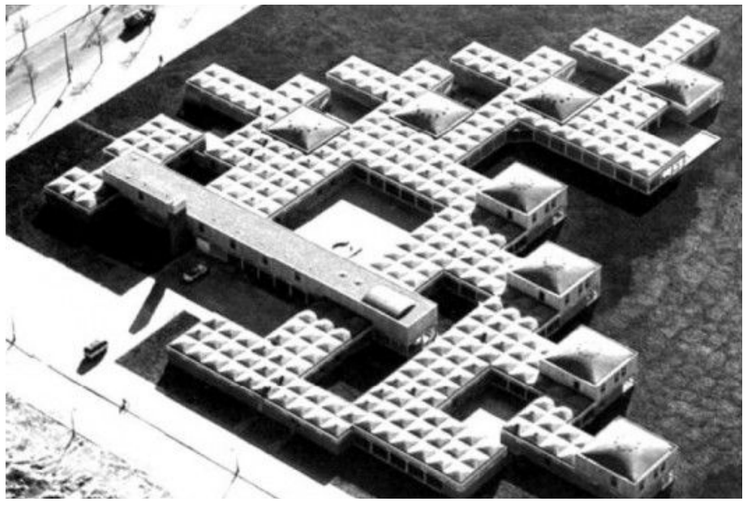




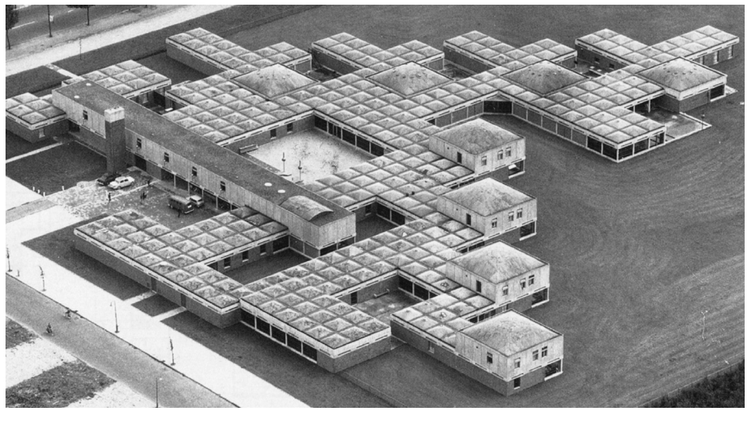

101. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com representação cromática de célula da residência - desenhos rigorosos, escala 1:100

então como área de máxima reclusão, apesar de depender da vontade do ocupante, maioritariamente a cama (ou o móvel-sofá) - o mais longe possível da entrada, negando a colectividade, apesar de voltada(o) na sua direcção, vigiando-a; e voltando costas também à envolvente, isolando-se.

A zona de banho afasta-se do quarto, tornando-se comum a vários indivíduos de cada uma das alas - note-se que neste caso, o dormitório é apenas feminino. Cada lado do quadrado com espaços individuais possui uma casa de banho equipada de duas formas - ou com duas sanitas, dois lavatórios e uma base de chuveiro; ou com uma sanita, dois lavatórios, uma base de chuveiro e uma banheira. O espelho aqui associa-se sempre à higiene e portanto situa-se fora do espaço celular, a não ser que o ocupante o deseje integrar na sua re-organização individual.



102. a envolvente do espaço celular, implantação do edifício



103. a presença do espaço individual na fachada através do vão - nos quatro blocos do piso superior





## Aldo Van Eyck, orfanato municipal, Amesterdão, Holanda, 1955-1957, 1958-1960

*Sem dúvida que as crianças construíram sempre a sua identidade apropriando-se de um território.* [35]

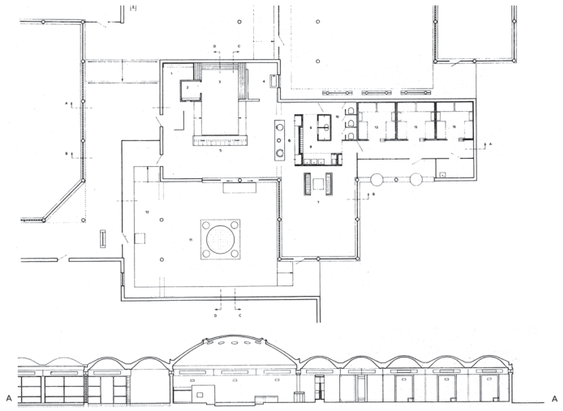
A apropriação, a memória e a identidade são questões importantes no desenho de qualquer residência alternativa ao tradicional cânone, porém no que aos orfanatos diz respeito, estas lógicas tornam-se mais relevantes. Se num primeiro momento pretendem de certo modo preencher a lacuna familiar existente - directamente relacionada com a imposição da reclusão -, num segundo momento não se pode ignorar a influência do espaço individual na formação do indivíduo - neste e através deste -, aqui numa faixa etária mais reduzida e portanto mais vulnerável.

A implantação escolhida pretende novamente, não afastar-se totalmente da urbanidade, mas de certo modo resguardar-se desta. Assim, volta as costas à rua a norte, e afasta-se do centro da cidade de modo a criar um pequeno mundo ideal de forte interligação e complementaridade entre interior e exterior.

Adjacente à zona da entrada encontra-se toda a parte técnica e administrativa, que inclui no piso de cima os espaços dedicados aos funcionários e a sala de reunião; no piso térreo, à esquerda, áreas para o psicólogo, psiquiatra, assistente social e chefe de equipa; bem como, à direita o espaço reservado ao director e a cozinha principal. Deste modo aumenta-se a vigilância, fomentando simultaneamente a existência de uma maior relação inter-pessoal e de entreajuda com os elementos da equipa.

Neste caso concreto é impossível obter uma coerente explicação das zonas comuns dissociando-as dos respectivos espaços individuais, dada a sub-divisão por faixas etárias a que ambos estão sujeitos - exceptuando-se a sala de festas com capacidade para cento e cinquenta pessoas; e o teatro e ginásio, espaços colectivos comuns independentes. Apesar de haver uma enorme interligação entre as diferentes áreas comuns e de estas poderem ser usufruídas por todos - note-se por exemplo a existência de duas entradas em muitos dos espaços

[35] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 140.



104. relação entre espaços comuns e celas-quarto no espaço destinado a crianças dos 4-6 anos





105. e 106. espaços colectivos destinados a crianças dos 2-4 anos - interior e exterior

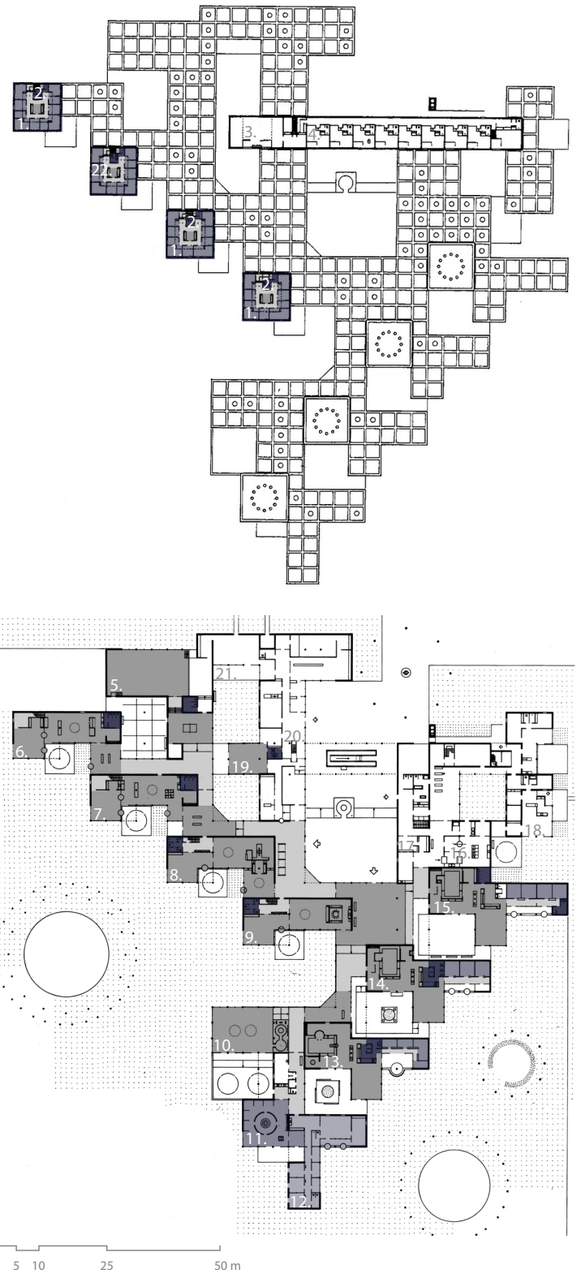




107. à esquerda, espaços comuns - a sala de festas;
108. à direita, a utilização dos materiais no orfanato








1. células
2. sanitários
3. sala de reunião
4. espaços dos funcionários

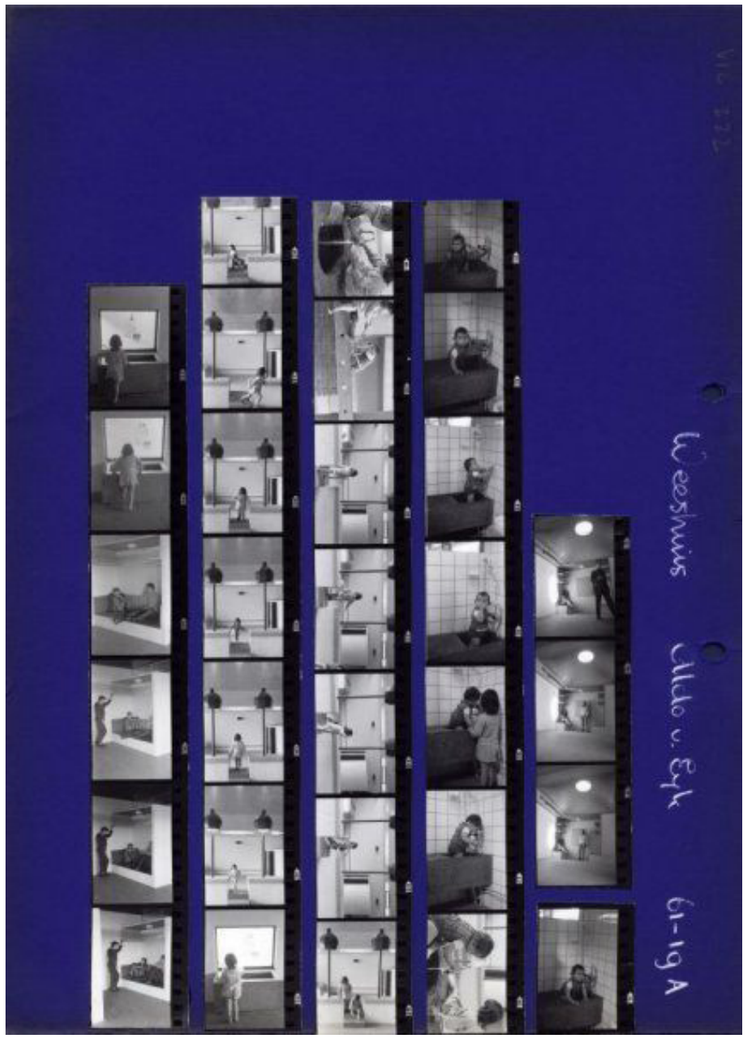
5. teatro e ginásio
6. espaços comuns masculinos dos 14-20 anos
7. espaços comuns femininos dos 14-20 anos
8. espaços comuns masculinos dos 10-14 anos
9. espaços comuns femininos dos 10-14 anos
10. sala de festas
11. espaço para os bebés
12. enfermaria
13. espaços individuais e colectivos para as crianças dos 2-4 anos
14. espaços individuais e colectivos para as crianças dos 4-6 anos
15. espaços individuais e colectivos para as crianças dos 6-10 anos
16. cozinha principal
17. salas técnicas
18. espaço do director
19. biblioteca
20. espaços de apoio - psicólogo, psiquiatra, assistente social e chefe de equipa
21. escritórios|espaços administrativos e arquivo

22. célula representada à escala 1:100

legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos|funcionais

109. plantas dos pisos superior e térreo




110. espaços individuais e colectivos dos mais novos



três. abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo

colectivos -, estas adquirem diferentes ambientes associados à idade dos ocupantes.

Outra importante premissa respeitante ao desenho dos espaços colectivos é a existência de interligação entre estes, tanto apenas interior, como interior-exterior através de zonas de transição exteriores cobertas. Os corredores são escassos - só se identificando duas *ruas* [36] diagonais que se cruzam perpendicularmente e direccionam aos dois núcleos principais - na medida em que os espaços de sucedem muito naturalmente, relacionando directamente áreas de refeição com áreas de estar.

No piso inferior, à direita, encontram-se quatro pequenos blocos destinados a crianças dos 0 aos 2 anos, dos 2 aos 4 anos, dos 4 aos 6 anos e dos 6 aos 10 anos. Todos os espaços a elas destinados estão no piso rés-do-chão, tanto de convívio como de dormir. Os mais pequenos têm mais camas por divisão - três ou quatro, tornando mais fácil a sua vigilância -, e dispõem ainda de uma zona mais resguardada para os doentes poderem ficar em isolamento o tempo necessário.

Claros limites à apropriação espacial são colocados pela presença de um outro indivíduo no espaço de maior intimidade, impelindo de forma mais evidente a que haja uma unidade de reclusão máxima, um total escape a esta realidade colectiva constante - a cama -, que frequentemente se prolonga verticalmente através da parede. A pessoalização através de fotografias ocorre muitas vezes neste espaço adjacente ao objecto mais privado e intimista, principalmente quando se encosta ao perímetro celular.

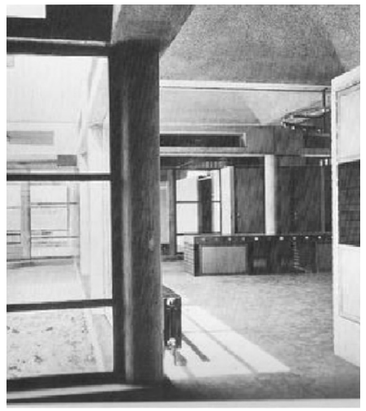
Apesar de nem sempre a reclusão imposta estar intimamente ligada à punição, e poder ser associada a lógicas de residências alternativas à índole familiar - orfanato, lar de idosos -, pode pontualmente, assim como o quarto da criança no interior da casa, ser o espaço da materialização do castigo.

A idade dos ocupantes é um factor-chave na compreensão deste projecto, na medida em que esta organiza dois tipos de pensamento diferentes, porém complementares, tanto à direita do espaço da entrada - como visto acima -, como à sua esquerda. O desenho da esquerda foca-se nas necessidades dos jovens dos 10 aos 20 anos, seguindo uma diferente abordagem. Enquanto que os espaços comuns se localizam no rés-do-chão, interligando-se de modo inteligível com os dos mais novos, os espaços individuais - aqui literais no sentido de abarcarem apenas um indivíduo - adquirem uma posição diferente localizando-se no piso superior. Mais privacidade e intimidade em conturbadas fases do crescimento humano,  pelo afastamento vertical e possibilidade de isolamento do próprio.

Enquanto que na área do rés-do-chão não se assiste à subdivisão dos indivíduos por género, o mesmo não se verifica nas faixas etárias superiores. No piso 1 os espaços estão divididos em quatro grupos: raparigas dos 10 aos 14 anos, rapazes dos 10 aos 14 anos, raparigas dos 14 aos 20 anos e rapazes dos 14 aos 20 anos. Apesar de todos necessitarem do mesmo equipamento base colectivo - cozinha, sala de jantar, sala de estar e sanitários (aqui comuns e adequados a cada faixa etária) -, cada grupo tem uma atmosfera diferente, acompanhando a fase em

[36] *ruas* é o modo como Aldo van Eyck se refere aos dois principais eixos do seu projecto, *in* STRAUVEN, Francis - *Aldo Van Eyck the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998, p. 289.



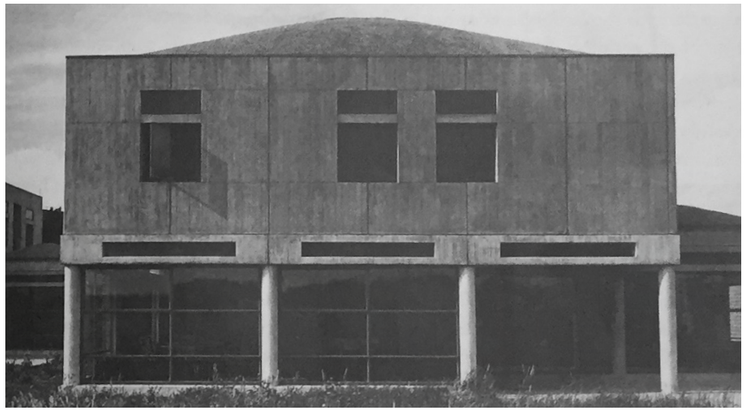




111. espaços comuns femininos dos aos 14-20 anos, fotografias do piso térreo



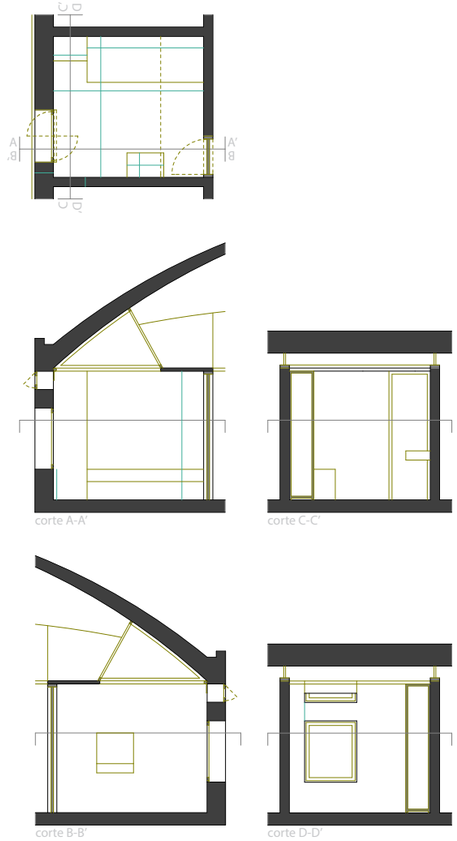
112. interior do bloco onde se encontravam os espaços celulares, porém sem a sua presença - fotografia de Klaas Vermaas (2014)



113. fotografia exterior do bloco onde se encontram os espaços celulares








114. planta, cortes longitudinais e cortes transversais com indicações métricas de célula do orfanato - desenhos rigorosos, escala 1:100

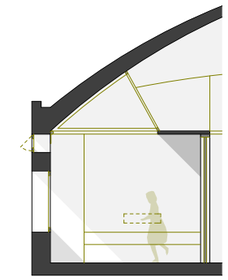
que se encontra. Neste exemplo, apesar da matriz celular ser importante na organização espacial do equipamento, a zona do comum - em relação íntima com o espaço do próprio - revela-se fulcral na origem da sua composição e consequentemente na sua compreensão.

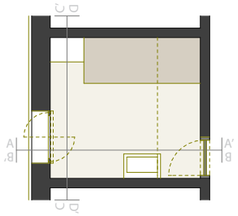
*It is an architectural 'counterform' to the programme, architectural poetry that gauges the essence of the building brief - the individual|community relation - so as to elevate this with its own formal means to a universal level.* [37]

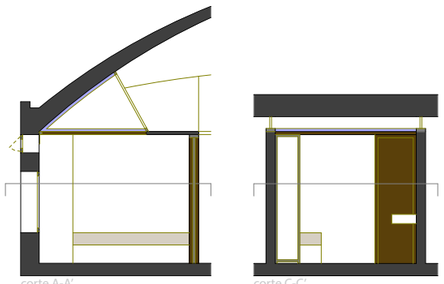
O espaço de reclusão individual, pouco referenciado, associa-se apenas a faixas etárias superiores, localizando-se no piso de cima. Três tipos de espaços surgem, dois com o mesmo mobiliário mas dimensões diferentes, e um terceiro, maior, com mais um objecto que os anteriores. O modelo analisado a uma escala mais detalhada é o que tem uma dimensão intermédia, constituído por três elementos.

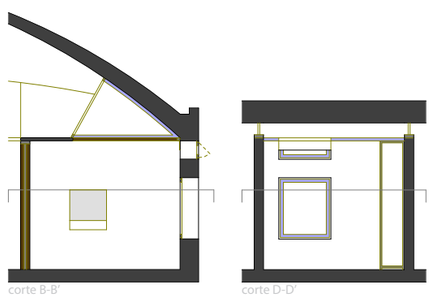
A cama volta a surgir de modo bastante evidente como elemento centralizador

[37] *in* STRAUVEN, Francis - *Aldo Van Eyck the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998, p. 289 e 290.






115. em cima, à direita, a cela-quarto: o único pormenor da organização espacial e distribuição|relação entre os espaços comuns e os individuais, interiores e exteriores - planta do piso superior, planta do piso térreo e corte;
116. em cima, à esquerda, corte longitudinal com representação lumínica de célula do orfanato;
117. em baixo, planta, cortes longitudinais e cortes transversais com representação cromática de célula do orfanato.
Desenhos rigorosos, escala 1:100







da célula. Esta ocupa grande parte do espaço destinado ao indivíduo, principalmente nas de menor dimensão e|ou com três elementos - possivelmente cama, pequeno armário e lavatório. Esta elação retira-se, tanto das suas dimensões como da sua organização espacial [38], sendo que o lavatório é o que mais dúvidas suscita. O estabelecimento deste objecto deriva do raciocínio de que, para um grupo de nove ocupantes, um lavatório apenas localizado no sanitário comum seria insuficiente. A sua associação a um espelho faria sentido no interior destas celas-quarto, controláveis mas ainda assim, apropriáveis por um período de tempo não superior a seis anos. A sua forma poderia ainda remeter a uma representação muito simplificada de uma cadeira ou uma pequena mesa, porém, relativamente ao primeiro, o desenho seria um pouco desproporcional, e relativamente ao segundo e contrapondo com o quarto elemento que é inserido nas celas-quarto de canto, a repetição de um mesmo objecto deixaria de fazer sentido. Estes espaços [de canto], além de serem de maior dimensão, possuem mais um elemento objectual, provavelmente uma mesa. Apesar do seu afastamento à área com maior luz natural, as suas dimensões alargadas levam a entender que se poderá tratar de um objecto opcional, apenas existente em cerca de metade dos espaços disponíveis.

A cela-quarto intermédia, aqui representada à escala 1:100, é a mais pequena de todos os casos de estudo contendo uma área de apenas 5,8 m$^2$ (2,5 m x 2,3 m), e uma altura mínima de apenas 2,1 m, possivelmente influenciadas pela idade do seu ocupante.

A relação luz-dimensão é muito importante neste caso, na medida em que é, provavelmente, a cela mais iluminada, permitindo mesmo, nos casos em que a mesa existe, um maior afastamento ao ponto de luz não zenital. Estes espaços são iluminados por dois vãos de parede cada e uma iluminação indirecta zenital derivada das aberturas do espaço central destes pequenos volumes, que acabam por não lhe conferir uma dimensão tão reduzida como a que tem realmente - semelhantes às que surgem na fotografia de 2014 nas páginas anteriores, associadas ao acesso vertical. Provavelmente a cor acompanha este raciocínio de permissão da reflexão lumínica recorrendo a paredes maioriotariamente brancas e ao recurso a um pavimento em tons claros, deduzíveis por fotografias de interior do mesmo equipamento, porém não relativas às celas-quarto individuais.

Em praticamente todos os equipamentos de matriz celular assiste-se a algumas adequações programáticas ou específicas dos tipos de cela existentes relativamente à instituição, não sendo tão flagrante e tão especificamente relacionado apenas com o ocupante como neste caso.

[38] apoiando-se em desenhos, dado não existirem fotografias dos espaços individuais.

# quatro.
# considerações finais

# do (pré)conceito à redefinição

O objectivo desta dissertação passa pela (re)definição do conceito de cela - objecto de estudo -, consequente de uma análise arquitectónica abrangente. Deste modo, contraponha-se a original definição com a reflexão levada a cabo através de bibliografia de referência e casos de estudo práticos.

A questão associada à célula-alvéolo é premissa inicial na sua compreensão. A cela não existe sozinha, não é autossuficiente. Apesar de independente na satisfação de algumas funções, depende sempre da comunidade para outras. Não tendo capacidade de manutenção da sua sustentabilidade por si, esta só o é na sua repetição, o que justifica a criação de estruturas colectivas de apoio. A reclusão - condição base à sua existência, comum a todas as definições e programas aos quais a matriz celular se associa (quer seja voluntária ou imposta) - pressupõe um determinado nível de isolamento contraditório à necessidade de manutenção da suposta autossuficiência, excluindo-se mutuamente.

A presença da comunidade é então essencial à existência do espaço individual, complementando-o. Os espaços colectivos permitem a existência da cela, garantindo-lhe a subsistência de necessidades básicas e possibilitando quebras ao isolamento - de acordo com a instituição e o carácter da reclusão.

Denote-se novamente que a cela, além de só existir quando tem a comunidade como contraponto, não se coaduna com a domesticidade, ou seja, não existe na *casa* - como vem sendo explicitado no decorrer da dissertação. Da sua existência depende um factor incompatível com a dinâmica familiar, a sociabilidade imposta (ou mesmo anulada em alguns casos).

Comum a todos os casos de estudo, a questão da imposição ligada à componente social, associa-se directamente à redefinição de cela. Apesar de no caso do hotel, esta poder ser elegida no interior do espaço íntimo, no que respeita ao equipamento colectivo onde se insere, esta é sempre imposta, e muitas vezes restritiva relativamente ao género dos ocupantes - notem-se, a título de exemplo o caso do convento analisado, estritamente masculino; e o caso da residência estudantil feminina.

A ausência de relações de vigilância implícitas às dinâmicas familiares, agregada à sociabilidade não elegida e a uma consciente distribuição espacial, resulta em mecanismos de vigilância e controlo - intimamente relacionados com a constante visibilidade - manifestados na implantação e organização dos espaços comuns ao qual o ocupante da cela pode recorrer. O modelo panóptico, frequentemente associado a estas coerções do poder, não se manifestando totalmente - a não ser no caso dos equipamentos prisional e psiquiátrico - tem grande influência na organização do programa em causa. As áreas comuns - interiores ou exteriores -

localizam-se preferencialmente numa zona mais central ou em espaços *entre* que lhes permitem uma maximização dos efeitos exercidos pela consciência de um controlo permanente.

Inevitavelmente, e devido às relações de subsistência que mantêm com as células, muitos destes espaços de cariz colectivo repetem-se em todos os casos de estudo, nomeadamente os sanitários, salas de jantar/refeitórios, áreas de estar - tanto interiores como exteriores - e zonas de acesso e distribuição. Pela necessidade de isolamento associada, é frequente serem também constituídos pela enfermaria ou por áreas destinadas ao tratamento; bem como, espaços dedicados ao culto e à devoção - como igrejas, capelas e sinagogas -, mais ocasionalmente no âmbito dos casos de estudo elegidos.

Com base nos exemplos seleccionados, verifica-se que quando a reclusão é voluntária, a distribuição dos espaços comuns pressupõe uma organização mais permeável. O indivíduo, livre, escolhe a reclusão, não havendo então necessidade de restringir os seus movimentos espacialmente - a questão da escolha complexifica-se na residência estudantil, pois apesar de esta poder estar ligada a questões económicas que toldam a sua imposição, a saída do espaço familiar para uma alternativa residencial complementar é voluntária. Quando esta é imposta, os locais destinados à colectividade podem distribuir-se de modo mais heterogéneo ou menos passível de distinção na óptica do indivíduo, devido à total vigilância que os caracteriza. Ou seja, o ocupante é constantemente controlado e muitas vezes guiado para os espaços comuns consoante o regulamentado pelo equipamento onde se insere.

O caso do equipamento psiquiátrico leva-nos a questionar a anterior afirmação respeitante à disposição heterogénea ou anónima dos espaços comuns relacionada com a total vigilância. A resposta a esse questionamento reside na presença de um elemento complementar a algumas destas arquitecturas onde o cariz da reclusão é imposto - o muro - aqui presente também na penitenciária. A implantação urbana destes dois equipamentos e a necessidade de reforço da permanência do indivíduo no seu interior leva à contrução de um muro complementar. A clara distribuição espacial do Pavilhão de Segurança resulta talvez da sua dimensão - é o mais pequeno de todos os casos estudados -, em consonância com o facto de o seu encerramento se manifestar duplamente - em relação à envolvente e em relação ao hospital do qual é parte integrante. O próprio edifício funciona como uma espécie de segundo muro, confinando os seus espaços comuns e tornando-os de percepção mais simples.

O muro associa-se ainda à possibilidade de sair ou não da instituição onde o espaço de isolamento tem lugar - e não ao carácter da sua reclusão, como se pode imaginar primeiramente. O facto desta ser voluntária ou imposta não se liga directamente à possibilidade de quebrar o isolamento saindo pontualmente do equipamento, verificando-se porém naqueles em que a reclusão é objectivo principal, uma implantação que foge à urbanidade.

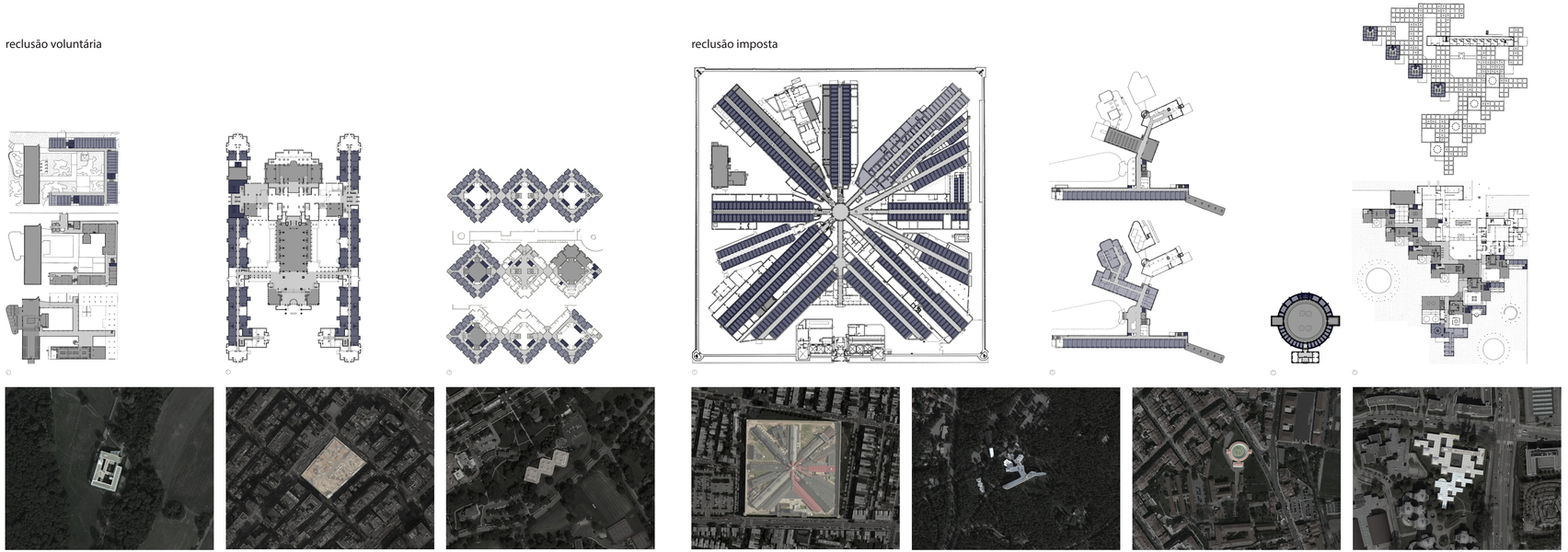
Analisem-se exemplos concretos. O convento, o hotel e a residência de estudantes caracterizam-se pela decisão no que respeita ao recurso a estas





reclusão voluntária

reclusão imposta



legenda espaços interiores

- sanitários
- células com sanitários
- células
- áreas de cuidados de saúde
- áreas de passagem comuns
- espaços comuns
- espaços administrativos/funcionais

0 5 10 25 50 m

1. análise comparativa: re-organização dos casos de estudo em dois tipos
- de reclusão voluntária e imposta; representação em planta

2. relação equipamento-envolvente: vistas aéreas dos casos de estudo de acordo com a reorganização tipológica - orientadas a norte

arquitecturas de matriz celular, e de facto, não se encontram murados. A qualquer momento, esta pode, se pretendido, ser quebrada. Note-se que se refere aos casos de estudo analisados - há equipamentos destas tipologias que fogem a esta descrição, por regulamentações específicas da instituição. Porém, a presença no sanatório de tuberculose ou no orfanato nada têm de voluntário, e a saída do equipamento também não se encontra murada.

O processo de formulação de um projecto procura soluções para os problemas encontrados, não havendo uma resposta *standard*, o que é aqui facilmente legível. A presença no sanatório de tuberculose, obviamente não opcional, pressupõe um estado de saúde vulnerável e uma vigilância médica constante, condicionantes às quais o doente não quer fugir na medida em que contribuem para a melhoria da sua qualidade de vida. Face à pequena probabilidade de o querer fazer, recorre a trâmites legais, o que leva a que o muro não seja de facto necessário.

Também no caso do orfanato se assiste à ausência de um dispositivo de separação em relação à envolvente, onde se implanta. No caso anterior, o isolamento proporcionado pela implantação favorecia também a inexistência de muro, o que neste caso se verifica através de um gradeamento pontual, apenas voltado para a área de estrada.

Em todos os equipamentos, a necessidade de isolamento e resguardo face ao mundo exterior é manifestada na sua implantação. O convento e o sanatório de tuberculose implantam-se em áreas afastadas da urbanidade; enquanto que os casos da penitenciária, do equipamento psiquiátrico, do hotel, da residência e do orfanato se inserem em meio urbanizado. Apesar da localização comum a mais exemplos práticos ser esta segunda, verifica-se que todos recorrem a mecanismos que lhes garantem a tranquilidade necessária - tipo *oasis* no deserto - nomeadamente voltando-se para o interior. A penitenciária e o equipamento psiquiátrico recorrem ao muro, como já foi explicitado anteriormente; enquanto que o hotel, a residência e o orfanato utilizam diferentes mecanismos, ainda que com a mesma finalidade.  O primeiro, centra os seus espaços comuns interiores e exteriores, proporcionando um ambiente distinto ao que se vive na envolvente, particularmente com muita vegetação; o segundo, apesar de inserido no complexo universitário, tenta de certo modo isolar-se, afastando-se do edificado em redor; e o terceiro, volta-se para o lado contrário à rua, encerrando-se a norte e permitindo uma passagem mais permeável quanto mais conectado à componente vegetal.

Ainda acerca de como a individualidade manifesta esta relação de confronto--complementaridade com a colectividade, note-se a presença da porta de acesso ao espaço individual enquanto elemento que permite em alguns casos a extensão da visibilidade para o interior do perímetro celular, casos estes coincidentes com os que contam com a presença do muro.

Como o objectivo desta dissertação não passa apenas pela literal e enciclopédica redefinição do conceito - passando de um conceito restritivo para outro -, mas sim pelo levantamento de questões e procura de respostas associadas a um

pensamento crítico arquitectónico, surgem no seu decorrer dois conceitos que se pretendem complementares: cela-quarto e cela-jaula, caracterizados pela inter-relação dos elementos que as compõem.

Importa desmistificar já que não há uma relação directa entre cela-quarto e reclusões voluntárias; e entre cela-jaula e contextos impostos.

Partindo da distinção levada a cabo nos primeiros capítulos da dissertação entre cela e quarto, e cela e jaula; bem como analisando os exemplos anteriores, é possível obter algumas características preliminares relativas a estes conceitos opostos.

Cela-quarto liga-se directamente a questões de favorecimento da intimidade e da privacidade decorrentes de mecanismos de separação e caracterização de sub-espaços dentro da unidade celular - associados à distribuição e presença de determinado mobiliário -, de uma acentuada preocupação com a manifestação de estímulos sensoriais - cor, textura, conforto, o que se vê do vão -, e de um maior controlo das condições celulares - entrada de luz ou abertura da porta.

Por oposição, na cela-jaula, todo o poder de regulação das condições de habitabilidade é retirado ao ocupante, é-lhe negado o direito de decisão. O controlo da sua fuga e a visibilidade para o seu interior são favorecidos relativamente à caracterização do espaço celular, associando-se a casos em que o próprio equipamento se encontra murado.

Analisem-se primeiro os vãos.
A porta de entrada - acesso principal ao espaço individual e transição entre este e a colectividade - denuncia *à priori* o tipo de cela presente. Se por um lado a sua forte expressão se conota usualmente com contextos de cela-jaula pela manifestação de elementos de exclusão como gradeamentos ou fechaduras; o facto de esta abrir para dentro da cela ou para fora em direcção à comunidade é igualmente ilustrativo. Os casos em que esta abre em direcção ao exterior denunciam uma carga maior do controlo|vigilância colectiva sob o espaço privado, e associam-se a contextos de cela-jaula - com excepção do sanatório, mais aproximado à cela-quarto, mas ainda assim, híbrida (note-se a cama gradeada enquanto cela, aquando da permanência forçada do indivíduo nesta) -; enquanto que, quando a porta abre para o interior se dissocia deste tipo de mecanismos, atribuindo o poder de decisão ao ocupante.

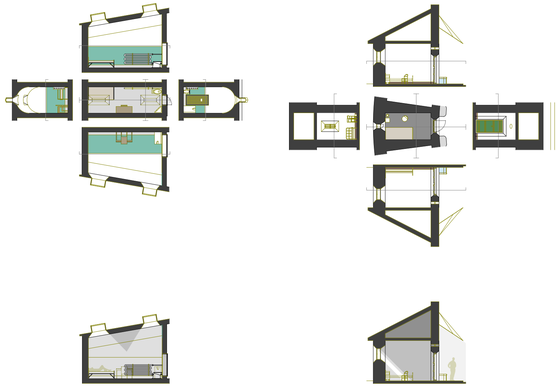
Assim como relativamente à porta, o controlo da abertura da janela também está ligado à caracterização do tipo de cela, bem como a sua associação a elementos como a cortina, o estore ou o gradeamento. De facto, todos os contextos de cela-quarto - mesmo o sanatório -, além do poder de decisão acerca da abertura|fecho da janela - ventilação -, controlam também a luminosidade presente através de mecanismos de mediação da entrada de luz. O que se vê da janela não é de todo indiferente, voltando-se a cela para as paisagens que reforçam o seu isolamento. O campo visual da cela-quarto para o exterior foge, sempre que possível, da urbanidade - dissociada do factor tranquilidade - procurando por vezes voltar-se para o interior. Contrariamente, o vão na cela-jaula distancia-se do indivíduo



cela-quarto



cela-jaula



3. representação planificada das celas dos casos de estudo e distribuição por tipologia para uma leitura mais eficaz das considerações gerais;
desenhos rigorosos à escala 1:200

- sempre metaforicamente, e por vezes literalmente, recorrendo mesmo a clarabóias -, restringindo o seu controlo lumínico e pontuando-o com elementos intimamente ligados à jaula - os gradeamentos.

A espessura das paredes entre células, assim como no contacto com a comunidade, no caso da cela-jaula, é manifestamente superior - dos 0,4 m aos 0,6 m, enquanto que nas celas-quarto ronda os 0,1 m e os 0,2 m. Note-se novamente o carácter híbrido do sanatório, apresentando valores semelhantes à cela-quarto entre células, mas mais próximos da cela-jaula no que respeita a distância do colectivo.
Relativamente ao afastamento ao exterior (mais espessura na parede que confronta com a envolvente), os valores variam bastante, não estando directamente ligados a esta caracterização tipológica.

Passando para o conteúdo, importa primeiramente notar que a cela-quarto não se associa directamente a uma maior quantidade de mobiliário que a cela-jaula, dispondo-os somente com outro tipo de preocupações e conforto, como já referido.

Apenas um elemento é comum a todos os casos de estudo e passível de constituir (na totalidade dos exemplos) elemento de máxima reclusão: a cama. Aqui verifica-se uma relação causal entre o seu posicionamento, o cariz da reclusão e o tipo de cela em causa. Ou seja, quando a cela-quarto coincide com uma reclusão voluntária, a cama volta-se para a janela, manifestando uma maior relação com o exterior; e quando a cela-jaula e o carácter imposto se sobrepõem, esta volta-se para a porta, reforçando o isolamento face à comunidade e a importância do controlo. Note-se que, quando não há um alinhamento destes dois factores, a cama pode assumir qualquer uma das duas posições, consoante a circunstância.

Espacialmente, esta tende a centrar-se no espaço celular, afastando-se dos vãos e consequentemente do exterior; assim como da entrada, directamente relacionada com a comunidade onde se insere - surgindo frequentemente mecanismos arquitectónicos que a afastam e garantem a sua privacidade.

Apesar de muitos possuirem área de trabalho ou similares distribuições dos sanitários, estes elementos não se repetem em todos os casos, nem são, por exemplo, comuns a uma categoria. A mesa e a cadeira - espaço de trabalho/refeição -, de recorrente presença, aproximam-se da janela/ponto de luz natural, afastando-se na maior parte dos casos da porta - elementos que usualmente se encontram em paredes opostas -; enquanto que o espaço dedicado à higiene pessoal se encontra mais próximo da entrada do espaço celular, nomeadamente da porta, muitas vezes pelo carácter complementar e de continuidade que apresenta com os sanitários comuns.

O armário e o espelho estão intimamente ligados à memória e à identidade - como já explicitado nos primeiros capítulos desta dissertação -, sendo possível associá-los de modo mais directo - porém não exclusivo - a celas-quarto. Presente em todos estes casos de estudo, o armário pode aparecer em celas-jaula, sendo mais comum nas primeiras pelo carácter de apropriação a este adjacente.

O espelho surge de duas formas, muitas vezes sobrepostas, principalmente na cela-quarto: associado e dissociado do lavatório. Enquanto elemento identitário não se liga à presença do lavatório, apresentando-se de modo independente no espaço celular, particularmente no primeiro tipo que pretende favorecer a intimidade.

A apropriação, apesar de se ligar de modo mais imediato à cela-quarto, não lhe é exclusiva nem depende desta tipificação, inter-relacionando-se directamente com a componente temporal subjacente a estes contextos celulares [1]. Esta é toldada principalmente pela efemeridade do tempo de permanência característica da cela - podendo apenas ser influenciada pela regulamentação da instituição da qual o equipamento faz parte integrante.

[1] note-se que só se assiste a uma subversão do cariz temporário da cela quando esta se liga a contextos terminais, associados então a ocupações mais prolongadas.

A questão do anonimato conecta-se de modo consequente à possibilidade de apropriação e ao tempo. Ou seja, apresentando-se sempre a cela como elemento arquitectónico anónimo à chegada e partida do indivíduo, isto implica que a apropriação tenha um limite temporal - sendo requisito base do ocupante a manutenção deste anonimato espacial. A escolha cromática reflecte também esta procura do espaço desprovido de identidade, a povoar apenas no tempo de ocupação. O recurso frequente a tons terra e neutros - adaptando, mas ainda assim indo de encontro às teorias de associação da cela às cores branco, azul e verde, transmissoras de uma tranquilidade que se coaduna com o isolamento pretendido -, preconiza o desenho de um espaço simultaneamente adaptável a quem o ocupa e anónimo a quem chega.

Repesque-se, em jeito de observação final, uma das primeiras afirmações relativa à caracterização da definição ligada ao objecto de estudo da presente dissertação. "De acordo com esta redutora explicitação do conceito, esta [a cela] é imediatamente caracterizada pela sua função - dormir -, pelas suas dimensões mínimas ou pelo seu ocupante - o religioso ou o presidiário."

Relativamente à função, apesar de *dormir* ser de facto a única comum a todos os exemplos mencionados, a quantidade de funções passíveis de concretizar no interior do perímetro celular varia consoante o objectivo da reclusão, além de se tornar muito mais complexa quando se compreende que esta é toldada pela relação cela-comunidade, fulcral e indispensável a estes contextos, previamente mencionada.

*12 m² considerados consensualmente como área mínima recomendável de um quarto individual.* [2]

*consideram-se 9 m² para a área do quarto individual.* [3]

A dimensão, envolta em discursos polémicos directamente associados a proporções mínimas - acima particularmente relacionadas com o contexto hospitalar, a título de exemplo -, apesar de se repetir recorrentemente, não deve constituir formulação padrão ou condição base para o estabelecimento do projecto de matriz celular. O pensamento processual deverá questionar-se primeiramente dos objectivos reclusionários e da satisfação das suas necessidades|funções passíveis de constituir autonomamente na cela ou em complementaridade com o colectivo, decorrendo daí a obtenção de uma área útil favorável. Tendencialmente, a área relativa a celas de cariz impositivo é menor que aquelas em que a reclusão é voluntária, não se associando a um valor padrão estipulado.

[2] *in* CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 49.

[3] *in* Ibid.



quatro. considerações finais

As celas habitadas pelo religioso ou pelo presidiário constituem uma ínfima parte da totalidade das existentes, sendo este o critério mais díspar entre a definição original e a nova concepção aberta do conceito. A cela comporta todo aquele que necessita de isolamento - quer auto-reflectido, quer por obrigação -, não se associando de todo a uma ocupação-padrão. Todos somos|temos a possibilidade de ser ocupantes destas células, daí a urgência da análise. A investigação, não sendo fechada ou estagnada pede uma continuidade que se coadune com o tempo vivido, em íntima relação com um constante questionamento característico da prática arquitectónica, não tomando por adquirido o que à partida se apresenta como tal, mas compreendendo-o e estudando-o, formulando uma rede cíclica de problemáticas nunca estanques que nos permitem aumentar a rede de conhecimento - aprender a pensar.

Como tal, devo
*interrogar-me sobre o lugar ocupado pelas quatro paredes do quarto ou da cela (...), hoje em pleno desenvolvimento.* [4]

No limite, poderá existir ainda a hipótese de uma terceira categoria que se afasta tanto do quarto como da jaula, negando o que de melhor caracteriza ambas, e não constituindo um híbrido das suas composições. A cela, enquanto conceito utópico - ainda assim implantada na comunidade -, é a idealização das quatro paredes brancas, o espaço impenetrável, o anonimato e impedimento à apropriação, a ausência de visibilidade alheia, a negação da identidade e da memória, a abstenção do controlo, a reflexão e o intelecto. Neste espaço figuram o mínimo de objectos. A derradeira cela são quatro paredes, uma cama, possivelmente uma mesa e uma cadeira, um ponto de luz e ventilação natural, e um único acesso.

Daí a dificuldade... A transposição da utopia celular para a realidade tem levado a disformes interpretações que transformam o espaço da cela, distanciando-a da sua génese.

[4] *in* PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012, p. 331.

•

# anexo: quadro - síntese

| | | implantação | total de celas | espaços colectivos interiores | localização dos espaços comuns | pode sair da instituição? | sociabilidade | carácter da reclusão | complementaridade de outra habitação | porta em relação com o corredor | reclusão | o corredor dá acesso a celas de um lado ou de ambos? | para onde abre a porta - entrada da cela? | conteúdo da cela | autossuficiência da cela | espessura da parede | | vãos | | dimensões | | | tons | cama voltada a | espaço de trabalho| refeição na cela | elemento de máxima reclusão | espelho; cortina | rodapé | conforto | tempo | apropriação permitida | tipo de cela |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | | | | | | | | | | com outra cela|com a comunidade | com o exterior | número de janelas| claraboias | número de portas | área | comprimento x largura | altura | | | | | | | | | |
| religião | convento | rural - isolado | +/- 100 | sanita, lavatórios, duches, pontão, portaria, **salas comuns,** oratório, biblioteca, claustro; **sala de jantar/refeitório,** átrio | entre celas e espaços comuns ou funcionais | depende da congregação | imposta, por género | voluntário | não | = corredor | no equipamento e na cela | um | dentro | lavatório, espelho +/-, armário, cama, mesa, cadeira, aquecedor, cortina | dormir, escrever, ler, reflectir, +/- estudar | 0,1 m | 0,3 m | 1 vão, subdividido em 3 janelas | 1 - comunidade | 14 m² com varanda, 11 m² sem varanda | 7,8 m x 1,8 m 5,9 m x 1,8 m | 2,3 m | neutros, verdes, apontamento de cor | contrário à porta - para o vão | sim - mesa e cadeira | cama (vmad), mesa (acisterio = afastamento à comunidade) | sim, no pio e sozinho; sim | não | sim | temporário, mas pode ser prolongado | alguma | cela-quarto |
| punição | penitenciária | urbano - afastado do centro | ? | cadeia, lavanderia, **sala de jantar/refeitório,** enfermaria, sinagoga **= zonas de estar comunitárias** = átrio | heterogénea | não - muro | imposta, por género | imposto | sim | gradeada, porta e portada | no equipamento e na cela | dois | fora | lavatório, santo, cama, mesa, cadeira, aquecedor | dormir, escrever, ler, reflectir, +/- estudar, +/- wc | 0,4 m | 0,5 m | 2 clarabóias | 1 - comunidade | 11 m² | 5,5 m x 2 m | 3,1 m a 4 m | neutros, verdes | para a porta | sim - mesa e cadeira | cama ou mesa | à partida não, ambos | sim | não | temporário, mas pode ser prolongado | alguma | cela-jaula |
| saúde | sanatório | rural - isolado | ? | **sanitários, sala de jantar/refeitório, sala de estar,** galeria de descanso, **entrada,** consultórios | entre celas e espaços comuns ou funcionais | não - limitações físicas | imposta | imposto | sim | = corredor, colorida | no equipamento e na cela | um | fora | lavatório x 2, cama x 2, mesa de cabeceira x 2, cadeira x 2, armário x 2, mesa, escarrados, espelho | dormir, escrever, ler, reflectir, +/- estudar, +/- wc | 0,1 m - cela 0,4 m - comum | 0,5 m | 1 vão grande composto por várias janelas | 1 - comunidade | 17,2 m² | 5,2 m x 3,4 m | 3,2 m | verdes, neutros | para a porta - de lado | sim - mesa e cadeira (x 2) | cama | no escarrador; sim | não | sim | temporário, mas pode ser prolongado | pouca | + cela-quarto ou híbrido |
| | equipamento psiquiátrico | era isolado, agora é urbano | 20 celas e 6 dormitórios | **sala de jantar/refeitório, sanitários, pátio comum, entrada** | central e em zonas opostas do diâmetro do equipamento | não - muro | imposta | imposto | sim | fechaduras expressivas | no equipamento e na cela | um | fora | cama, mesa de cabeceira, cadeira, bidé | dormir, reflectir | a meio 0,6 m | a meio 0,9 m | 1 janela pequena | 1 - comunidade | 6,8 m² | 3,4 m x 2 m | 3,2 m | brancos, neutros | para a porta | não | cama | não, ambos | sim | não | temporário, mas pode ser prolongado | pouca | cela-jaula |
| residência alternativa | hotel | urbano | ? | **sanitários,** sala de folhas, receção, **sala de refeições,** sala de espectáculos, **sala de jantar/refeitório, entrada, club room, sanitários, sala de estar exterior** | entre celas e espaços comuns ou funcionais | sim | elegida na cela, imposta no equipamento | voluntário | sim | ? | no equipamento e na cela | dois | dentro | lavatório, banheira, santa, armário, cama, mesa de cabeceira, mesa, cadeiras, sofás, toucador | dormir, escrever, ler, estudar, reflectir, wc | 0,1 m | a meio 0,6 m | 3 janelas - 2 no quarto e 1 no wc | 1 - comunidade, 2 - entre celas | 32,5 m² | 6,3 m x 5,2 m | 3,2 m | rosas, neutros | contrário à porta - para o vão | sim - mesa e cadeiras | cama, mesa (?) = ao convento | no pio e no toucador; sim | não | sim | temporário, mas pode ser prolongado | alguma | cela-quarto |
| | residência estudantil | *campus* | 150 | **sanitários,** sala de estar, **entrada,** receção, hall, **sala de jantar/refeitório, sala recreativa** | central, entre celas e espaços comuns ou funcionais | sim | imposta, por género | entre o voluntário e o imposto | sim | madeira no betão | ? | um | dentro | cama, mesa, cadeira, móvel-sofá (nicho), tapete | dormir, escrever, ler, estudar, reflectir | 0,2 m | 0,5 m | 1 janela | 1 - comunidade, 1 - armário (?) | 16,2 m² | 4,5 m comprimento máximo 4,3 m largura máxima | 3,2 m | neutros | para a porta | sim - mesa e cadeira | cama, sofá (nicho) | não; cortina expressiva | sim | sim | temporário, alguns anos no máximo | muita - mas problema tempo | cela-quarto |
| | orfanato | urbano, mas volta as costas à estrada | 125 | **sanitários,** teatro e ginásio, **espaços comuns, cozinha,** sala de leitura, biblioteca, espaços de apoio **= entrada** | entre celas e espaços comuns ou funcionais | sim | imposta, +/- por género | imposto | não | ? | ? | um | dentro | cama, armário, lavatório | dormir, reflectir, +/- wc | 0,2 m | 0,3 m | 2 janelas sobrepostas | 1 - comunidade | 5,8 m² | 2,5 m x 2,3 m | 2,1 m | neutros | contrário à porta - para o vão | não | cama | sim, no pio; estore | não | sim | temporário, alguns anos no máximo | muita - mas problema tempo | cela-quarto |

todos os valores apresentados são arredondados a 1 casa decimal

quadro-síntese da análise; de leitura preferencial em confronto com os desenhos das celas e das plantas gerais acima apresentadas

**cinco.**
**referências bibliográficas**

# 1.
# livros


BACHELARD, Gaston - *The poetics of space: the classic look at how we experience intimate places*. Massachusetts: Beacon Press, 1994.

BENTHAM, Jeremy - *Panóptico*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2011.

BINET, Jacques-Louis - *Les architectes de la médecine*. Les Éditions de l'Imprimeur, 1996.

BOURGEOIS, Louise; KOTIK, Charlotta; LEIGH, Christian; SULTAN, Terrie; Brooklyn Museum - *Louise Bourgeois: The Locus of Memory. Works 1982-1993*. 1ª ed. Harry N Abrams, 1994.

BUCHANAN, Peter; LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander - *Aldo & Annie Van Eyck: recent work*. Amsterdam: Stichting de Beurs van Berlag, 1989.

CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998.

COLOMINA, Beatriz - *La Domesticidad en Guerra*. Barcelona: Actar, 2006.

COLOMINA, Beatriz - *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*. Massachussetts: The MIT Press, 1996.

COPPLESTONE, Trewin - *Frank Lloyd Wright*. New York: Gramercy, 1999.

CRONE, Rainer; GRAF SCHAESBERG, Petrus - *Louise Bourgeois: The Secret of the Cells*. Munich, London, New York: Prestel-Verlag, 2008.

EVANS, Robin - *The fabrication of virtue - English prison architecture, 1750-1840*. 1ª ed. New York: Cambridge University Press, 1982.

EVANS, Robin - *Translations from Drawing to Building and Other Essays*. Massachusetts: The MIT Press - Architectural Association, 1997.

FLEIG, Karl - *alvar aalto: Obras y Proyectos | Works and Projects*. 6ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.

FOUCAULT, Michel - *Dits et écrits: 1954-1988 - tome IV: 1980-1988*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel - *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70, 2013.

FRAILE, Pedro. *Un Espacio para castigar: La cárcel y la ciencia penitenciaria en España (siglos XVIII-XIX)*. 1ª ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

HEINZ, Thomas A - *Frank Lloyd Wright: Interiors and Furniture*. Great Britain: Academy Editions, Ernst & Sohn, 1994.

LABRYGA, Franz - *P+P, Proyecto y Planificación: Instalaciones sanitarias modernas*. México: Editorial Gustavo Gili, 1983.

LE CORBUSIER - *O modulor | Modulor 2*. 1ª ed. portuguesa. Lisboa: Antígona/Orfeu Negro, 2010.

LE CORBUSIER - *Voyage d'Orient, 1910-1911*. Paris: Éditions de La Villette, 2011.

MUÑOZ, Maria Teresa - *Jaulas y trampas: escritos sobre arquitectura y arte 2000-2012*. Lampreave, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Intenciones en arquitectura*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.

PALLASMAA, Juhani - *Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui - *Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

PERROT, Michelle - *História dos Quartos*. 1ª ed. Lisboa: Teodolito, 2012.

PROVIDÊNCIA, Paulo; MATOS, Vítor M. J.; SANTOS, Ana Luísa; XAVIER, Sandra; BRÁS, Emanuel; QUINTAIS, Luís - *Leprosaria Nacional Modernidade e Ruína no Hospital-Colónia Rovisco Pais*. 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2013.

RATTENBURY, John - *A Living Architecture: Frank Lloyd Wright and Taliesin Architects*. Maldon: Pomegranate, 2000.

RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk - *Alison y Peter Smithson: De la Casa del Futuro a la casa de hoy.* Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2007.

RONNER, Heinz - *Louis I. Kahn: Complete work: 1935-1974*. 2ª ed. Basel: Birkhäuser, 1987.

SALIGNON, Bernard - *Qu'Est-ce qu'habiter?*. Paris: Éditions de La Villette, 2010.

SANTA-MARÍA, Luis Martínez - *El libro de los cuartos*. Madrid: Lampreave, 2011.

SARKIS, Hashim - *Case: Le Corbusier's Venice Hospital and the Mat Building Revival*. Munich: Prestel Verlag, 2001.



cinco. referências bibliográficas

SILVA, Ana Sofia Pereira da - *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Diseño, 2015.

SLOTERDIJK, Peter - *O Estranhamento do Mundo*. 1ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

SMITH, Kathryn - *Frank Lloyd Wright: America's Master Architect*. Abbeville Press, 1998.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de - *Los articulos de Any*. Barcelona: fundación caja de arquitectos, 2009.

STRAUVEN, Francis - *Aldo Van Eyck the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998.

TEYSSOT, Georges - *A Topology of everyday constellations*. Massachussetts: The MIT Press, 2013.

TEYSSOT, Georges - *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios - Arquitectura e Urbanismo*. Coimbra: Edições 70 e e|d|arq, 2010.

Instituto António Houaiss da Língua Portuguesa - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005.

*Alvar Aalto*. 5ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1990.

*Frank Lloyd Wright Monograph* - 12 volumes. Tokyo: A. D. A. EDITA, 1985-1987.

*Konstantin S. Mel'nikov and the Construction of Moscow. Milano:* Skira, 2000.

*Le Corbusier*. 1ª ed. Lisboa: Dinalivro, 2004.

*Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995.

*Nomination of Paimio Hospital for inclusion in the world heritage list*. Helsinki: National Board of Antiquities, 2005.

*Saúde e Arquitetura em diálogo* [catálogo da exposição]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Programa Gulbenkian Inovar em Saúde, 2015.

# 2.
# outras fontes relevantes

## revistas | artigos

FABRICIUS, Daniela; SLOTERDIJK, Peter - *Cell Block, Egospheres, Self-Container.* Anyone Corporation. Log. nº 10 (Summer|Fall 2007), p. 89-108.

SEQUEIRA, Marta - *Le Corbusier e as casas dos monges brancos*. São Paulo: 2014, no âmbito do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva.

TEYSSOT, Georges - *Dis-eases of the domicile. 1995*.

*El Croquis, nº 53, Oma|Rem Koolhaas, 1987-1992.* El Croquis.

*El Croquis, nº 67, Bolles + Wilson*. Madrid: El Croquis, 1994.

*El Croquis, nº 71, Toyo Ito, 1986-1995*. Madrid: El Croquis, 1995.

*El Croquis, nº 72 [I], Ben Van Der Berkel, 1990-1995*. Madrid: El Croquis, 1995.

*El Croquis, nº 72 [II], Enric Miralles, 1995*. Madrid: El Croquis, 1995.

*El Croquis, nº 73 [I], Zaha Hadid, 1992-1995*. Madrid: El Croquis, 1995.

*El Croquis, nº 77 [I], Kazuyo Sejima, 1988-1996*. Madrid: El Croquis, 1996.

*El Croquis, nº 94, Neutelings + Riedijk, 1992-1999: ... on lazyness, recycling, sculptural mathematics and ingenuity*. Madrid: El Croquis, 1999.

*El Croquis, nº 99, Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa, 1995-2000: making the boundary.* Madrid: El Croquis, 2000.

*El Croquis, nº 103, Zaha Hadid, 1996-2001*. Madrid: El Croquis, 2001.

*El Croquis, nº 104, Dominique Perrault, 1990-2001: the violence of neutral.* Madrid: El Croquis, 2001.

*El Croquis, nº 106|107, Turn of the Century in progress [II]: hibridization processes.* Madrid: El Croquis, 2001.

*El Croquis, nº 108, Steven Holl, 1998-2002: thought, matter and experience.* Madrid: El Croquis, 2002.

*El Croquis, nº 109|110, Herzog & de Meuron, 1998-2002: the nature of artifice.* Madrid: El Croquis, 2002.

*El Croquis, nº 112|113, Jean Nouvel, 1994-2002: the symbolic order of matter.* Madrid: El Croquis, 2002.

*El Croquis, nº 114 [II], NJIRIC + NJIRIC, 1997-2003: meta-balkan.* Madrid: El Croquis, 2003.

*El Croquis, nº 117, Frank Gehry, 1996-2003: from A to Z.* Madrid: El Croquis, 2003.

*El Croquis, nº 119, Work Systems.* Madrid: El Croquis, 2004.

*El Croquis, nº 120, David Chipperfield, 1998-2004: dense minimalism.* Madrid: El Croquis, 2004.

*El Croquis, nº 121|122, SANAA (Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa), 1998-2004: ocean of air.* Madrid: El Croquis, 2004.

*El Croquis, nº 123, Toyo Ito, 2001-2005: beyond modernism.* Madrid: El Croquis, 2005.

*El Croquis, nº 124, Eduardo Souto de Moura, 1995-2005: the naturalness of things.* Madrid: El Croquis, 2005.

*El Croquis, nº 127, John Pawson, 1995-2005: pause for thought.* Madrid: El Croquis, 2005.

*El Croquis, nº 131|132, Oma Rem Koolhaas [I], 1996-2006: delirious and more.* Madrid: El Croquis, 2006.

*El Croquis, nº 136|137, Work Systems [II].* Madrid: El Croquis, 2007.

*El Croquis, nº 139, SANAA (Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa), 2004-2008: architectural topology.* Madrid: El Croquis, 2008.

*El Croquis, nº 140, Álvaro Siza, 2001-2008: the meaning of things.* Madrid: El Croquis, 2008.

*El Croquis, nº 146, Souto de Moura, 2005-2009: theatres of the world.* Madrid: El Croquis, 2009.

*El Croquis, nº 147, Toyo Ito, 2005-2009: liquid space.* Madrid: El Croquis, 2009.

*El Croquis, nº 148 [I], Collective Experiments: spanish architects 2010.* Madrid: El Croquis, 2010.

*El Croquis, nº 150, David Chipperfield, 2006-2010: conciliation of opposites.* Madrid: El Croquis, 2010.



*El Croquis, nº 151, Sou Fujimoto, 2003-2010: theory and intuition, framework and experience.* Madrid: El Croquis, 2010.

*El Croquis, nº 154, Aires Mateus, 2002-2011: building the mould of space.* Madrid: El Croquis, 2011.

*El Croquis, nº 158, Aires Mateus, 2006-2011: the voice of matter.* Madrid: El Croquis, 2011.

*El Croquis, nº 159, Neutelings Riedijk, 2003-2012: conventions and identity.* Madrid: El Croquis, 2012.

*El Croquis, nº 160, Bevk Perovic', 2004-2012: conditionalism.* Madrid: El Croquis, 2012.

*El Croquis, nº 162, RCR Arquitectes, 2007-2012: poetic abstraction.* Madrid: El Croquis, 2012.

*El Croquis, nº 168|169, Álvaro Siza, 2008-2013: master lessons.* Madrid: El Croquis, 2013.

*Habitación=Room: Monografías, revista de arte e arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

## trabalhos académicos

AFONSO, Inês Areal de Boaventura - *O corredor e a cela no convento e na prisão*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008. Prova final para licenciatura em arquitectura.

HEIKINHEIMO, Marianna - *Architecture and Technology: Alvar Aalto's Paimio Sanatorium*. Helsinki: School of Arts, Design and Architecture, 2016. Dissertação de doutoramento.

Grupo pab - *Orfanato Municipal de Amsterdam | Amsterdam Orphanage: arquitecto | architect: Aldo Van Eyck*. Barcelona: ETSAB/upc Departamento de proyectos arquitectónicos de Barcelona.

## filmes | séries

FORMAN, Milos - *One Flew Over the Cuckoo's Nest.* 1976.
(https://www.youtube.com/watch?v=FRjHhTOyDOg)

LYN, Euros - *Black Mirror - fifteen million merits.* 2011.
(https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=13752289&tctx=0%2C1%2Caf70f99-5f76-4bee-a268-c5b13c758788-21676103)

GRÖNNING, Philip - *Die Große Stille* [1]. 2005.
(https://www.youtube.com/watch?v=frAv0nBttsA)

ABSALON - *Solutions*. 1992.
(https://www.youtube.com/watch?v=ync5Qv1uay4)

[1] de tradução livre, *O Grande Silêncio.*

## exposições

*Saúde e Arquitetura em diálogo.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: Outubro a Dezembro de 2015.

*A Forma da Forma - Trienal de Arquitectura de Lisboa.* Lisboa, Maat: 5 de Outubro a 12 de Dezembro de 2016.

*Artwork: Louise Bourgeois.* London, Tate Modern: ainda em exibição.

## internet

http://franklloydwright.org
http://www.alvaraalto.fi
https://www.brynmawr.edu
http://www.cca.qc.ca/en/
http://www.cm-lisboa.pt
https://www.easternstate.org
http://www.fondationlecorbusier.fr
https://www.moma.org
http://socks-studio.com
http://www.steinerag.com/flw/index.htm
http://www.tate.org.uk
http://www.timenthoven.nl
https://divisare.com





# 3.
# créditos iconográficos

**um.**
**apresentação, a cela: discrepância do conceito**

0. problema: preconceito e pré-conceito

1. http://www.arndtfineart.com/website/artist_12057?idx=a
2. http://socks-studio.com/2014/02/03/how-to-isolate-yourself-and-inhabit-everywhere-absalons-living-cells-1991-1993/
3. http://socks-studio.com/2014/02/03/how-to-isolate-yourself-and-inhabit-everywhere-absalons-living-cells-1991-1993/
4. http://www.carnavalet.paris.fr/en/collections/chambre-de-marcel-proust
5. http://www.slate.com/blogs/atlas_obscura/2015/03/24/the_kitchen_floor_manifesto_\of_a_troubled_frenchman_is_on_public_display.html
6. http://socks-studio.com/2015/12/20/house-as-a-manifestation-of-the-self-jean-pierre-raynauds-maison-1969/
7. http://socks-studio.com/2015/12/20/house-as-a-manifestation-of-the-self-jean-pierre-raynauds-maison-1969/

**dois.**
**a cela no equipamento colectivo**

1. a célula dependente

1. https://br.pinterest.com/pin/202380576983566408/.jpg
2. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 5, p. 210.
3. https://br.pinterest.com/pin/539587599080157724/.jpg
4. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 198.
5. https://pt.pinterest.com/pin/324188873157819333/.jpg
6. https://pt.pinterest.com/pin/537969117968218558/.jpg
7. https://br.pinterest.com/pin/407786941231035997/.jpg
8. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 211.
9. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 198.
10. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes.* 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 192.
11. BENTHAM, Jeremy - *Panóptico*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2011, p. 30.
12. desenho da autora baseado em BENTHAM, Jeremy - *Panóptico*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2011, p. 38.
13. http://notesfromstillsong.blogspot.pt/2014/05/catholic-hermits-vs-episcopal.html
14. http://deojuvante.forumactif.org/t214-saint-bruno
15. http://www.moma.org/collection_lb/object.php?object_id=76851
16. fotografia da autora
17. fotografia da autora
18. fotografia da autora
19. *frame* retirado de FORMAN, Milos - *One Flew Over the Cuckoo's Nest.* 1976 - https://www.youtube.com/watch?v=FRjHhTOyDOg
20. *frame* retirado de FORMAN, Milos - *One Flew Over the Cuckoo's Nest.* 1976 - https://www.youtube.com/watch?v=FRjHhTOyDOg
21. http://lh5.ggpht.com/-IPjI-pKPewk/T-bnyWFVW7I/AAAAAAAAZRc/0nAJN6h0Vgw/s1600-h/Enfermaria-de-pos-parturientes.12.jpg
22. http://lh6.ggpht.com/-EbeYsDwbS0I/T-bnxSSyzTI/AAAAAAAAZRM/yZAuji2bRIc/

s1600-h/Sala-de-Partos6.jpg
23. http://www.britannica.com/event/influenza-pandemic-of-1918-1919
24. http://www.flickr.com/photos/elgincountyarchives/4384455969
25. https://br.pinterest.com/pin/835840012062311676/.jpg
26. https://pt.pinterest.com/pin/515240013589598610/.jpg
27. http://www.timenthoven.nl/binnenskamers.html
28. http://www.timenthoven.nl/binnenskamers.html
29. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan.cellule.chartreuse.Clermont.png
30. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan.chartreuse.Clermont.png
31. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.205959p/resource/.jpg
32. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.138374p/resource/.jpg
33. desenhos trabalhados pela autora de SEQUEIRA, Marta - *Le Corbusier e as casas dos monges brancos*. São Paulo, 2014, no âmbito do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, p. 13.
34. desenhos trabalhados pela autora, de SEQUEIRA, Marta - *Le Corbusier e as casas dos monges brancos*. São Paulo, 2014, no âmbito do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, p. 17.
35. imagem trabalhada pela autora, de https://aprendizesdepedreiro.blogspot.pt/2014/01/cartuxa-de-galluzzo-florenca-e-cartuxa.html
36. *frames* retirados de LYN, Euros - *Black Mirror*. 2011.
37. *frames* retirados de LYN, Euros - *Black Mirror*. 2011.
38. *frames* retirados de LYN, Euros - *Black Mirror*. 2011.

**três.**
**abstracção programática, quatro categorias, casos de estudo**

## 1. religião

1. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 33.
2. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 37.
3. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 46.
4. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 44.
5. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret Œvre complète en huit volumes*. 14ª ed. Zurich: Les Editions d'Architecture (Artemis), 1995 - volume 7, p. 43.
6. desenhos trabalhados pela autora de https://www.pinterest.pt/pin/539798705319256943/
7. http://www.chriseckersley.co.uk/section658739.html
8. desenhos da autora
9. desenho da autora
10. desenhos da autora
11. http://www.utopies-realisees.com/uk/pages/5-sites/fiche-site/couvent-tourette,3.html
12. https://uk.pinterest.com/pin/452400725051344875/
13. https://www.pinterest.pt/pin/430516045613535524/
14. https:// www.google.pt/imgres?imgurl=https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/95/81/35/95813508cf0b428147a21991b9d3ec32.jpg&imgrefurl=https://uk.pinterest.com/elenamarco14/living-spaces/&h=720&w=478&tbnid=YQGUmqKYu7vtuM&tbnh=276&tbnw=183&usg=__IGNXQucHpsqkLQDhGW9v_7H3rVw=&hl=pt-PT&docid=n4eCEAgx9gbioM
15. desenhos da autora
16. https://www.pinterest.pt/pin/408701734904009556/.jpg
17. https://uk.pinterest.com/pin/49680402119841178/
18. https://www.pinterest.pt/pin/527765650056994611/.jpg
19. http://archiobjects.org/couvent-de-la-tourette-le-corbusiers-masterpiece-or-something-else/.jpg





## 2. punição

20. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.color.361697c/resource/.jpg
21. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.206013p/resource/.jpg
22. desenho trabalhado pela autora, de http://www.easternstate.org/contact/press-room/photos/1971-plan
23. http://www.easternstate.org/contact/press-room/photos/industrial-building
24. http://www.easternstate.org/contact/press-room/photos/surveillance-mirrors
25. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.color.361702c/resource/.jpg
26. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.color.215055c/resource/.jpg
27. http://mancinidesignbuild.blogspot.pt
28. desenhos da autora
29. desenho da autora
30. desenhos da autora
31. http://www.joecarlinephotography.com/eastern-state-penitentiary1/.jpg
32. http://www.flickr.com/photos/russdavidphotos/4193807983
33. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.205971p/resource/.jpg
34. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.206000p/resource/.jpg
35. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.205952p/resource/.jpg
36. http://www.loc.gov/pictures/item/pa1207.photos.205953p/resource/.jpg

## 3. saúde

37. CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 45.
38. CAETANO, Eduardo - *O Internamento em Hospitais: Elementos Tecnológicos*. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 48.
39. https://pt.pinterest.com/pin/533676624575611012/.jpg
40. https://pt.pinterest.com/pin/557390891361191579/.jpg
41. https://pt.pinterest.com/pin/537054324286654093/.jpg
42. https://pt.pinterest.com/pin/6192518214022451/.jpg
43. http://www.alvaraalto.fi/net//paimio/paimio.html
44. http://www.alvaraalto.fi/net//paimio/paimio.html
45. https://pt.pinterest.com/pin/356769601707526902/.jpg
46. desenhos trabalhados pela autora, de http://archigraphie.eu/wp-content/uploads/2012/05/Aalto-Sanatorium-Paimo.jpg
47. desenhos da autora
48. https://pt.pinterest.com/pin/458311699554936667/.jpg
49. http://www.hospitecnia.com/Tipologia-Hospitales-Generales/Documentos/Sanatorio-Paimio/id-Lbjbicedhjjhbbi.xsql
50. desenho da autora
51. desenhos da autora
52. https://pt.pinterest.com/pin/97882991881212816/.jpg
53. https://pt.pinterest.com/pin/485051822350437688/.jpg
54. http:/ lisboasos.blogspot.pt/2010/03/pavilhao-de-seguranca-museu-do-hospital.html
55. fotografia da autora
56. fotografia da autora
57. fotografia da autora
58. fotografia da autora
59. fotografia da autora
60. fotografia da autora
61. http://lisboasos.blogspot.pt/2011/03/ve-com-preocupacao-situacao.html
62. desenho trabalhado pela autora, de http://www.cm-lisboa.pt
63. fotografia da autora
64. desenhos da autora
65. desenhos da autora
66. desenho da autora
67. fotografia da autora

## 4. residência alternativa

68. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 55.
69. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 119.

70. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 118.
71. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 118.
72. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 40 e 41.
73. CALLE, Sophie - *L'Hôtel (LIVRE V)*. Actes Sud, 1998, p. 38 e 39.
74. https://pt.pinterest.com/pin/380483868493999089/.jpg
75. https://pt.pinterest.com/pin/62065301085191483/.jpg
76. http://www.steinerag.com/flw/Artifact%20Pages/PhRtNakomaFurn
77. https://pt.pinterest.com/pin/391109548867261698/.jpg
78. https://pt.pinterest.com/pin/335447872229358497/.jpg
79. desenho trabalhado pela autora, de http://3.bp.blogspot.com/-UCfvBp_YvW4/UQfl77eNfxI/AAAAAAAAJTw/b1t5pR7jRAI/s1600/wright+Imperial_hotel_tokio.jpg
80. http://www.tate.org.uk/art/artworks/calle-the-hotel-room-28-p78301
81. http://www.tate.org.uk/art/artworks/calle-the-hotel-room-47-p78300
82. *Frank Lloyd Wright Monograph 1914-1923*. Tokyo: A. D. A. EDITA, 1985, p. 80.
83. desenhos da autora
84. desenhos da autora
85. desenhos da autora
86. desenhos da autora
87. http://www.steinerag.com/flw/Artifact%20Pages/PhRtNakomaFurn
88. https://pt.pinterest.com/pin/557390891364935885/.jpg
89. http://www.greatbuildings.com/buildings/Erdman_Hall_Dormitories.html
90. http://arch3611fa09arodriguez.blogspot.pt/2009_09_01_archive
91. http://www.greatbuildings.com/buildings/Erdman_Hall_Dormitories.html
92. http://www.greatbuildings.com/buildings/Erdman_Hall_Dormitories.html
93. desenhos trabalhados pela autora, de RONNER, Heinz - *Louis I. Kahn: Complete work: 1935-1974*. 2ª ed. Basel: Birkhäuser, 1987, p. 168.
94. http://repository.brynmawr.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=erdman_docs
95. desenho da autora
96. http://projectdormroom.blogs.brynmawr.edu/files/2014/01/brennalevitin_erdman.jpg
97. http://projectdormroom.blogs.brynmawr.edu/files/2013/03/shannonstussy_erdman.jpg
98. http://projectdormroom.blogs.brynmawr.edu/files/2016/01/pialopez_erdman.jpg
99. desenhos da autora
100. desenho da autora
101. desenhos da autora
102. https://pt.pinterest.com/pin/379287599843767011/.jpg
103. Grupo pab - *Orfanato Municipal de Amsterdam | Amsterdam Orphanage: arquitecto | architect: Aldo Van Eyck*. Barcelona: ETSAB/upc Departamento de proyectos arquitectónicos de Barcelona, p. 12.
104. Grupo pab - *Orfanato Municipal de Amsterdam | Amsterdam Orphanage: arquitecto | architect: Aldo Van Eyck*. Barcelona: ETSAB/upc Departamento de proyectos arquitectónicos de Barcelona, p. 10.
105. https://www.flickr.com/photos/trevorpatt/16041812283/in/photolist-qrytUp-sYXta-sYXtb-e1GYLe-jpJZoz-sYXtd-bJyYNa-8ZnpH5-6848hX-qtKKjd-5VJj38-7x6nQp-NGz5T-egrLbY-sYXtg-dkQZqT-7c2d2P-4qYUtH-3625yN-pPxNfa-pSUJN1-qPKzA8-i2xAA4-dqUdhZ-3KuZio-4qYUCB-4pJsBL-VoiSV-ngPJxz-7LTMui-5i8nNW-9fecRC-7YiYiz-fXPB3y-occord-dZuKjP-fHCWCn-7YncGG-7YiY1g-GtG39i-fnHiNy-7YncNU-4r41u9-7YiXTp-7YiYdF-zb6gR-4qgxaP-MpPJR-7YiYoT-8fm3SB
106. https://www.pinterest.pt/pin/469429961136788802/
107. https://architecturedesignprimer.wordpress.com/2012/10/28/3-reasons/
108. https://www.flickr.com/photos/klaasfotocollectie/16068325147/in/photolist-qtUnfK-ab3wvv-SNueWB-UazKVQ-5HqTBf-DaFgqo-brWfNo-gdams-CLKvL4-7e6D4h-QFhygN-4qgxdn-gdakU-UG2GZJ-fXPG8V-df2CpP-9LhRLZ-qLngYm-pT8K3H-pT8J6n-pSUJkC-dqUoqN-qLnh1L-jQGLZG-qrytUp-sYXta-sYXtb-e1GYLe-jpJZoz-sYXtd-bJyYNa-8ZnpH5-6848hX-qtKKjd-5VJj38-7x6nQp-NGz5T-egrLbY-sYXtg-dkQZqT-7c2d2P-4qYUtH-3625yN-pPxNfa-pSUJN1-qPKzA8-i2xAA4-dqUdhZ-3KuZio-4qYUCB
109. desenhos trabalhados pela autora, de https://www.pinterest.pt/pin/291608144596818561/.jpg e Grupo pab - *Orfanato Municipal de Amsterdam | Amsterdam Orphanage: arquitecto | architect: Aldo Van Eyck*. Barcelona: ETSAB/upc Departamento de proyectos arquitectónicos de Barcelona, p. 7.
110. https://pt.pinterest.com/pin/480055641506998589/.jpg
111. https://pt.scribd.com/document/136435093/Aldo-Van-Eyck-Orfanato-Amsterdam-Pp
112. https://www.flickr.com/photos/klaasfotocollectie/16254639336/in/photolist-qLngYm-pT8K3H-pT8J6n-pSUJkC-dqUoqN-qLnh1L-jQGLZG-qrytUp-sYXta-sYXtb-e1GYLe-jpJZoz-sYXtd-bJyYNa-8ZnpH5-6848hX-qtKKjd-5VJj38-7x6nQp-NGz5T-egrLbY-sYXtg-dkQZqT-7c2d2P-4qYUtH-3625yN-pPxNfa-pSUJN1-qPKzA8-i2xAA4-dqUdhZ-3KuZio-4qYUCB-4pJsBL-VoiSV-ngPJxz-7LTMui-5i8nNW-9fecRC-7YiYiz-fXPB3y-occord-dZuKjP-fHCWCn-7YncGG-7YiY1g-GtG39i-fnHiNy-7YncNU-4r41u9
113. STRAUVEN, Francis - *Aldo Van Eyck the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998, p. 301.
114. desenhos da autora
115. https://pt.scribd.com/document/136435093/Aldo-Van-Eyck-Orfanato-Amsterdam-Pp
116. desenho da autora
117. desenhos da autora

**quatro.**
**considerações finais**

. do (pré)conceito à redefinição

1. esquema da autora, cujos desenhos trabalhados pela própria já se encontram referenciados na respectiva categoria
2. imagens trabalhadas pela autora, de https://www.google.pt/maps e Google Earth
3. esquema e desenhos da autora



cinco. referências bibliográficas